

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO VI

HOMENAGEM AO PROF. PIERRE DAVID
VOLUME I



COIMBRA / 1955

Prof. Cónego Pierre David

Trabalhos inéditos e bibliografia

A 30 de Março de 1941, chegava a Coimbra um sacerdote irancês, que, a pedido do Instituto Francês em Portugal, fora enviado pelo seu Governo para reger Literatura Provençal na Faculdade de Letras. Era Pierre David.

Salvo um restrito número de pessoas, ninguém suspeitava que aquele padre, sempre modestamente vestido, bondoso e humilde, de olhar baixo, atitudes despreocupadas, mas um tanto bruscas, e de linguagem às vezes cáustica, era um dos maiores medievistas deste século, de nome já consagrado nos meios científicos internacionais pelos notáveis trabalhos que publicara na França, em Roma e na Polónia.

Esta modéstia e bondade, aliadas a uma profunda e vasta cultura que punha à disposição de todos que a ele recorriam, captaram, bem depressa, a admiração e o respeito das pessoas que em Portugal contactaram com ele.

A mesma admiração e respeito conquistou na Polónia, onde, na opinião do Prof. B. Hamel, Pierre David foi «l'incarnation des plus hautes vertus du clergé français», e na França, no dizer do seu colega de Grenoble, cónego J. Vernay: «Pierre David (...) ce grand savant, si ennemi de la publicité, et ce saint prêtre, si dévoué et si édifiant».

Razão tinha, por isso, o Bispo de Grenoble, que conhecia Pierre David desde jovem, ao sintetizar nestas breves mas expressivas palavras a figura do ilustre sacerdote: «C'est un vrai savant, gloire de l'Église et de la France».

Afeiçoando-se a Portugal e fazendo de Coimbra o novo centro da sua actividade científica, Pierre David consagrou os últimos 14 anos de vida a estudar a nossa Idade Média, resolvendo, ou pelo menos esclarecendo, alguns dos seus mais importantes e intrincados problemas.

Não pretendemos traçar a biografia do ilustre medievista e nosso dedicado e querido Mestre, por já o termos feito, embora resumidamente, noutros trabalhos ().*

Fora do nosso objectivo está também a crítica das suas obras, que já foram apreciadas, com mestria e carinho, pelo seu grande amigo o Prof. Doutor Torquato de Sousa Soares (2).

Limitamo-nos, por isso, a breves referências aos seus trabalhos inéditos e à sua bibliografia.

— Trabalhos inéditos

Quando em Julho de 1939 deixou Cracovia para vir passar as férias na França, Pierre David não suspeitava que pouco depois iria perder a sua biblioteca com a invasão da Polónia.

Numa tentativa de recuperação, de parte pelo menos, dos livros e dos inéditos que ali deixara, obteve, em 1947, autorização do Governo polaco para ir a Cracovia. Não

C1) *Prof. Cónego Pierre David*, separata de «Estudos», ano XXXIV, fase. II, Coimbra, 1956; *U'Abbé Pierre David (Esquisse biographique et bibliographique)*, em «Bulletin des Études Portugaises», t. XIX, Lisboa, 1956; *In Memoriam Prof. Pierre David*, em «Revista Portuguesa de Filologia», t. VII, Coimbra, 1957; *Prof. Pierre David*, em «Diário do Minho», de 25 a 27 de Set. e 4, 14 e 17 de Out. de 1955; *Sábio, apóstolo, profeta e grande francês*, trad. de um artigo do jornal «Le Dauphiné Libéré», (publicada em «Diário do Minho» de 6 de Nov. e 1 die Dez. de 1955; *O Prof. Cónego Pierre David*, e/m «Letras e Artes» de «Novidades» de 20 de Nov. de 1955; e *David, Joseph-Pierre Louis*, em «Dicionário de História de Portugal», vol. I, pp. 781-783.

(2) Ver o artigo anterior deste volume, afliém do vol. II desta *Revista* (1943), pp. 585-597, e do *Buletin des Études Portugaises*, XIX (1956), pp. 313-319.

pôde, porém, realizar a viagem e nada deve ter recuperado, segundo se depreende duma carta que, a 8 de Janeiro de 1948, lhe escreveu um dos directores da Revue d'Histoire Ecclésiastique, de Lovaina:

«C'est qu'en effet je n'ai pas oublié notre première rencontre à Cracovie en 1933! Je regarde aussisi un souvenir reconnaissant de votre collaboration si hautement appréciée à 'la R H £ (*Revue d'Histoire Ecclésiastique*) et au D H G E (*Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques*) (...). Permettez-moi, enfin, d'ajouter que la cessation de votre collaboration au D H G E, — sur tout pour l'histoire de l'Égypte—, nous a causé de bien vifs regrets. 'Sans doute qu'après la perte de votre documentation à Cracovie, il vous est devenu impossible de continuer votre concours, au moins pour ce qui concerne l'Égypte et la Pologne».

Como a estadia de Pierre David na Polónia corresponde ao período da sua maior actividade científica (1921-1939), é de crer que entre a documentação perdida em Cracovia, a que se refere a carta anterior, se contassem numerosos trabalhos inéditos.

Terão sido destruídos? Seriam incorporados nalguma biblioteca particular ou do Estado? Nada conseguimos averiguar.

No espólio que deixou em Portugal, encontraram-se dezenas de pastas com originais dactilografados e manuscritos, correspondendo uns aos trabalhos já publicados, enquanto outros pertenciam a trabalhos em preparação ou eram simples colecções de notas pessoais para os cursos que regia ou para esclarecer dúvidas que lhe haviam sido apresentadas.

As pastas estão organizadas por assuntos, que se podem classificar em: a) históricos; — b) histórico-litúrgicos; — c) canónicos e hagiográficos; — d) literários; — e) de Cultura religiosa.

São muito poucos os inéditos que se encontram em condições de vir a público, porque a maior parte das pastas contém apenas notas tiradas pelo autor para futuros trabalhos, que a morte lhe não permitiu ultimar.

Dada a profunda e vasta cultura de Pierre David em assuntos medievais, essas notas podem, não obstante, prestar grande auxílio aos especialistas, como já aconteceu com as relativas à Ordem de Cister em Portugal, que foram utilizadas com muito proveito por Dom Maur Cocheiril, O. C.: «Ao meu mestre, o cónego Pierre David, que me ensinou a amar Cister de Portugal e Alcobaça.» (3).

Indicamos, por isso, os assuntos versados em algumas das pastas, seguindo a divisão atrás referida:

a) Origines chrétiennes des Espagnes; Institutions ecclésiastiques.

Para os principios da nossa nacionalidade têm especial interesse as seguintes pastas: XVIII — Histoire politique (Invasions, La conquête musulmane, Chronologie depuis Pelage, Schema du développement du royaume chrétien, Familles comtales, Territorium Portucalense, Reconquête et repeuplement); XXII — Chartes de Cluny pour l'Espagne et le Portugal (Cluny en Espagne, L'abbaye de Sahagun, Cîteaux, Cîteaux en Portugal, Chapitres cathédraux, Chanoines réguliers, Chanoines réguliers au Portugal, Roc Amadour en Espagne et en Portugal); XXV — Histoire après 1080 (La réorganisation hiérarchique au XI^e et au XII^e s. dans la Péninsule Ibérique, Vita Geraldi, Maurice Bourdin, etc.), e a referente às escolas da Europa desde «L'école hellénistique et romaine» até às «Écoles au Portugal de la fin du XI^e s. à la fin du XIII^e» (Les

(3) \Cister em 'Portugal, 1965, ip. 11.

grands centres intellectuels; L'organisation juridique et économique des écoles; le programme encyclopédique, etc.).

Para uma futura edição crítica da carta do cruzado inglês R. sobre a conquista de Lisboa em 1147, pode prestar bom auxílio o exemplar da edição publicada em 1936 por José Augusto de Oliveira, que pertenceu a Pierre David, por este lhe ter feito muitas correções da leitura do texto do manuscrito e lhe ter acrescentado notas marginais, além de muitas outras em folhas intercalares.

b) *Calendriers; Hagiologie hispanique; Liturgie antique: gallicane et hispanique.*

c) *Dentro desta rubrica, Pierre David deixou quase concluído um estudo sobre o Concílio de Coiança, que lhe serviu de tema para uma comunicação ao Congresso Internacional de Ciências Históricas, reunido em Paris em 1950.*

Está pronto para a Imprensa o texto do concílio, tendo em colunas paralelas as versões de Oviedo e de Vacariça, conforme fez também Garcia Gallo ().*

O estudo, que abrangia a «Préréforme grégorienne», os «Conciles réformateurs», a data e natureza do concílio de Coiança com a crítica às duas versões existentes, etc., embora em adiantada elaboração, não está pronto para vir a público.

E é pena, porque devia ser um trabalho notável, sobretudo pela maneira original como Pierre David via o problema, segundo se depreende dos passos seguintes.

⁽⁴⁾ *El Concilio de Coy onza. Contribución al estudio del Derecho canónico español en la Alta Edad Media, (Madrid, 1951, pp. 14-30.*

L« Concile de Coyança

Conservé en deux textes nettement différents: .ruin, transmis par le *Liber testamentorum* d'Oviedo, fl. 62 v.-63 v., oeuvre de l'évêque Félage, o fabulero (1100-1129), et reproduit par la plupart des manuscrits (...), c'est le texte d'Oviedo (...).

Tenu généralement pour le plus authentique, celui de Vaca ri ça serait un remaniement sans autorité.

Texte de Coimbra, ou plutôt de Vaicariça, apporté par Randalphe, moine de Vacariça', et transcrit dans le cartulaire de la Sé de Coimbra, *Livro Preto*, 1160 environ, fol. 216-218.

Reproduit dans Mansi, *ibid.*, 789-794, et *P or tu g. Mon. Historica, Leges*, p. 137.

Le texte (authentique est celui de Vaiaatriça. CdM d'Oviedo a été remanié par Félage, qui a mis au lieu le nom de l'évêque d'Oviedo au lieu de celui de Lugo, et qui a altéré le texte, en en faisant disparaître les traits caractéristiques à l'adoption des disciplines romaines.

Bien que convoqué par le roi et la reine (fille d'Alphonse V) c'est avant tout un concile de réforme ecclésiastique (...).

Nous tenons le texte de Coimbra pour original.»

É digno de nota o facto de a opinião de Pierre David sobre a autenticidade do texto de Vacariça e a refundição do de Oviedo para o adaptar à disciplina romana ter sido recentemente defendida por um especialista em Direito Canónico medieval, Gonzalo Martínez-Díez, S. J. (5).

Há também certa identidade entre a opinião de Pierre David e a de Gonzalo Martínez-Díez quanto à existência de um só concílio de Compostela no tempo de Fernando Magno e quanto às relações deste com o de Coiança.

Pierre David sintetiza o seu modo de ver nestas palavras:

«Conciles de Compostelle 1060, 1063, etc., trois textes, qui paraissent des remaniements d'un seul. L'un d'eux semble aussi remanié

(5) *El concilio compos tel ano del reinado de Fernando I*, em «(Anuario de Estudio) (Medievales)», il, Barcelona, 1964, ipp. 121-138.

pair Oviedo. Ce isoinit 'des remiainliemanitis dsui Cooctile 'de Coyainça. (...). «Ces 'Canoïles (s'il y etn «a eu. deux) isoinit des rédactions à peine m'adifiíeB 'de celui. de Coyainça».

d) *Entre os manuscritos literários merecem reterenda os que tratam do latim medieval, da «Versification métrique et tonique», do cursus; Fonética e gramática provençáis; Légendes épiques, origines; Graal-Table Ronde; Arthur dans la légende galloise et bretonne; Toponímia e Hagiotonímia das dioceses de Grenoble e de Viena, etc.*

e) *Para os «Cours supérieurs de Culture religieuse», que durante anos regeu na Escola Normal Social de Coimbra, Pierre David redigiu e distribuiu esquemas policopiados, que, pelo método, rigor científico e desenvolvimento, bem mereciam ser publicados.*

Esses esquemas (num total de cerca de quatrocentas páginas policopiadas) abrangem uma grande diversidade de matérias que, directa ou indirectamente, interessam à cultura religiosa:

L'Apologétique; La création; L'Écriture Sainte;
L'Église; Le Dogme; Les Sacrements; Les Symboles;
La Morale; Doctrine et pratiques sociales; Philosophie, etc.

Como amostra de que o Autor era um espirito aberto às modernas descobertas científicas, embora tomasse como norma este princípio: «Ne pas prendre la plus récente théorie pour la vérité définitive», damos os títulos das lições sobre a Criação, cujos esquemas ocupam 34 páginas:

I. La Création; II. Matière et Esprit; Théories physiques actuelles sur la matière; III. Physique ato-

mique et radioactivité — Les théories actuelles sur la constitution de la matière — La théorie physique et la foi; IV. La vie et l'évolution; V. L'origine de l'espèce humaine et l'évolution; VI. La créature humaine (le corps et l'âme); VII. L'Âme — Union de l'âme et du corps; VIII. Liberté et responsabilité de la personne humaine; IX. L'ordre surnaturel; X. Le péché originel — essence et conséquences.»

II — Trabalhos a publicar

Entre os trabalhos inéditos (“) encontram-se alguns já dactilografados para a impressão. Não se podem dizer, todavia, plenamente elaborados, porque Pierre David, além de não ser bom dactilógrafo (como se pode ver pelas gravuras 1 e 2), fazia acréscimos e alterações diferentes nas diversas cópias do mesmo original, o que torna difícil saber qual era a sua redacção preferida.

Por isso é preciso, em certo modo, reconstituir o texto crítico, reunindo os elementos dispersos pelas várias cópias dactilografadas e notas manuscritas.

Julgamos, ainda assim, dignos de vir a público os três trabalhos seguintes:

1) Généalogies Dauphinoises

Deste trabalho existem duas cópias dactilografadas (74 páginas), mas com diferentes correcções e aditamentos em cada uma delas.

Do prefácio conduise que o Autor começou este trabalho quando estava em Roma e que pensou em desistir

(6) O iPxtof. Torquarbo de Sousa Scxames publica algumas notais inédita»
nc artíga anterior.

dele, após a publicação das obras de Georges de Manteyer (7).

Na dúvida se estaria inédito ou não, consultámos o Rev. Louis Bassette, de Grenoble, que nos informou: «Il n'y a aucune publication intitulée Généalogies Dauphinoises à la Bibliothèque de Grenoble, sous le nom de Pierre David.

Le texte dactylographié que vous avez trouvé paraît donc inédit. Quelle en est la valeur? C'est ce que j'ignore, bien entendu».

Ê natural que este trabalho precise de ser actualizado por algum especialista francês com novos dados relativos às famílias estudadas nos seus cinco capítulos: I — Les Rostaing; II — Les Augilboud; III — Les Clerieu; IV — Les Guignes; V — Les Isam.

Publicamos, por isso, apenas o Prefácio, em que o Autor dá o plano e finalidade do seu trabalho.

GÉNÉALOGIES (DAUPHINOISES)

Préface

L'histoire des formations politiques et territoriales au cours du haut moyen âge se confond à peu près avec l'histoire des familles qui luttent dans le morcellement du monde carolingien pour se dégager et se donner une assiette terrienne. Là prennent une importance plus grande à mesure que les perspectives s'éclairent, les recherches généalogiques, naguère menées presque exclusivement pour des revendications héraldiques. Aussi la méthode de ces recherches s'est-elle singulièrement perfectionnée. M. de Manteyer en a fait une application, particulièrement heureuse à l'histoire de nos

(7) *Les Origines de la Maison de Savoie en Bourgogne (910-1060)*, Rome, 1899; *Les Origines du Dauphiné de Viennois*, 2 vols., 1^{er} éd. de 1925.

provinces par ses mémoires successifs sur *Les Origines de la Maison de Savoie en Bourgogne*, sur *la Provence du I^{er} au XI^e siècle* et sur *Les Origines du Dauphiné de Viennois*. M. L'abbé Chaume a renouvelé par ces mêmes méthodes, enrichies de nouvelles expériences et ramenées à des formules précises, l'histoire des *Origines du Duché de Bourgogne*.

Des études commencées au cours de belles années romaines, hélas déjà lointaines, et orientées par des travaux de M. de Manteyer, m'avaient amené à des conclusions assez suggestives sur les origines de plusieurs grandes familles dauphinoises, particulièrement du Viennois méridional. ODI m'a paru d'abord que les plus récents travaux de cet historien sur la première race des Oauphiens rendaient tout à fait superflu l'exposé des résultats que j'avais obtenus: il montre en effet où je pensais le voir de berceau des comtes d'Albon.

D'une part cependant mes conclusions diffèrent des siennes sur tel point secondaire. Par ailleurs j'envisage tout un groupe de familles alliées, qui se développent de concert sur les deux rives du Rhône, en Vivarais, au pays de Tournon et d'Annonay, dans la région de Romaniens autour de 'Saülnt Bernard. Il eût été l'importation de cette abbaye n'a-t-elle pas été nuisible à son jour. C'est là que ces familles paraissent souvent s'être formées: c'est du Viennois méridional qu'elles semblent partir à l'heure de la conquête du 'Gradisivaudain et des vallées alpêtres.

Je me hasarde donc à donner une série de recherches qui portent sur des lignées de premier plan; d'autres pourront suivre dans lesquelles je voudrais m'attacher à certaines familles secondaires qui ont évolué dans l'orbite des premières, envahissant peu à peu la vallée de la Basse Isère, les collines du Sermorens, et le pays grenoblois.

La méthode a été exposée par M. l'abbé Chaume dans un appendice à son premier volume sur les *Origines du Duché de Bourgogne*. On aura tout profit à s'y reporter. Je me bornerai ici à signaler les trois indices principaux qui m'ont servi à reconstituer, non sans une part de conjecture, la généalogie de ces familles.

L'indice onomastique est fondé sur le fait que le nom suit le sang: l'attribution des noms se fait selon des règles discernables et permet d'établir entre des lignées de rang égal l'existence d'une parenté, la relation sera de fratrie ou de vassalité quand les noms passent à des groupes de rang inférieur.

L'indice topographique renforce le premier: si les mêmes noms reparaissent rattachés aux mêmes doimiaiines où à des domaines rapprochés, on aura le droit de conclure à *l'a parenté avec plus d'assurance.

On peut appeler indice -diplomatique, faute d'un mot plus satisfaisant, celui qui tient compte du rapprochement des mêmes noms dans -les documents qui enregistrent les libéralités, les fondations religieuses et en généra! les icontraits. Le 'consentement donné aux ventes et donations, l'assistance ccimimre itémiolinis et la signlaiture, surtout quand ces interventions se répètent et sont réciproques, attestent normalement la parenté ou l'alliance.

Não se publica o texto porque, como dissemos, deve precisar de ser actualizado.

- 2) Lição proferida na inauguração do curso do instituições eclesiásticas medievais na Faculdade de Letras de Coimbra em 1941

C'est avec des sentiments complexes que je viens d'entendre les paroles pair (lesquelles M. le professeur Oamiião Peres, -Directeur die cet Institut, a bien voulu me présenter, sentiments complexes¹ mais où domine une grande confusion et un peu de crainte.

Je voudrais bien mériter, au moins en partie, les propos elogieux dont il m'a comblé; ainsi j'entreprendrai avec une plus entière confiance une collaiboration si honorable aux travaux de l'ilnislitiitudo de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos.

Je sulis déjà habitué à cdtte propriété des coutumes unilversditaires de 'Coïmibre qui sa:ilt si bien associer une parfaite bonne grâce à la parfaite dignité.

Vous avez, M. le Professeur, 'évoqué cette carrière errante qui m'a promené du Tibre à la Vistule et de la Visitule au Mondego, pour ne rien dire de la Sdiin-e et de mon Rhône naltal. Oes étapes pourraient aussi être marquées par île 'bonheur que j'ai eu- de vivre auprès de garbs esprits — Ulysse Chevalier, érudit, auteur de *Répertoire des Sources Historiques du Moyen Age*; Paul Pournier, qui devait enfin faire accueillir dans les Universités françaises renseignement de *Y Histoire du Droit Canonique et des Institutions Ecclésiastiques*; Louis DuChesne, parfait écrivain, grand historien par la profondeur et -la» 'Clarté, «eît prêtre d'une toi profonde, qui ta pris

le mial dont il devait mourir d'iamis la modeste église romaine diains laquelle çl célébrait sia messe devant quelques pieuises femmes plutôt que d'Utliser te 'dhiaipdll'e prilnicière du palais Flaainèse.

iMa dernière étape mte mené ici tau iconltact mota d'une autre culture mai® de nouveaux imiafltres', eít j'espère bien m'être país encore trop rouillé pour y aprendre quelque Chose, car je prétends être jusqu'au çbout un vieil étudiant.

Pierre qui roule m'amasse pas mousse, dit un vieil proverbe; la pierre qui je suliis aura pourftam/t atmiasslé Un peu de mousse soienitifque et il m'a qu'ume ambitiom, c'est d'en faire profiter, si possible, les jeunes travailleurs.

iC'est ainiisl qu'la pris iniadissamice d'idée de unie faire une peltiite place à côté des maîtres de oelt Ininisitiltult: jie vouis dois en premier lieu de dire de quelle façon je 'comprends cette tâche.

iLa vtie du Moyen Âge se déroule daims le cadre 'des imist'fùurtrions chrétiennes; sa pensée est à l'école de la pensée chrétienne, et ce n'est pas seulement dans les mots, mais dans la réalité que le clerc s'identifie avec le lettré et le savant.

iL'entrée des peuples dans le cadre du vieux imomde méditerranéen est marquée par .la date de leur (baptême. Pour me prendre qu'un exemple, la paroisse s'est développée dans les cadres- du domaine gallo-romain, mais an revanche la naissance de la vie municipale est inséparable de la vie paroissiale et les premières délibérations communes des habitants se sont déroulées à l'ombre des 'églises et oint «eu pour objet principal les nécessités matérielles du culllte elt de la bienfaisance.

La littérature du Moyen Âge est égâlememit fille de l'Eglise, ou plutôt on se oomdarmerait à mal icomprendre l'Origine et l'évolution des genres purement littéraires eux mêmes — le drame, l'épopée aussi bien que la lyrique courtoise—, si on négligeait de tenir compte des influences réciproques dont l'Église est le centre.

çL'auteur die la *Chanson de Roland* non seulement parle la langue des clercs, mais encore il est pénétré des textes bibliques et liturgiques. 'Le théâtre sort de la mise en scène des principaux mystères des Chrétiens, la Résurrection et la Nativité d'abord, de la vie des saints en suite et le grand Corneille lui-même se ratache encore à cetçte tradition.

J'ai >eu l'occad'on ces jours-ci encore de montrer aux étudiants qui suivent mes leçons de littérature provençale que les plus anciens

monuments s'inspirent en même temps de textes latins hagiographiques et liturgiques et de chansons populaires en langue vulgaire par lesquelles de peuple se récréait, en dansant, entre les offices liturgiques des jours de fête.

C'est encore beaucoup plus vrai des documents historiques eux mêmes. Les *Annales* sortent des intotes que les olereis inisdnivaient dans les tables pascales ou listes chronologiques des années du cycle, destinées ia fournir pour chaque aminée ila diaite de la fête de Pâque.

Les irtécrolloigeis ou obiitu'alires oint été icomposiés en premier lieu pour les besoins d'un office quotidien dans (lequel les communautés monastiques et canoniques commémoraient leurs bienfaiteurs, après avoir mentionné des saints du jour inscrits au martyrologe.

Les pluis .anciennes chroniques ont été réd'igées dans les monastères. Les vies des isaiMts, qui isoient pour tant de périodes obscurs des presque uniques documents qui nous fournissent des vues sur la société, ont été ntaiturellement l'oeuvre des 'oleras, répondant à un besoin strictement ecclésiastique.

Sans les cartulaires, combien peu subsisteraient des diplomes auxquels meus devons tant de nos conniaisisalnoeis de génieaflogie, d<e droit, d'histoire sociale!

Au 'Moyen Âge, 'l'Église eslt à peu près la seule mémorialiste, soit qu'elle écrive les fastes de la Cité de Dieu, l'es exemples et les miracles des saints, soit qu'elle veuille garder, pour accomplir ses engagements spirituels, la mémoire de iseis bienfaiteurs, soit que plus prosaïquement elle entende conserver — parfois amplifier — les titres de ses libertés 'et de ses propriétés.

Tout 'écrivain qui respecte son public s'iinterdit de parler d'une science, dont il ignore les éléments, ou d'une institution, dont id connaît mal des fondements et d'b'istoiire. C'esit le fâcheux privilège des choses redig'euses d'être presque les seules dont les publicistes trop souvent parlent sans autre information que de vieux souvenirs du catéchisme de leur enfance. Miais le temps eslt loin, heureusement, où des 'écrivains, prétendant au titre d'historien, s'inspiraient seulement des préjugés de l'amour et plus souvent de ceux de la haine pour juger 'du rôle de 'l'Église idhrtétieninie dans te paisisié, apprécier ses institutions, interpréter ses doctrines.

Les -bonnes méthodes et da probité scientifique ont fait de telles conquêtes que, quelle que soit l'attitude intime des historiens par rapport aux valeurs spirituelles que le 'Christianisme propose, ils

ne se permettent pas d'aller parler sans une information qu'ils s'efforcent de rendre aussi complète et sereine que possible.

Le rôle de l'Église dans l'Histoire des deux millénaires qui s'achèvent, surtout depuis son triomphe dans le monde romain, est si important qu'une synthèse historique n'est concevable sans en tenir un juste compte. Mais c'est encore beaucoup plus vrai quand on étudie le Moyen Âge. On peut dire que, pendant plus de mille ans, l'Église chrétienne tient dans l'Histoire des sociétés autant de place que la mère au foyer domestique.

Les àniconivértientlis qui résulteraient d'une séparation de principe entre l'histoire profane et laïque et la connaissance approfondie des institutions Chrétiennes sont évidents dans toutes les branches de l'histoire, qu'il s'agisse de l'histoire ecclésiastique, de l'histoire sociale, de l'histoire (des lettres et des arts).

■Et, malgré les progrès que je reconnais il y a un instant, on est souvent encore amené à constater que certains problèmes mal posés s'expliquent par une connaissance encore insuffisante chez de très grands érudits des institutions ecclésiastiques.

Quelques exemples, les premiers qui me viennent à l'esprit:

Pour ne pas avoir distingué entre la consécration d'un autel et la dédicace d'une église, des historiens de l'art n'arrivent pas à fixer exactement la date de l'achèvement de tel grand édifice religieux; faute de savoir comment étaient constitués les offices liturgiques rimés et rythmés, en vogue depuis le XI^e siècle, faute de reconnaître que les leçons historiques étaient toujours en prose, mais que le mot *historia* signifiait en liturgie le sens de réponses «et pouvaient être rimés, le grand romaniste Gaston Paris a indûment émis tel document d'où il a pu conclure que la légende du roi Arthur était assez largement répandue avant que Geoffrey de Mammouth ait composé son *Historia regum Britanniae*.

(Dans le même ordre de l'Histoire littéraire, une théorie concernant les dernières formes de la légende du Saint Graal a eu un très grand succès depuis une vingtaine d'années. Selon cette théorie, exposée par Pauphilet et acceptée par un aussi grave savant que Étienne Gilson, ce seraient les Cisterciens qui auraient donné à la Quête du Saint Graal ce caractère profondément chrétien et hautement mystique qui a fini par régner sur l'ensemble même d'un cycle dont les origines sont à certains égards inquiétantes.

Pourquoi les Cisterciens?

Par ce qu'il a souvent dans ces légendes de clercs vêtus de blanc, de blanches abbayes.

Comme de nos jours le moine blanc est par excellence le Cistercien, on a hâtivement conclu à l'influence décisive des disciples de Saint Bernard dans cette évolution littéraire. On n'a pas pris garde que, si au Moyen Âge les Bernardins sont en effet vêtus de noir — *monaci nigri*, le blanc est la couleur ordinaire du costume ecclésiastique, simples prêtres, ermites, idhaniainies (réguliers, ermites isolés ou groupés en colonies, comme les chartreux ou les Camaldules, et toutes les si nombreuses organisations de chanoines réguliers.

En fait, c'est plutôt aux chanoines réguliers de Saint Augustin que les auteurs du Moyen Âge pensent, en parlant de blanches abbayes et de clercs vêtus de blanc. Quant aux Cisterciens, au premier siècle de leur existence, ils sont appelés non moines blancs mais moines gris — *grisei*, parce qu'ils portaient, comme les premiers Franciscains, des tuniques de laine brute, non foulée ni teinte.

Laissez-moi donner encore un exemple d'erreur qu'une connaissance plus approfondie de l'Histoire religieuse aurait évitée.

Nous avons pour le sixième et le septième siècle de très précieuses vies de saints moines de (Bourgogne et de Lorraine. L'éditeur de ces vies dans les *Monumenta Germaniae Historica* Bruno Krusch, érudit de très grande envergure, a pris à tâche de prouver que ces œuvres sont tardives, et n'ont pas été écrites avant le VIII^e ou le IX^e siècle.

La vie d'un certain Saint Amat de Remiremont est précieuse parce qu'elle nous permet de voir par quelles réactions le monde ecclésiastique latin du VII^e siècle a assimilé la spiritualité monastique irlandaise, importée par Colomban de Luxeuil, élimine ce qui était étrange ou trop étrange ou ce qui reflétait des institutions trop étrangères, et prépare enfin de la sorte la fusion de ce mysticisme irlandais et de la ferme raison bénédictine.

Or nous lisons dans la vie de Saint Amat qu'il se fit lire à son lit de mort la lettre par laquelle le pape Saint Léon avait en 452 définie la foi de l'Église sur les deux natures du Christ. Ce trait selon Krusch ne peut être autre chose que l'invention d'un clerc du IX^e siècle après la renaissance des études du temps carolingien, car, dit-il, au VII^e (vers 627) en Gaule se souciait de la controverse sur les deux natures.

Or il se trouve qu'un incident grave de cette époque, lié aux efforts entrepris par les empereurs de Byzance pour éteindre les divergences religieuses, avait excité dans les milieux religieux de l'Italie du nord et de la France de l'est une vive inquiétude et un zèle nouveau pour la lettre de Saint Léon.

On pourrait multiplier les exemples.

Or il existe d'excellents manuels pour toutes les sciences auxiliaires de l'histoire, l'épigraphie, la paléographie, la chronologie, la diplomatique. Les étudiants qui suivent les cours de cet Institut reçoivent sur tous ces points un enseignement à l'élève d'exigences de la science. Il est établi aussi une intime collaboration entre les historiens et les juristes et on trouve des traités d'institutivité de droit, grâce auxquels l'étudiant trouve à sa portée les données nécessaires pour l'intelligence des faits et l'interprétation des documents.

Mais cette collaboration n'est pas encore entrée dans les habitudes en ce qui concerne les institutions ecclésiastiques. Cet enseignement ne sort pas des séminaires et des facultés de Théologie, et on doit chercher à grande perte de temps les éclaircissements nécessaires dans des Encyclopédies, dont au surplus l'usage pour être fructueux suppose des connaissances déjà approfondies.

Ce sont ces tâtonnements et ces pertes de temps que je voudrais épargner, dans la mesure du possible, aux étudiants, à qui pourra intéresser le cours qui s'ouvre aujourd'hui.

Je ne prétends faire un cours de Théologie ni un cours de Droit Canonique «ni même un cours d'histoire ecclésiastique.

Ce mot institutions, je l'entends dans son double sens — Institution signifie d'abord introduction, initiation «élémentaire à une science; c'est dans ce sens que les Juristes connaissent les Institutions de Gaius.

Par institutions on entend aussi les formes extérieures, stables, dans lesquelles se réalise, dans ses aspects et ses fonctions diverses, la vie d'une société.

Ce que je prétends proposer ici c'est une initiation des étudiants d'histoire, des futurs archivistes, destinée à leur rendre intelligibles les formes extérieures de la vie de l'Église dans son développement historique médiéval. Mon ambition n'est pas d'être nouveau ni original, ni même hélas! d'être complet.

Au cours de leçons sans appareil, sauf, autant que possible, *Y apparatus historicus*, je voudrais donner une orientation, un guide,

un précis, sans autre prétention que celle d'être utile laïcs étudiants, en leur épargnant des recherches et l'e gaspillage des précieuses heures de leur jeunesse. Ce fialisait, j'ie siens que je tiens dans là une des plus belles traditions de *Yaima mater Conimbricensis*.

fil s'agira, en premier lieu, de donner la signification exacte des termes, des mots par lesquels se désignent les institutions ecclésiastiques. Je dirai la différence entre un Sacramentaire, un Missel, un Pontifical; j'enseignerai à distinguer une (église d'une basilique et surtout à distinguer la basilique du haut Moyen Âge de celle d'aujourd'hui, car ce mot ne désigne pas au XX^e siècle la même chose qu'au VII^e. À distinguer entre un décret et une décrétale, entre un synode et un concile, entre l'archevêque, le primat et le métropolitain.

En second lieu, ou plutôt en même temps, je tâcherai de marquer l'origine et les étapes des institutions tout le long du développement historique général, non seulement pour indiquer les synchronismes, mais surtout pour noter les influences réciproques à leur date.

Par exemple, nous verrons comment, par l'exigence interne des doctrines et l'exigence extérieure des événements, (le mode de l'élection du pape aboutit à la procédure actuelle du conclave. Nous verrons comment les chefs des paroisses et des institutions de bienfaisance de Rome, progressivement associés à l'exercice du pouvoir universel des papes, aboutissent à constituer le collège cardinalice; comment des anciens groupements d'ascètes solitaires ou cenobites sont sortis de puissantes institutions monastiques, comme l'Okunyo ou Cîteaux.

•Le programme que j'ai soumis à MM. les Directeurs de cet Institut n'est pas limitatif; la légitime curiosité des étudiants -et la logique interne du travail pourront m'amener à développer certains points, à en aborder d'autres.

Et je fais appel, dès à présent, à cette collaboration des étudiants.

Quand les cheveux blanchissent et que les yeux se fatiguent, on pense parfois au peu que l'on a produit et aux vastes projets que l'on avait formés, et on se rend compte que les livres et les mémoires, qui vieilliront et sortent un jour des bornes dépassées, sont sans doute moins importants et moins féconds que la tâche qui consiste à contribuer à la préparation, à l'équipement scientifique des jeunes travailleurs, en leur réservant des heures de recherches et en leur épargnant des heures de travail.

Les vieux sages -disaient mélancoliquement *Ars longa, vita brevis*, mais le travail n'est pas oeuvre individuelle et égoïste. C'est l'oeuvre

de l'équipe dans laquelle le coureur fatigué passe son flambeau à des champions nouveaux, qui iront plus loin à condition de ne pas recommencer la route déjà parcourue — *et quasi cursores scientiae lampadam tradunt*.

Je veux emprunter une autre comparaison à l'un des plus aimables représentants de l'humanisme du XII^e siècle, Bernard de Chartres: «Ceux qui viennent après nous verront sans doute plus loin que nous, mais ce sera un peu parce que nous leur aurons fait la courte échelle et prêté le seocums de nos éparuffles».

3) La Prophétie de Malachie sur la succession des Papes

Este estudo crítico sobre a pseudo-profecia de Malaquias é o inédito mais importante que encontramos no espólio literário de Pierre David.

Conservase em dois exemplares dactilografados, o original e a respectiva cópia, mas à primeira redacção o Autor juntou posteriormente novas folhas dactilografadas para completar e, em certos casos, refundir parte do primitivo texto. Este último facto deu em resultado haver diversas folhas com a mesma numeração, que o Autor distinguiu apondo-lhes bis ou ter, como 12, 12 bis, 12 ter.

Rasuras e novos aditamentos manuscritos vieram alterar ainda mais o texto dactilografado.

Não obstante estes sucessivos retoques, o Autor julgava o seu trabalho inacabado, a avaliar por algumas notas a lápis, nomeadamente a que se refere à profecia relativa à sucessão dos imperadores bizantinos, onde escreveu: «Manque ici le Téléspore de Cosenza et la moderne prophétie en France», como transcreveremos na p. CXXI.

Devia ter, além disso, intenção de completar e actualizar a bibliografia, porque, junto do original dactilografado, deixou oito folhas com notas manuscritas referentes à bibliografia sobre a profecia de Malaquias, o abade Joaquim, Pedro João Oliva, «Le moine de Padoue», Arnaldo

de Vilanova, o papa Clemente XII, os Observantes, os Espirituais, Alcantarinos, Recoletos, Reformados, etc.

Os leitores podem fazer ideia aproximada do estado em que se encontra o original pelas gravuras 1 e 2, de cujo cotejo ressalta também a maneira de trabalhar do Autor — rasurava aqui, emendava acolá; num dos exemplares do original juntava um aditamento, que ampliava ou refundia no outro.

Como, infelizmente, o Autor morreu sem dar forma definitiva ao seu trabalho, tivemos de o reconstituir, aproveitando todos os elementos dispersos que nos pareceram corresponder à sua última redacção e respeitando as emendas feitas por ele. Do critério seguido podem os leitores julgar cotejando as gravuras 1 e 2 com a transcrição do texto correspondente.

Permitimo-nos corrigir apenas os erros devidos a gra-lhas no texto dactilografado, como «Cîteaux» e «Núncio», em vez de «Citeaux e «Nuncio», que se encontram nos N.º 37 e 40.

Este trabalho destinava-se a ser publicado em Portugal e vertido para a nossa língua, como o demonstram, à saciedade, os factos seguintes:

1) *O próprio Autor traduziu para português tanto as divisas como o respectivo comentário de Chacón.*

2) *Dá-nos também em português os nomes de alguns pontífices (N.ºs 1 a 5 e 10), os termos correspondentes a certas palavras francesas, italianas e latinas, como péage — portagem (N.º 28), escae — comida (N.º 30), Bento, bênção (N.º 32), condonator — pregador (N.º 33), Visconti — Viscondes (N.º 40), pilæ — pélas, arruelas (N.º 65), etc.*

3) *Pierre David aproveitou todos os ensejos para pôr em realce o que pudesse interessar a Portugal, como ao referir-se a Alexandre III — «c'est lui qui reconnut enfin*

à Alfonse Henriques le litre de roi» (N.º 9); *a João XXI* — «C'est le pape portugais Pedro Juliani, né à Lisbonne vers 1210, médecin de Grégoire X et nommé par ce pape à l'évêché de Tusculum» (N.º 26); *aos manuscritos da profecia de Telésforo de Conenza* — «La Bibliothèque Municipale de Porto en conserve un, provenant de Sainte Croix de Coïmbre, sous le número 834. Ce manuscrit contient d'autres prophéties de la même farine, très en faveur auprès des Sebastianistes» (N.º 45, nota 1); *ao hábito azul dos cónegos de S. Jorge de Alga, igual ao dos* «chanoines réguliers de Saint Jean Evangéliste (Loios) au Portugal, affiliés à cette Congrégation vénitienne» (N.º 52), *e à suposta vinda de um rei salvador* — «cette même espérance est au fond des rêveries portugaises et espanholes sur l'Encoberto» (P- 52).

4) *Reconhecendo que não podia escrever português correcto (o que aliás se verifica pelo exame de alguns dos passos que traduziu), tencionava pedir a quem corrigisse e sua versão e traduzisse o resto do texto. Como esta versão não devia abranger as citações feitas pelo Autor, escreveu ao lado da do Abbé de Vallemont a seguinte nota: «Não traduzir» (Cír. p. CXVI).*

Do que acabámos de dizer conduise que este trabalho de Pierre David não estava ainda na forma definitiva e, por isso, não podemos exigir dele a perfeição das obras que publicou em vida.

Mas, não obstante as deficiências dele por estar inacabado, julgamos ser mais vantajoso trazê-lo a público do que deixá-lo inédito.

Este trabalho não está datado, mas bastam os factos citados nas alíneas 1) a 4) para concluir que a sua redacção só principiou depois de o Autor chegar a Portugal, nos fins de Março de 1941.

A análise intrínseca do estudo leva, porém, à convicção de que foi redimido entre os princípios de 1944 e os princípios de 1945, bastando citar duas afirmações do Autor:

— 1) «*Nous avons montré dans un travail récent (...) Sentiers dans la forêt du Saint Graal, Coimbra, 1943*»;

— 2) «*Son nom (...), ses armes, la colombe de la paix, paraissent la promettre à la pauvre humanité, déchirée par la plus effroyable guerre de l'histoire*» (8).

Este trabalho é, portanto, posterior ao estudo sobre o Santo Graal, saído nos fins de 1943, e anterior ao fim da guerra, que já se aproximava «.. .colombe de la paix, paraissent la promettre...» e que, de facto, acabou em 1945.

LA PROPHÉTIE DE MALACHIE SUR LA SUCCESSION DES PAPES

ÉTUDE CRITIQUE

Une importante partie de l'humanité n'apprécie pas à sa valeur le bienfait d'ignorer l'avenir : tout vaticinateur qui se vante de l'annoncer aura des auditeurs, et je ne parle pas seulement des voyantes extralucides; tout document qui se donne comme une prophétie aura des lecteurs fanatiques dont aucune déconvenue ne découragera la confiance. ¶Particulièrement aux heures troubles ou tragiques, on voit surgir de toutes parts les révélations, anciennes ou nouvelles, sur les lendemains.

Nous voyons Nostradamus revenir périodiquement à la mode; les énigmes qu'il a posées à la postérité sollicitent sans cesse de nouveaux Edipes. Un de ses contemporains, qui le connaissait bien, presque son compatriote, médecin comme lui, le Briainçonnois Laurent Vedel publiait, à Avignon, peu d'années après la parution des *Centuries* (1556-1559), une *Déclaration des abus, ignorances et* (*)

(*) Ver adiante pp. CXX e CXXV.

sédition de Michel N ostradamus. On lit Nostradamus ; Laurent Vedel est oublié. Etienne Jodelle lança* son distique latin:

Nostra damus, cum falsa damus, nam fallere nostrum est,
Et dum falsa damus, nil nisi nostra damus.

mais ceux qu'il a pu détromper ne lui auront pas survécu. On peut montrer que le mage de Sabon a mis en quatrains Sybillins l'histoire anecdotique de soin temps, que, par exemple, lorsqu'il parle des prêcheurs de Genève, il pense aux huguenots et non à la 'Société des nations; rien n'empêchera alléguer les *Centuries* pour expliquer et annoncer l'histoire d'aujourd'hui et de demain.

La prétendue «prophétie sur la succession des papes attribuée à Saint Malachie, archevêque d'Armagh en Irlande, ne trouve pas se9 croyants dans les mêmes milieux que Nostradamus; mais elle est probablement plus célèbre encore. Aucun historien de l'Église ne l'a jamais prise au sérieux, depuis Ciaicomius, qui vivait quand elle fut publiée pour la première fois (1595), jusqu'à notre contemporain 'Pastor. Un excellent érudit, le «P. Claude François Menestrier, en a marqué des 1689 les sources et le caractère; om me permettra de cilter le debuit de sa dissertation, écrJte sous forme de lettre:

«Voici, Monsieur, une occasion favorable pour vous tenir la parole que je vous avais donnée depuis longtemps, de désabuser le monde des prétendues prophéties de «la succession des papes, attribuées à Saint Ma'lachie... La mort du pape Innocent XI vient de réveiller l'empressement de ceux qui vont chercher dans ces prédictions faites à plaisir îles signes par lesquels ils croient pouvoir découvrir qui sera élu Pape dans le conclave qui se tient à présent.

L'on a déjà fiait des conjectures sur le *Poenitentia gloriosa*, qui est, dans cette légende des futurs pontifes, le titre qui suit immédiatement celui de *Bellua insatiabilis*, par lequel on veut que le Pape defuJnt ait 'été prédit. Ce sotn)t «cas quoi belts extravagants que j'entreprands de réfuter, et je ne puis assez m'étonner que des personnes de bon sens aient pu donner quelque créance à ces fadaïses et que quelques écrivains modernes en aient renouvelé «le souvenir en les faisant revivre dans leurs écrits.»

L'étonnement du judicieux Père Menestrier — lequel, disons-'le

en passant, tenta aussi de ruiner le prestige de Nostradamus, dans sa *Philosophie des images énigmatiques* (1694) —cet 'étonnement, dis-je, est toujours de saison, 'et ce n'est pas seulement au temps des conclaves que le pseudo-Malachie occupe le tapis et fait gémir les presses.

En toute fausse prophétie il est un point crucial, qu'un peu d'attention permet de reconnaître: il est un point où la vaticination cesse de coïncider avec les évènements antérieurs à la date réelle de sa composition, -et commence à divaguer dans un avenir que le prétendu voyant imagine au gré de ses espoirs, de ses rêves, de ses passions. D'ordinaire, en effet, H'auto, pour accréditer ce qu'il annonce sur l'avenir, met en style prophétique une certaine tranche du passé. Le point de suture entre la tranche de passé et la tranche d'avenir fixe la date de la composition. On verra ci dessous que pour le pseudo-Malachie, cette tranche tombe dans les mois d'octobre ou novembre 1590.

Si j'écris ce travail au lieu de rééditer simplement, une fois de plus, la dissertation de Menestrier, ce n'est pas seulement parce qu'il est intéressant de montrer que la prétendue prophétie est aussi extravagante depuis 1689 qu'elle l'était entre cette date et 1590. L'étude que j'ai été amené à faire, quand des travaux plus urgents ne requéraient pas tout mon temps, sur les courants de la pseudo-prophétie au moyen âge m'a mis à même de déterminer la place du faux Malachie dans ces courants, et de retrouver la source à laquelle il a puisé certaines devises et en particulier les douze dernières; celles-ci, en effet, présentent, comme aussi la quarante-cinquième, un caractère qui les différencie nettement du reste et qui leur confère un vif intérêt, l'un pour le présent (la connaissance de l'avenir, mais à celui de l'intelligence d'un curieux aspect du passé).

Je ne me fais aucune illusion, j'écris (pour les gens qui ont le désir de savoir la simple vérité sur un texte fameux, non pour ceux que rien ne fera renoncer à l'idée qu'ils disposent d'un flambeau pour sonder l'avenir et jeter un rayon dans le mystère -des derniers temps du monde. Le pseudo-Malachie a 'encore quelques dizaines d'années, une vie d'homme, un siècle peut être, à jouer ce rôle -excitant et consolateur. Quand les six devises qui restent seront épuisées et que cependant les temps continueront à se dérouler, les souverains pontifes à se succéder, nos petits¹ neveux

■laisseront peut-être tomber le pseudo-'Ma'lachie dans l'oubli où repose depuis c.'iniq 'siècles urne lautre prophétie sur 'la sucesion des papes que Ton 'appelait le *papaliste*.

Est-il besoin d'ajouter que cette pièce, «Ville trouve crédit 'auprès de gens sincèrement religieux, n'est garantie par aucune déclaration, je dirai même par aucune attitude de l'autorité ecclésiastique? En ces matières il arrive que l'Église intervienne pour condamner les productions dans lesquelles se manifeste un dangereux esprit de secte; dans les autres cas, elle se borne -à ignorer, laissant à la critique historique le soin de faire l'a lumière 'et marquant son sentiment par le seul fait qu'elle ne donne à ces productions aucune place dans sa prière et dans sa vie.

I

LE TEXTE ET SON HISTOIRE

Nous devons d'abord mettre sous les yeux du lecteur le texte des cent-douze devises dans sa forme originale ⁽⁹⁾, avec sa traduction en portugais. Nous le divisons en trois parties, pour les raisons que le commentaire mettra en évidence.

1

- | | |
|----------------------------------|-------------------------|
| 1. <i>Ex castro Tiberis.</i> | — Do castelo do Tibre. |
| 2. <i>Ininrticuê expulsus.</i> | — O iimimigo expulso. |
| 3. <i>Ex magnitudine montis.</i> | — Da grandeza do monte. |
| 4. <i>Abbas Suburranus.</i> | — O Abade de Suburra. |
| 5. <i>De rure albo.</i> | — Da campanha ibranca. |
| 6. <i>Ex tetro cárcere.</i> | — Da tetrica 'prisão. |
| 7. <i>Via transiberina.</i> | — A rua do Transtévere. |

i⁽⁰⁾ On rencontre dans les ouvrages qui reproduisent ce texte, des variantes généralement insignifiantes, sauf Tune ou l'autre qui seront signalées. Elles tiennent à ce que les auteurs ont travaillé sur des copies manuscrites, le livre d'AIMOUM WION étant devenu de bonne heure assez rare. Wion lui-même a probablement mal lu sa copie au moins dans un cas, celui de la devise: *Ex interno pregnante*, n.º 45, et peut-être pour la devise n.º 41: *Novus de virgine torti*.

- | | |
|---|---|
| 8. <i>De Pannonia Tusciae.</i> | — Da Pawámila de Tosca jna. |
| 9. <i>Ex ansere custode.</i> | — Do ganso guardião. |
| 10. <i>Lux in ostio.</i> | — Luz nia 'porta-. |
| 11. <i>Sus in cribro.</i> | — O porco (javali) no crivo. |
| 12. <i>Ensis Laurentii.</i> | — A espada de Lourenço. |
| 13. <i>De schola exhibit.</i> | — Da escola sairá. |
| 14. <i>De rure Bovensi.</i> | — Da campanha bovina (ou de Bovo). |
| 15. <i>Comes signatus.</i> | — Conde signado (marcado). |
| 16. <i>Canonicus ex latere.</i> | — Cónego do 'lado. |
| 17. <i>Avis ostiensis.</i> | — Ave de Óstia. |
| 18. <i>Leo sabinus.</i> | — Leão sabino. |
| 19. <i>Comes Laurentius.</i> | — Conde Lourein-ço. |
| 20. <i>Signum Ostiense.</i> | — Signo de Óstia. |
| 21. <i>Jérusalem Campaniae.</i> | — Jerusalém da Champanha. |
| 22. <i>Draco depressus.</i> | — Dragão esmagado. |
| 23. <i>Anguineus vir.</i> | — Homem serpentino. |
| 24. <i>Condonator Gallus.</i> | — Pregador gaulês. |
| 25. <i>Bonus comes.</i> | — Bom conde. |
| 26. <i>Piscator Tuscus.</i> | — (Pescador de Tusculum. |
| 27. <i>Rosa composita.</i> | — Rosa composta. |
| 28. <i>Ex telonio liliacei Martini.</i> | — Da tesouraria de Martinho dos lírios. |
| 29. <i>Ex rosa leonina.</i> | — Da rosa leonina. |
| 30. <i>Picus inter escas.</i> | — O picanço entre os alimentos. |
| 31. <i>Ex eremo celsus.</i> | — Elevado do ermo. |
| 32. <i>Ex undarum benedictione.</i> | — Da bênção das ondas. |
| 33. <i>Condonator patareus.</i> | — Pregador de Patara. |
| 34. <i>De fasciis aquitanicis.</i> | — Das faixas da Aquitania. |
| 35. <i>De sutore osseo.</i> | — Do sapateiro ósseo. |
| 36. <i>Corvus schismaticus.</i> | — Corvo cismático. |
| 37. <i>Frigidus abbas.</i> | — Abade frio. |
| 38. <i>Ex rosa atrebatensi.</i> | — Da -rosa de Arras. |
| 39. <i>De montibus Pammachii.</i> | — Dos mcotes de Pammiachio. |
| 40. <i>Gallus vicecomes.</i> | — Visconde gaulês. |
| 41. <i>Novus de Virgine forti</i> ⁽¹⁰⁾ . | — Novo da Virgem forte. |
| 42. <i>De cruce apostólica.</i> | — Da cruz apostólica. |

(10) É possível que deva ler-@e: *Nova do Virgine iortis.*

- | | |
|--|--|
| 43. <i>Luna cosmedina.</i> | — Lua cos-medina. |
| 44. <i>Schisma barcinonicum.</i> | — Cisma de Barcelona. |
| 45. <i>De inferno pregnante</i> ⁽¹⁾ . | — Do inferno grávido. |
| 46. <i>Cubus de mixtione.</i> | — Cubo de mistura. |
| 47. <i>De meliore sidere.</i> | — Do melhor astro. |
| 48. <i>Nauta de Ponte nigro.</i> | — Nauta de Negropon/to. |
| 49. <i>Flagellum solis.</i> | — Flagelo do sol. |
| 50. <i>Cervus sirenae.</i> | — Gamo de sereia. |
| 51. <i>Columna Veli aurei.</i> | — Coluna do véu de ouro (do Velabro). |
| 52. <i>Lupa celestina.</i> | — Loba azul. |
| 53. <i>Amator crucis.</i> | — Amante da cruz. |
| 54. <i>De modici tat e lunas.</i> | — Da pequenez da lúa. |
| 55. <i>Bos pascens.</i> | — Boi pastando. |
| 56. <i>De capra et albergo.</i> | — Da cabra e do albergue. |
| 57. <i>De cervo et leone.</i> | — Do gamo e do leão. |
| 58. <i>Piscator minorita.</i> | — Pescador da Ordem dos Fra-
des Menores. |
| 59. <i>Praecursor Siciliae.</i> | — O precursor da Sicilia. |
| 60. <i>Bos albanus in portu.</i> | — Boi de Albano no porto. |
| 61. <i>De parvo homine.</i> | — Do homem pequeno. |
| 62. <i>Fructus Jovis juvabit.</i> | — O fruto de Júpiter ajudará. |
| 63. <i>De craticula politiana.</i> | — Da grelha de Policiano. |
| 64. <i>Leo Florentius.</i> | — Leão Florencio. |
| 65. <i>Flos pilarum</i> ⁽¹²⁾ . | — Flor das pélas. |
| 66. <i>Hyacinthus medicorum.</i> | — Jacinto dos médicos. |
| 67. <i>De corona montana.</i> | — Da coroa dos montes. |
| 68. <i>Fruentum floccidum</i> ⁽¹³⁾ . | — Trigo felpudo. |
| 69. <i>De fide Petri.</i> | — Da fé de Pedro. |
| 70. <i>E seul apii pharmacum.</i> | — Medicamento de Esculápio. |
| 71. <i>Angelus nemorosus.</i> | — Anjo dos bosques. |
| 72. <i>Medium corpus pilarum.</i> | — Meio corpo das pélas. |
| 73. <i>Axis in medietate signi.</i> | — O eixo no meio do signo. |
| 74. <i>De rore caeli.</i> | — Do orvalho do céu. |

⁽¹⁾ Lire ainsi au lieu de: *de interno pregnani*; voir ci dessous le commentaire <pp. XCVIII-C).

⁽¹²⁾ Lire ainsi au lieu de *flos pilae*, ou *flos pilei aegri*.

⁽¹³⁾ Lire ainsi au lieu de *irumentum flaccidum*.

2

- | | |
|--|--|
| 75. <i>Ex antiquitate urbis.</i> | — Da -antiguidade da cidade. |
| 76. <i>Pia civitas in bello.</i> | — A pia- cidade em guerra. |
| 77. <i>Crux Romulea.</i> | — Cruz romúlea (de Romulus). |
| 78. <i>Undosus vir.</i> | — Homem das ondas. |
| 79. <i>Gens perversa.</i> | — Raça perversa. |
| 80. <i>In tribulatione pacis.</i> | — Na tribulação da paz. |
| 81. <i>Lilium et rosa.</i> | — Lírio e rosa. |
| 82. <i>Jucunditas crucis.</i> | — Alegria da cruz |
| 83. <i>Montium custos.</i> | — Guardião dos montes. |
| 84. <i>Sidus olororum.</i> | — Astro dos cisnes. |
| 85. <i>De flumine magno.</i> | — Do rio grande. |
| 86. <i>Bellua insatiabilis.</i> | — Fera insaciável. |
| 87. <i>Poenitentia gloriosa.</i> | — Penitência gloriosa. |
| 88. <i>Rastrum in porta.</i> | — O ancinho na «porta. |
| 89. <i>Flores circumdati.</i> | — Flores em redor. |
| 90. <i>De bona religione.</i> | — Da boa religião. |
| 91. <i>Miles in bello.</i> | — Soldado em guerra. |
| 92. <i>Columna excelsa.</i> | — Col-una elevada. |
| 93. <i>Animal rurale.</i> | — Animad rural. |
| 94. <i>Rosa Umbriae.</i> | — Rosa da Ombría. |
| 95. <i>Ursus ve/ox⁽¹⁴⁾.</i> | — Urso veloz. |
| 96. <i>Peregrinus apostolicus.</i> | — Peregrino apostólico. |
| 97. <i>Aquila rapax.</i> | — Águia rapace. |
| 98. <i>Canis et coluber.</i> | — Cão e cobra. |
| 99. <i>Vir religiosus.</i> | — Homem religioso. |
| 100. <i>De balneis Etruriae.</i> | — Dos banhos de Etrúria. |
|
 | |
| 101. <i>Crux de cruce.</i> | — Cruz da cruz. |
| 102. <i>Lumen in coelo.</i> | — Luz do céu. |
| 103. <i>Ignis ardens.</i> | — Fogo ardente. |
| 104. <i>Religio depopulata.</i> | — A ordem despovoada ⁽¹⁵⁾ . |
| 105. <i>Fides intrepida.</i> | — Fé intrépida. |

>⁽¹⁴⁾ iA lição *Visus velox* não passa d-e um erro de leitura.

⁽¹⁵⁾ Esta tradução será justificada no comentário da terceira parte (p. CXX).

- | | |
|---|-----------------------------------|
| 106. <i>Pastor angelicus.</i> | —Pastor angélico. |
| 107. <i>Pastor et nauta.</i> | — Pastor e nauta. |
| 108. <i>Flos florum.</i> | —Flor das flores. |
| 109. <i>De medietate lunae.</i> | — Da metade da Lua. |
| 110. <i>De labore solis.</i> | —Do trabalho do Sol. |
| 111. <i>De gloria olivae.</i> | —Da glória da oliveira. |
| 112. <i>Et in persecutione extrema</i> | — Na última perseguição da |
| <i>sacrae Romanae ecclesiae</i> | Santa Igreja romana, ocupará |
| <i>sedebit Petrus Romanus,</i> | a sede Pedro o Romaino, que |
| <i>qui pascet oves in multis</i> | apascenará as ovelhas em |
| <i>tribulationibus, quibus tran-</i> | muitas tribulações, passadas as |
| <i>saetis, civitas septicolis di-</i> | quais, a Cidade das sete coli- |
| <i>ruetur, et iudex tremendus</i> | nas será destruída e o Juiz |
| <i>judicabit populum.</i> | tremendo julgará o povo. |

Que savons nous du Mailachie auquel ces devises sont attribuées? Inutile de rappeler qu'il ne s'agit pas du prophète Malachie, de l'Ancien Testament, bien que, peut-être, ce rapprochement n'ait pas été étranger à l'esprit de l'auteur; voulant accréditer l'oeuvre, il a pu choisir, pour la lui attribuer, un personnage de l'histoire ecclésiastique dont le nom même évoquait le don de prophétie.

Ce personnage est Malachie O'Morghoir, né à Armagh en Irlande, entre 1090 et 1100; il fut l'abord abbé de Bengor, puis évêque de Coninor, dans le Nord-Est de l'Ile. Il travailla efficacement à introduire dans l'Église d'Irlande la discipline romaine. Élevé au siège d'Armagh, il se rendit à Rome vers 1135, sous Innocent II, pour obtenir le pallium des archevêques. Peu après il renonçait à ce siège -pour se consacrer tout entier à son oeuvre de mission et d'organisation ; il créa de nouvelles paroisses dans la région de Connor et installa dans la ville de Down un siège épiscopal, dont il fut le premier titulaire; il groupa aussi des ermites et des clercs en congrégation de chanoines réguliers.

Malachie était en relation avec l'abbaye cistercienne de Clervaux; on a trois lettres que lui écrivit saint Bernard pour lui recommander les fondations cisterciennes d'Irlande. C'est à Clervaux qu'il mourut dans la nuit du 1^{er} au 2 novembre 1148, au cours d'un nouveau pèlerinage à Rome; il avait annoncé à ses frères irlandais qu'il ne reviendrait pas de son voyage sur le con-

tiient et qu'il ne verrait pas la fin de cette année. À Cl'e-rvaaix même, il avait prévu le jour et l'heure de sa mort; cette clairvoyance fit line grande impression sur les 'témoins de sa fin 'bienheureuse; !le souvenir s'en maintint dans la tradition cistercienne; miaiis ceinte tradition, pas plus que la 'tradition irlandaise, ne lui attribue aucune autre prophétie.

Saint Bernard prononça à l'occasion de ses funérailles deux sermons, qui ont 'été conservés; composa 'son 'épitaphe et écrivit sa biographie (16).

Aucun auteur contemporain de Malachie ne lui attribue de prophétie sur la succession des papes ni sur l'avenir de l'Église; aucun auteur du moyen âge ni du XVII^e siècle, jusqu'à 1595, ine connaît la série des devises, ne signale de tradition attribuant à Malachie des prophéties sur -ce thème ou un thème analogue. (Dans la littérature pseudo-prophétique qui foisonne particulièrement entre 1200 et 1500, (reviennent sans cesse les noms des autorités -en la matière, Merlin, Léon l-e Sage, Joachim de Flore, Permite Cyrille, et j'en «passe; jamais on n-e rencontre -dans ce voisinage le nom de Malachie. Une prophétie sur les papes depuis Nicolas III jusqu'à l-a fin des temps, a connu, en plusieurs recensions successives, une large diffusion jusque vers le milieu du XV^e siècle; on l'appelait le *papaliste*, et François Villon en avait entendu parler; mais le *papaliste* diffère totalement de la série attribuée à Mailachde.

'Comment le véritable auteur de cette série de devises a-t-il été amené a> les attribuer à Malachie O'Morghoir? Nous le comprendrons sans doute quand nous aurons procédé à l'analyse critique de son oeuvre. Tout au plus pouvons nous dire, dès à présent, qu'il était peut-être cistercien, -en tout cas familier avec les monuments littéraires de cette famille bénédictine.

A queille époque vivait notre pseudo-prophète ?

Ouvrons l'histoire -des papes. Le 27 septembre 1590 mourait, avant son couronnement, Jean-Baptiste Castagna, élu le 15 du

l⁽¹⁶⁾ Sermons die S. Bernard, *Patrologie latine*, t. 'GLXXXliH, col. 481-490. — Vie -de Malachie, *ibidem*, t. CLXXXfH, 1073-1078. — Les lettres 341, 356, 357 dfi S. Bernard, *ibid.*, t. IGLXXXII, col. 545 <ert 588, sont adressées à son «ami irlandais. — Sur Thistoire de (Malachie, voir dans les *Acta Sanctorum*, t. I«I d-e Novembre, pp. 135-142, de *Commentarius praeivius* du P. Joseph de Backer.

<Le pape Clément XII inscrivit (Malachie au nombre des saints en 1189.

même mois, et qui avait pris le nom d'Urbain VIII. Le conclave qui devait lui donner un successeur dura deux mois; c'est seulement le 5 décembre que fut élu le cardinal de Sainte Cécile, Nicolas Sfondrati de Milan, qui prit le nom de Grégoire XIV.

Or, jusqu'ici et y compris Urbain VIII, tous les personnages qui figurent dans la prophétie, au nombre de septante-quatre, sont désignés par des devises qui s'appliquent à eux avec une entière précision. Non pas que ces devises expriment la physionomie morale et religieuse, le rôle historique de ces pontifes. Elles sont calquées, non sur la réalité, mais sur la connaissance imparfaite que l'on en avait à cette époque. L'auteur les a prises dans l'histoire des papes publiée en 1556 par Onofrio Panvini de Vérone.

Les travaux de Panvini sur l'histoire des papes posent un petit problème bibliographique assez compliqué: il n'est pas hors de propos de le tirer au clair, ce qui aura l'avantage de fixer les idées sur la valeur de l'ouvrage utilisé par le pseudo-Malachie. Né à Vérone en 1529, Onofrio Panvini entra dans l'Ordre des Ermites de Saint Augustin et fut, très jeune encore, chargé d'un enseignement théologique; mais ses goûts le portaient vers l'archéologie et l'histoire. Son protecteur, le cardinal de Sainte-Croix Marcello Cervini, le futur pape Marcel VIII, l'orienta, vers l'histoire ecclésiastique alors qu'il avait à peine vingt-cinq ans. Quatre ans plus tard, en 1556, parut à Venise un in folio sous le titre: *Onophrii Panvini Veronensis Ordinis Eremitarum Sancti Augustini De vitis Pontificum a Sancto Petro ad Paulum IV*. Le livre était une oeuvre hâtive dont l'auteur n'avait pas mesuré ses forces; on lui en montra les défauts et il se hâta de le désavouer, aisurément que la publication avait été faite «sans sa permission et à son insu par un Mantornan de ses amis. Sans retard il fit paraître à Venise, 1557, un in quarto intitulé *Epitome Romanorum Pontificum a Sancto Petro ad Paulum IV, gestorum videlicet electionisque singulorum et conclavium compendiosa narratio, Cardinalium item nomina, dignitatum tituli, insignia, patria et obitus*. L'*Epitome* corrigeait certaines erreurs du *De vitis*, mais restait loin de la perfection. Panvini s'en rendait compte et cette hâtive publication de jeunesse pesa sur toute sa vie scientifique, d'ailleurs trop courte. Il annonça qu'il préparait sur la vie des papes et des cardinaux un ouvrage définitif; mais il mourut le 15 mars 1568 sans l'avoir fait paraître. Entre temps, et pour calmer, disait-il, les impatiences, il donna

dans les derniers mois de 1567 une édition lainnotée >et corrigée de *Y Historia de vitis Pontificum* de Platina (Daulthoflioimieu Saicchi). Comme cet ouvrage, datant de 1479, s'arrêtait au pontificat de Paul II, Fanvini y joignit les vies des papes de Sixte IV à Téléction de Pie V. Il y ajouta aussi, comme résumé et avant-goût du grand ouvrage promis, uim *Pontificum romanorum Chronicon*, d'environ 70 pages iin-foiio, où scinit corrigée® d'iaubre® erreurs du livre de 1556<¹⁷).

C'est aussi à la fin de 1567 que Fanvini fit paraître divers autres ouvrages d'érudition: un *De Ri tu sepeliendi mortuos apud veteres Christianos et eorumdem cemeteriis liber*, un lexique des termes obscurs de la langue ecclésiastique, suivi d'ufcu traité sur les stations des églises romaines (*Interpretatio multarum vocum ecclesiasticarum quae obscurae vel barbarae videntur, item de stationibus urbis Romae libellus*), enfin un *Chronicon ecclesiasticum a Caii Julii Cæsaris dictatoris imperio usque ad imperatorem Maximilianum II*. Il présente ce dernier ouvrage comme la somme de quinze années d'études et comme le cadre historique de ses futurs travaux. L'année de sa mort (1568) parut à Rome sous son nom *ad vivum æneis typis delineatæ*; dans l'édition dominée à Anvers un ouvrage destiné aux amateurs d'estampes plutôt qu'aux historiens: *Viginti septem Pontificum Romanorum elogia et imagines* en 1572, les estampes sont de Philippe Gallé, graveur spécialisé dans ce genre de production.

Bien que désavoué par l'auteur, le *De Vitis Romanorum Pontificum* de 1556 resta en circulation et fut plusieurs fois réédité après sa mort, par exemple à Louvain en 1572, à Cologne en 1574. La diffusion n'en fut arrêtée que par la publication des *Vitae et res gestae Pontificum Romanorum* de Ciaconius, Rome, 1601.

Ce *De vitis* est le livre qui a servi de source au ps eu do -Ma lac h i e pour les papes de Célestin I*1 à Paul IV; les devises de ces pontifes reproduisent l'ordre suivi par Panvimà, les légendes qu'il a accueillies, les erreurs où il est tombé. Le vatioinateur a jeté sui les notices de Fanvini un regard rapide et superficiel, juste suffisant pour en extraire les éléments des charades puériles dont il se contente.

'Dans un tiers au -moins des cas, l'élément caractéristique est le

(¹⁷) J'â utilisé Tédition damnée a /Cotogme cfoiz Materne Choliin en 1568.

blason; non -toujours le blason authentique des papes, mais celui que Fanvini leur attribue, celui des familles qui, à 'tort ou à raison, prétendaient 'les compter dans leur lignage. D'autres fois, le détail significatif est 'emprunté au nom de famille, au lieu d'origine, aux dignités ecclésiastiques occupées avant le pontificat, aux titres cardinalices, -même à la condition sociale, réelle ou purement 'légendaire; deux ou trois de ces traits sont parfois combinés. De Pie IV à Urbain VII, le vaticinateur construit ses devises selon la même recette, d'après les éléments qu'il connaît lui-même sur ces papes, ses contemporains.

Or après Urbain VH les devises cessent tout à coup de se justifier avec cette préoiision mécanique. La septainite-cinquième devise ne peut en aucune façon s'appliquer -à Grégoire XIV. Mais elle s'applique merveilleusement au cardinal Jérôme Simoneelli; celui-ci, né à Orvieto, avait occupé le siège épiscopal de cette ville. La devise est: *De antiquitate urbis*. Orvieto, en latin c'est *Urbs vetus*, la vieille ville; nous reconnaissons une des recettes favorites du vaticinateur: il a construit la devise comme une charade sur la patrie de ce cardinal, il l'a fait pour -lui. On admet généralement que par là se manifeste l'initenticini qui a présidé à 8) la confection de cette liste: l'auteur aurait voulu favoriser l'élection -de (Simoneelli, en cherchant à montrer que le Saint (Esprit l'avait désigné -depuis plus de quatre cents ans par la voix d'un prophète. -Ce point ne me paraît pas démontré; en effet le vaticinateur n'a pas borné ses prévisions à iSimoneelli; on le verra plus bas, -les trois devises suivantes s'appliquent, selon la même recette, à trois autres cardinaux, membres eux aussi du Sacré Collège en 1590. Il est peu probable que l'auteur des devises ait cru pouvoir -influencer les électeurs pontificaux pour quatre conclaves successifs.

En tout cas, il est -démontré que la liste fut composée précisément pendant le second conclave de 1590. En effet, des quatre cardinaux -dont il avait ainsi fait l'horoscope, aucun ne fut pape; et les vingt six devises de la septante-cinquième 'à la centième ne s'appliquent -plus aux pontifes auxquels 'elles correspondent dans l'ordre des temps. L'automne de 1590 est le point crucial; pour les devises des papes antérieurs, l'auteur remonte le -cours des siècles, son 'Panvini devant les yeux; pour les devises des papes postérieurs, il s'embarque sans pilo¹ te sur les eaux aventureuses de l'avenir. «Il faut les tirer, il faut les forcer; et après des explica-

tions empruntées de fort loin, et doimt on sent bien le peu de justesse, on 'est obligé de reconnaître que la (plupart de ces prophéties ne conviennent pas plus au pape auquel on les applique, qu'au dernier clerc de Rome.» (18).

Sous le nom de «Mallaichiie, «la liste des papes circula à l'état «de manuscrit et tomba peu «après entre les mains d'Arnould Wion, bénédictiin de la 'Congrégation de iPadoue.

Flamand, originaire de Douai (département du Nord, France), Wion avait quitté sa patrie pour se réfugier en Italie lors du soulèvement «des iProtestants des Pays-Bas «contre Philippe II. Il publia à Venise en 1595 un singulier ouvrage, pple:n de fables et de fantaisies, à la gloire de Saint Benoît et de Philippe II, qu'il faisait descendre l'un et l'autre de la glorieuse famille «romaine des *Ánicii*. Cet «ouvrage porte le titre de *Lignum vitae*, l'iArbre de vie, sains doute parce qu'il est conçu comme un arbre généalogique (19). Le livre I comprend le tableau général de l'Ordre Bénédictin. Le livre II contient des notices «sur les papes, les cardinaux, les évêques, les écrivains que la famille bénédictine a donnés à l'Église. Les évêques sont classés par ordre alphabétique des diocèses; saint Malaichie vient à lia lettre D, sous le nom du diocèse de Dowin. Après avoir reproduit la vie du saint écrite par Saint Bernard, Arnould Wion ajoute: «On rapporte que ce saint a- écrit divers opuscules,

(18) L'abbé de Vallemomt, *Éléments de Vhistoire*, (Panis 1702, t. III, ip. 201.

I(19) *Lignum vitæ, ornamentum et decus Ecclesias, in quinque libros divisum in quibus totius sanctissimæ Religionis Divi Benedicti initia, viri dignitate, doctrina, sanctitate ac principatu clari describuntur, et fructus qui per eos Sanctæ Romanæ Ecclesiæ accesserunt fusissime explicantur. Auctore D. Amoldo Wion Belga Duacensi, monacho S. Benedicti de Mantua Ordinis Divi Benedicti Nigrorum congregationis Cassinensis, alias Sanctæ Justinae de Padua. Accesait dilucidado quomodo Principes Austriaci originem ducant ex Anicia Romana familia quae erat Divi Benedicti. Venedis apud Georgium Angelierum MDXÍCV.* La «dédicace est ainsi conçue: «iPilippo IF (Amicio, Probo, Olybrio, Ferficoni, Frangipamio, Hasbuirgio, «Ausbrio, Hispamianuin (Régi Catholico Potentissime et Invictissimo».

Une estampe illustre l'idée du «livre: «au sommet de sept montagnes s'élève un arbre dont saint Benoît esit «la tige; les branches de «droite représentent les familles monastiques issues de saint Benoît; celles de gauche représentent les ordres militaires avec leurs fondateurs, au premier rang desquels est Alphonse Henriques comme fondateur de l'ordre d'Avis; on trouve aussi D. Denys, comme fondateur de l'Ordre du «Christ,

dont je n'ai eimcore jriielm vu, isi ce in'oslt unie cetftlaainie prophétie saur les 'Souverains 'Pontifes; comme elle «est brève, qu'elle jn'ia pas encore été imprimée et que beaucoup de gens désirent la voir, je l'ai 'ajoutée ici-» (20).

À chaicune des 'sqptanite quatre premiieres deviisios, esit joöinibe une courte explication visant à identifier 'les papes correspondants; nous reproduirons ces explications au d'ebut du commentaire de chaque devise. Wion en attribue lia paternité à Ciaconius (21) ; c'est à dire au dominicain espagnol Alfonso Chacón, de Grenade. Ce dernier vivait, en effet, à Rome au moment où parut le *Lignum vitae*; ii préparait sa grande histoire des papes, qui parut après sa mort, en 1601 (22). On peut admettre que Wion lui a soumis ila prétendue prophétie et lui a demandé des 'éclaircissements historiques, comme au spécialiste le plus qualifié. Dans son ouvrage, Chacón ne dit pas un mot de la prophétie de Malachie; aucune note sur ce sujet n'a été retrouvée dans ses papiers que le P. Ambroise de Altamura a dépuillés pour écrire son histoire des écrivains de l'Ordre des Frères Prêcheurs. Il y a plus; les notices des papes que l'on peut lire dans le grand 'ouvrage de Chacón sont souvent en contradiction avec les explications que Wion lui attribue. Il in'y a cependant pais lieu de croire à une mensonge de Wion: il a soumis son texte à Chacón, qui lui aura fourni des notes rapides pour l'identification des papes, d'après Panvini, que le dominicain 'espagnol utilisait constamment pour la préparation de son propre travail; il a pu le faire sans se prononcer sur la valeur de ces devises, ou bien en reconnaître plus tad le véritable caractère, si bien qu'il aura décidé de ne pas en faire état.

On ne peut soupçonner non plus Wion d'avoir fabriqué lui même cette liste; en effet dans ce cas la concordance des devises avec les

i(20) Scripsisse fertur et ipse nonnulla opuscula de quibus nihil hactenus vidi, praeter quamndiam pthaphetaiam die Sum miis (Pontificibus, quia brevis est, et nondum quod sciam excusa, et a multis desiderata, hic a me apposita est.

1(21) Quae ad (pontifices adjecta, non sunt tipsius iMaliachiae, sed R.P.F. Alphonsd Giakonáá Ordinis Praedicatorum, 'hujus prophetiae interpretis.

i(22) 1AUphoms iCiaoonii, O. P., *Vitae et res gestae Pontificum romanorum et S. R. E. cardinalium*. 1.^{er}® édition en deux volumes, Rome 1601. — seconde édition, Rome 1630. — Troisième édition, continuée et augmentée 'en quatre volumes in folio, Rome, 1677.

pontificats historiques ne s'arrêterait pas à Urbain VII et continuerait jusqu'à Clément VIII, régnant en 1595.

Un Cistercien fut le premier à emprunter la pseudo-prophétie à l'ouvrage d'Arnold Wion: c'est Roberto Rusca ⁽²³⁾ qui fit imprimer à Parme en 1603 des notices sur les hommes illustres de l'Ordre de Cîteaux. Mais Angelo Manrique, venant à pailler de Malachie au t. Il de ses *Annales cistercienses* reproche à son confrère d'avoir accueilli ce texte apocryphe eit puéril, indigne d'un saint évêque ⁽²⁴⁾.

A son tour un Irlandais, Thomas de Messingham, directeur du Séminaire de sa nation à Paris, fit place à la prophétie de Malachie dans son *Fiorilegium Insulae Sanctorum Hiberniae*, imprimé à Paris en 1624 chez Sébastien Cramoisy ⁽²⁵⁾. Elle y voisine avec un texte de même acabit, mais plus ancien — le *Purgatoire de Saint Patrios*.

Cependant la prophétie faisait son chemin, trouvant créance dans les mêmes milieux qui s'y attachent aujourd'hui. En 1691 un auteur allemand se plaint que presque tout «le monde y croit: «fast von jedermann angegenommen». 'Dès le milieu du XVII^e siècle la mort d'un pape venait «réveiller l'empressement de ceux qui vont chercher dans ces prédictions faites à plaisir les signes par lesquels ils croient pouvoir découvrir qui sera élu pape dans le Conclave qui se tient...»

Le conclave de 1689, après la mort d'innocent XI, fournit au Jésuite Claude-François Menestrier, hérauldiste et historien estimé, l'occasion de jeter dans le public une réfutation ⁽²⁶⁾. L'auteur donne

1⁽²³⁾ Roberto Rusca, *Compendi di alcuni huomini iliustri Cisterciesi, con Vorigine dei cinque Ordini cavallereschi che vestono Vhabito e osservano le istituzioni cisterciesi, Parma, 1603.*

!⁽²⁴⁾ (Angelo Manrique, *Armales Cistercienses vel potius annales ecclesiastici a condito Cistercio, Lyon, 1642, 4 volumes in folio. 'Au t. II, chap. XXII, § 5, année 1148, Manrique écrit: Robertus Rusca sanctum Pontificem (Malachiam) ascriptoribus enumerat ob oracula quaedam seu praedictiones de Summis Pontificibus ad finem usque mundi successuris, quas ab Arnolde Wionio vulgatas esse transcribit; sed apocryphas, ut conjectare licet, nec satis sapientes gravitatem viri sanctissimi.*

(25) Thomas de Messingham, *Fiorilegium Insulae Sanctorum Hiberniae, quibus accesserunt non vulgaria monumenta, hoc est Sancti Patricii Purgatorium, Sancti Malachiae Prophetiae de Summis Pontificibus, Parisiis, MDCXXIV.*

1⁽²⁶⁾ o. iFr. Menestrier, *Réfutation des prophéties touchant l'élection des papes attribuées à Saint Malachie, Paris, chez La Calille, 1689. Rééditée la*

dans la (première partie le texte des devises et des explications attribuées par Wioin à Chatón ; il démontre que «la pièce a été fabriquée pendant le second conclave de 1590; il relève un certain nombre d'erreurs historiques dans les septante-quatre premières devises. La seconde partie donne les commentaires explicatifs de Célestin II à Clément X (1670-1676), elle a été composée avant la première partie, à un moment où Menestrier n'avait pas encore eu en mains le texte même de Wion et travaillait sur une copie (manuscrite qui présentait quelques variantes, par exemple *visus velox*, au lieu d'*Ursus velox* (n.º 95). C'est au texte de la première partie qu'il faut s'en tenir.

Les critiques qui ont suivi Menestrier n'ont guère ajouté à ses observations, qui sont en effet décisives sur le point essentiel; je n'entreprendrai donc pas de donner une liste des ouvrages qui ont été écrits dans le même sens jusqu'à nos jours. Je citerai seulement un petit essai de jeunesse d'Adolf Harnack (1879) et l'excellente dissertation de l'abbé Vacandard, recueillie au t. III de ses *Essais de critique et d'histoire religieuse*⁽²⁷⁾-

À plus forte raison m'infligerai-je pas à mes lecteurs la Liste des livres ou des articles qui ont tenté une défense de la pseudo-prophétie, la plupart ne cherchent même pas à se placer sur le terrain scientifique. On pourra cependant se reporter aux articles de Cucherat dans la *Revue du Monde catholique* (1871), et au livre de l'abbé Joseph Maistre si l'on tient à voir ce qui a été écrit

même année à Tours chez Pierre Gripon.— Réimprimée avant 1700 dans le *Recueil de pièces choisies en vers et en prose*, à La Haye, chez Moëtjens, s. d. — Réimprimée en 1751 dans la nouvelle édition en quatre volumes de l'ouvrage du P. Pierre (Le Brun, *Histoire des pratiques superstitieuses*, t. IV, *Recueil de pièces pour servir de supplément*, Paris, chez Poirion, 1752, pp. 152-205. — Les diverses éditions françaises -et l'édition espagnole du *Dictionnaire historique et géographique* de Louis Moreri (édition la plus complète en 1759) -empruntent à Menestrier la substance de leur article sur Malachie—Traduction allemande de Christian Wagner, *Gründliche Wiederlegung der von Arnold Wion über die irische Bischofs Malachias Arbeit ausgegeben und fast von jedermann angenommen Prophezeihungen*, Leipzig, 1691 — Traduction latine de Francesco Porter, Rome 1698.

⁽²⁷⁾ Adolf Harnack, *Ueber den Verfasser und den Zweck der Prophetia Malachiae de Summis pontificibus*, *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, III (1879), pp. 315-324.—E. Vacandard, *La prophétie de Malachie*, dans ses *Essais de critique et d'histoire religieuse*, t. III, Paris Gabalda, 1929.

de 'plus consienciieux en faveur de ¡rau/thentieité et à en 'mesurer la faiblesse (28).

II

DES SEPTANTE-QUATRE PREMIÈRES DEVICES

Commentaire critique

1. *Ex castro Tiberis* — Do castelo do Tibre.
Commentaire de Chacón: *Typhernas* (oriundo de Tiferno).
Celestino II (26 septembre 1143 — 8 mars 1144). Guido, né à Castello Santa 'Felicita, près de Tiferno, dans la haute vallée du Tibre.

2. *Inimicus expulsus* — O inimigo expulso.
Commentaire de Chacón: *De familia Cacdanemica*.
Lúcio II (12 mars 1144 — 15 février 1145)—Gérard Caccianemici, de Bolonha. Périt dans une 'émeute du peuple romain.

3. *Ex magnitudine montis* — Da grandeza do monte.
Commentaire de 'Chacón: *Etruscus, oppido montis Magni* (Toscano, do burgo do monte Magno).
Eugenio III (1145 — 8 juillet 1153). — Bernardo Pignatelli, né a Montemagno près de Pise; il ne put rentrer à Rome avant 1149.

4. *Abbas Suburranus*— O abade de 'Saburra.
Commentaire de Chacón: *De familia Suburra*.
Anastasio IV (12 juillet 1153 — 3 décembre 1154) — Conrad, romain du quartier de Suburra, abbé de Chanoines réguliers.

5. *De rute albo* — Da campanha branca.
Commentaire de Chacón: *Natus in oppido Sancti Albani* (oriundo do burgo de Saint Alban).
Adriano IV (4 decembre 1154—1^{er} septembre 1159). — Nicolau

(28) Cuchwnalt, *La prophétie de la succession des papes, son auteur, son authenticité et son explication*, en «Revue du 'Mande catholique» t. XXXI, 258-290, 433-458, 617-668; t. XXXII, 47-73, 276-309, 498-520.

Joseph M'aître, *La prophétie des papes attribuée à saint Malachie*, Paris, 1902.

Breakspear, de família 'de camponeses, o único paipa inglês, oriundo de Saint Alban, abade de São Rufo, congregação de Cónegos reglantes veisib.idos de 'branco, oairdeail bispo de Albano. Tríplice trocadiUho acerca da palavra *albus*, 'branco.

6. *Ex tetra cárcere* — <Da tétrica prisão.

Commentaire de Chacón¹: *Cardinalis Sancti Nicolai in Cárcere.*

Cette devise s'applique à l'antipape Victor UV, élu le 7 septembre 1159 par une minorité soutenue par l'empereur Frédéric Barberousse. C'ébait un grand scigimeuir romain, nommé Octavien, des comtes de Monticello, rameau de la famille des comtes de Tusculum. Il mourut à Lucques 'le 20 avril 1164, sans avoir jamais fait sa soumission au pape légitime; on a prétendu qu'il serait mort fou, en prison, quatre mois après son couronnement; pure légende comme on le voit. -En 1159, Octavien était cardinal-prêtre du titre de Sainte-Cécile; ma'is selon Panviini il avait été d'abord cardinal-diacre de Saint-NicOlas in Carcere; c'est à ce titre que s'est arrêté le pseudo-Malachie.

7. *Via transtiberina* — A rua do Transtévere.

Commentaire de Chacón: *Guido Cremensis, cardinalis Sanctae*

Mariae trans Tiberim (Guido de Crema, cardeal de Santa Maria de além Tibre).

Guy de Crème, second antipape du schisme frédéricien, élu après la mort de Victor IV, sous le nom de ;Pascal IiM, le 21 avril 1164, mort le 20 septembre 1168; i/l avait été en effet cardinal du titre de Sainte Marie du Transtevere, sur la rive droite du fleuve.

Panvimi avait d'abord interverti les noms du second et du troisième antipape de ce schisme, dominant à Guy de Crème le nom de Calarte ;111, -et à son successeur celui de Paisioaft III : celfcte erreur commune au *De vitis* et à *Y Epitome* est 'corrigée dans le *Chronicon*, mais Wion ignore encore la correction. ⁸

8. *De Pannonia Thuscle* — Da Hungria da Toscoma.

'Commentaire de Chacón: *Antipapa Hungarus natione, episcopus Tusculanus* (Anitipapa oriundo da Hungria, cardeal-bispo de Tusculum).

Le Hongrois Jean, abbé de Strume, cardinal-évêque de l'antique titre de Tusculum, appelé ensuite Frasicaiti, fut élu après lia mort

de Pascal III et prit le nom de Calixte III; il fit sa soumission en août 1178.

Quelques cardinaux de son parti lui donnèrent un successeur en la personne de Izando de «Sezze, d'une famille de barons de la campagne romaine, qui prit le nom d'innocent III; il se soumit la même année. Panvini n'en ayant rien dit, le pseudo-Malachie l'a également ignoré.

On retrouvera plusieurs fois par la suite «le jeu de mots entre Toscane et Tusculum; cette petite ville est dans le 'Latium et non en Toscane, «mais le vaticinateur joue sur le radical commun *Tuscu*.

Dans le *De Vitis*, dans l'*Epitome* et dans le *Chronicon*, Panvini place les papes du schisme fédéralien avant les papes légitimes; de même à l'époque du grand schisme, il placera les papes d'Avignon avant ceux de Rome; le pseudo-Malachie n'a pas manqué de suivre ce même ordre.

9. *De ansere custode* — Do ganso guardião.

Commentaire de Chacón: *De familia Paparona* (Da casa dos Paparoni).

Alexandre III (7 septembre 1159 — 30 août 1181). Roland Bandinelli, de Sienne, canoniste et théologien, chancelier de l'Église romaine, fut élu comme successeur d'Hadrien IV. Oto a vu qu'une minorité de cardinaux lui opposa le cardinal Octavien, et que Frédéric Barberousse soutint ce dernier. La paix fut rétablie en 1177, lors de l'entrevue de Venise entre le pape et l'empereur. Alexandre III est l'un des plus grands papes du moyen âge; on se rappellera que c'est lui qui reconnut enfin à Alfonso Henriques le titre de roi. Pour le désigner, le pseudo-Malachie ne trouve qu'une charade sur un «blason qui ne fut jamais celui de ce pape: ce blason est parti, portant à droite un serpent, à gauche une oie; cet oiseau évoquait dans les «esprits des plus médiocres «humanistes les oies du 'Capitale; de là vient la devise: *Do ganso gardião*. Des blasons de ce genre sont absolument «étrangers aux coutumes héraldiques du XII^e siècle; celui-ci est celui d'une famille Paparoni; ce sont des armes parlantes, car dans le dialecte romain ganso se dit paparo. Cette famille émit la prétention, qu'elle eut été bien en peine de justifier, de se rattacher aux Bandinelli et de compter dans sa lignée le pape Alexandre III. Panvini a accepté cette prétention, et le

pseudo-'Malachie de suit fidèlement. Il sera bon de noter à ce propos que nous ignorons les armoiries des papes du XII^e siècle, si tant est qu'ils en aient jamais usé.

10. *Lux in ostio* — Luz na porta.

Commentaire de Chacón: *Lucensis cardinalis Ostiensis* (oriundo de Luioca, cardeal-bispo de Ósitia).

Lúcio III (1^{er} septembre 1181 — 25 novembre 1185) —Ubaldo Allucingoli, de (Lucques. La devise joue sur son origine, Lucques, sur son nom de famille, Allucingoli, sur son nom de Pontificat, *Lucius*, enfin sur son titre cardinalice, Ostie, en latin Ostia, qui signifie portes.

11. *Sus in cribo* — O porco ou o javali no crivo.

Commentaire de Chacón: *Mediolanensis, familia Crivelli, quae suam gerit pro armis* '(Oriundo de Milão, da familia Crivelli, que tem um porco no brasão).

Urbain XII (25 novembre 1185 — 20 octobre 1187)—Uberto Criveflli, archevêque de Milão. La famille, selon Panvini, portait dans ses armes la figure d'un porc; cependant dans sa grain de histoire des papes, 'Chacón lui donne un crible comme figure de blason, 'armes parlantes inspirées du nom des Crivdli. Il est possible que cette famille ait porté d'abord le porc, et qu'elle l'ait échangé pour ces armes paillantes au cours du XV^e siècle. Urbain III n'usa ni de l'un ni de l'autre emblème.¹²

12. *Ensis Laurentii* — Espada de Lorenço.

Commentaire de Chacón: *Cardinalis sancti Laurentii in Lucina, cujus insignia enses falcati* (Cardeal de São Lourenço in Lucina, cuja brasão leva sabres).

Grégoire VIII (21 octobre—17 décembre 1187)—Bénédictin, né à Bénévent, cardinal du titre de Saint Laurent in Lucina, ne fit que passer sur le trône pontifical, de sorte qu'on ne peut lui attribuer le mérite d'avoir lancé la troisième croisade, comme on Ta fait parfois pour donner un sens historique à la devise. La famille des Sartori, qui revendiquait ce pape comme un de ses membres, porta plus tard un blason parti, à droite deux épées croisées, à gauche deux lions soutenant un coeur; de tels blasons sont inconcevables au XII^e siècle. Le nom de Lourenço fait aussi allusion -au titre cardinalice.

13. *De scola exhibit* — Da escola sairá.

Commentaire de Chacón: *Romanus, de domo Scolari* (Romano, da familia Scolari).

Clément III (19 décembre 1187 — 20 mars 1191) — Paolo Scolari, de Rome. iLa devise fait aMuision à son nom de famille.

14. *De rure Bovensi* — Da campanha bovina.

Commentaire de Chacón: *Familia Bovensi* (Da familia dos Bóvios).

Célestin Til (30 mars 1191 — 8 janvier 1198) — Il appartenait à une branche des 'Orsimi, établie dans la campagne romaine, et distinguée par le prénom devenu patronyme de Bovo. Son nom personnel était Glaciato. 'Il avait quatre-vingt-cinq ans lors de son élection.

15. *Comes signatus*—Conde marcado.

Commentaire de Chacón: *Familia comitum Signiae* (Família dos condes de Segni).

Innocent III (8 janvier 1198 — 16 juillet 1216)—Lothario dei Conti di Segni. Il a lui-même joué sur le nom de sa famille (Signia, Segni), adoptant pour devise: *Fac mihi signum in bonum*.

16. *Canonicus de jaterere* — Cónego do liado.

Commentaire de Chacón: *Familia Sabella, canonicus Lateranensis* (Da faimilia Saivelfli, cónego de Laitrão).

Honorius TII (18 juillet 1216— 18 mars 1227) —Cencio Savelli, chanoine de Saint Jean de Lai tiran, d'où le 'trocadilho ex *latere*. Censio Savelli n'est autre que le fameux *Censi us camerarius*, compilateur du *Liber Censuum*.

17. *Avis ostiensis* — Ave de Ostia.

Commentaire de Chacón: *Familia comitum Signiae, Episcopus cardinalis Ostiensis* (Da familia dos candéis 'de Segni, Cardeal-bispo de Ostia).

Grégoire IX i(19 mars 1227 — 22 août 1241)—Hugolino dei Conti di Segni, oncle d'Tnnocent III, mort presque centenaire. Le blason de la famille est un oiseau, -l'aigle. La devise est complétée par une allusion au 'titre cardinalice, l'évêché d'Ostie.

18. *Leo Sabinus* — Leão sabino.

Camimemtarife de Chacón: *Mediolanensis, cujus insignia Leo, episcopus cardinalis Sabinus* (Oriundo de Milão, cujo brasão é o leão, Cardeal-bispo de Sabina).

Oâlestiuu IV (25-octobre—10 novembre 1241)—Geoffredo Castiglione de Milan, moine cistercien, cardinal évêque de Sabine, mort avant d'être couronné. Dans la composition de la devise, entrent les armoiries, un lion supportant un château (Castiglione) et le titre cardinalice.

19. *Cornes Laurentius* — Conde (Lourenço).

Commentaire de Chacón: *Domo Flisca, comes Lavaniae, cardinalis Sancti Laurentii in Lucina* (da familia dos Fieschi, conde de Baragna, cardeal do título de São Lourenço in Lucina).

Iirtjocentit IV (25 juin 1243—7 décembre 1254)—Sinibaldo Fieschi, Génois des courts de Barajna. Devise composée avec le titre de la famille et le titre cardinalice.

20. *S'ignum Ostiense* — Signo de Óstia.

Commentaire de Chacón: *De comitibus Signiae, cardinalis episcopus Ostiensis* (Dos Condes de Segni; cardeal-bispo de Óst'.a).

Alexandre IV (12 décembre 1254—25 mai 1261)—Reinaldo, dei Conti di Segni, neveu de Grégoire IX. Dans la composition de la devise entrent une fois de plus le nom de la famille comtale et le titre cardinalice.

21. *Hierusalem Campaniae* — Jerusalém da Champanha.

'Commentaire de Chacón: *Gallus Trecentis in Campania, patriarca Jérusalem* (Francês, oriundo de Troyes em Champanha, patriarca de Jerusalém).

Urbain IV (29 août 1261 — 2 octobre 1264)—Jacques Fantaleon, de Troyes, qui institua la fête du Saint 'Sacrement. La devise se passe de commentaire.

22. *Draco depressus*—Dragão esmagado.

Commentaire de Chacón: *Cujus insignia Aquila unguibus draconem tenens* (Brasão: uma águia, que agarra um dragão).

Clément IV (5 février 1265 — 29 novembre 1268)—Guido Fouilquoi (Fulcoldi) né à Saainit-Gillllets sur Rhône, archevêque de

Narbonne. ¡Le -blason que lui attribue iPanvini, et ¡après lui le compilateur, ne lui appartient pas; Clément IV portait six fleurs de lis d'azur sur champ d'or.

23. *Anguineus vir* — O homem serpentino.

Commentaire de Chacón: *Mediolanensis, familia Vicecomitum, cujus insignia anguis* (Oriundo de Milão, da familia dos Visconti, que tem por brasão urna víbora).

Grégoire X (1^{er} septembre 1271 — 10 janvier 1276) — Tedaldo, des Visconti de Plaisance, non de Milan; son blason a pour figure un mur crénelé d'azur sur champ de gueules. Fanvini lui attribue par erreur la -guivre des Visconti de Milan, le pseudo-Mialachie répète cette erreur comme les autres.

24. *Condonator Gallus* — O pregador gaulês.

Commentaire de Chacón: *Gallus, Ordinis Praedicatorum* (Francês, da Ordem dos Frades Pregadores).

Innocent V (21 janvier — 22 juin 1276) — Pierre de Tarentaise, né en Savoie, dominicain, archevêque de Lyon.

25. *Bonus cornes* — O bom conde.

Commentaire de Chacón: *Othobonus, familia Fïisca, ex comitibus Lavaniae* (Ottobuono Fieschi, dos condes de Baragna).

Hadrien V (11 juillet—18 août 1276)—Ottobuono Fieschi, neveu dInnocent IV. Devise formée de la moitié de son nom et de son titre comtal.

26. *Piscator Thuscus* — O pescador tusco.

Commentaire de Chacón: *Antea Joannes Petrus, episcopus cardinalis Tusculanus* (Antes de ser papa, chamava-se João Pedro, cardeal-bispo de Tusculum).

Jean XXI (8 septembre 1276 — 20 mai 1277) — C'est le pape portugais, Pedro Juillião, nié à Lisbonne vers 1210, médecin de Grégoire X et nommé par ce pape à l'évêché de Tusculum. ¡La devise fait allusion 'à son nom, Pierre, le pêcheur, et à son titre cardinalice, avec l'habituel jeu de mots entre Tusculum et Toseana.²⁷

27. *Rosa composita* — Rosa composta.

Commentaire de Chacón: *Othobonus, familia Flisca, ex comi-*

dictus compositus (Da família dos Orsini, que tem no brasão uma rosa; chamado por alcunha Composto).

Nicolas III (25 novembre 1277 — 22 août 1280) — Jean Gaétan Orsini. La devise s'explique par (le blason de la famille: une rose au dessus d'une fasce -composée de gueules et d'or. Composé, dans la langue du blason en français composé, désigne une figure de deux couleurs opposées; un métal et un émail: rose de gueules boutonée et soutenue d'or, ici rouge et jaune. (Le mot ne désigne nullement un trait de caractère, la gravidade, <a compostura, du pontife.

28. *Ex telonio liliacei Martini*—<Da tesouraria de Martinho dos lírios.

Commentaire de Chacón: *Cujus insignia lilia, canonicus et thesaurarius Sancti Martini Turonensis* (No seu brasão tem lírios; foi conego et tesoureiro de São Martinho de Tours).

Martin IV (22 février 1281 — 28 mars 1285) — Simon de Brie, qui avait en effet été trésorier de Saint Martin de Tours, que le compilateur appelle Sainit Miartim deis Lis, ou de France. *Tel onium* signifierait plutôt péage (portagem) que tesouraria, mais le compilateur m'y regarde pas de si près. Les armes de ce pape étaient, non des fleurs de lis, mais un bras orné du fainon (manipule).

29. *Ex rosa leonina* — Da rosa leonina.

Commentaire de Chacón: *Familia Sabella, insignia rosa a leonibus gestata* (Família Savelli, brasão: uma rosa suportada por leões).

Honorius IV (2 avril 1258 — 3 avril 1287) — Jacques Savelli, de la même famille qu'Honorius III. Le blason de la famille est en effet tel que le décrit ici Chacón.

30. *Picus inter escas* — O picanço entre os alimentos.

Commentaire de Chacón: *Picenus, patria Esculanus* (Oriundo de Ascoli no Piceno).

Nicolas IV (22 février 1288 — 4 avril 1292)—Jerome Maschi, ministre général de l'ordre franciscain, né à Ascoli Piceno. La devise est un déplorable trocadilho sur Picenum, qui rappelle l'oiseau picanço, et Ascoli, qui évoque la comida, en latin *escae*.

31. *Ex eremo celsus* — Elevado do ermo.

Commentaire de Chacón: *Vocatus Petrus de Morone, eremita*.

-Saint Célestiin V (5 juillet—13 décembre 1294)—L'ermite Pietro da Murrone fut élu après plus de deux ans de vacance: son jélévation au siège pontifical remplit d'un immense espoir îles Spirituels qui attendaient le pape destiné a reformer radicalement l' Église selon leur esprit. iMaiiis le saint homme, renonçant au siège pontifical, fit, selon le mot de Dante, le *gran rifiuto*, le grand abandon de cette mission. Son successeur Boniface VIII le tint sous 'bonne garde; il mourut le 19 irnaù 1296, au château de Fumóme.

32. *Ex undarum benedictione* — iDa bênção das ondas.

Commentaire de Chacón: *Vocatus prius Benedictus Caetani*, *cujus insignia undae* (Chamado, 'antes de ser papa, Bento Caetani; no seu brasão há ondas).

Boniface VIII (24 décembre 1294 — 11 octobre 1303)—Benoît Caetani, fameux par ses démêlés avec le roi de France Philippe le Bel, victime de l'attentat d'Anagni. (Pour désigner une figure aussi caractéristique, le 'compilateur ne trouva qu'une allusion -au nom du pontife Bento, bênção, et aux armes de sa famille, des fascas onnées. Les ondes du bllason des Caetani reparaitront ci dessous au numéro 78.

33. *Condonator Patareus* — O pregador de Patara.

Commentaire de Chacón: *Qui vocabatur Frater Nicolaus, Ordinis Praedicatorum* (Chamiava-se Fr. Niicoiliau, da Ordem dos Frades Pregadores).

Benoît XI (22 octobre 1303 — 7 juillet 1304) — Nicolas Boccasimi né à Trévis, Maître général des 'Dominicains. Comme au numéro 24, la devise traduit .Dominicain par concdinator, pregador. Patara, ville d'Asie Mineure, est la patrie de 'Saint Nicolas, d'où cette épithète, *Patareus*, pour désigner un personnage du nom de Nicolas.

34. *De fasciis aquitanicis* — Das faixas da Aquitania.

Cammentaiiire de Chacón: *Natione Aquitanus, cujus insignia fasciae erant* (Oriundo de Aquitânia; levava faixas no brasão).

Clément V (5 juin 1305 —14 avril 1314)—Bertrand de Got, archevêque de Bordeaux, élu à Perouse, couronné à Lyon, se fixa en 1309 à Avignon, inaugurant ainsi la période des papes d'Avignon, qu'il ne faut pas confondre avec la période du Grand 'Schisme d'Occident. Dans ses armoiries figurent des fascas, bandes horizontales. Il est Aquitain.

35. *De sutore osseo* — iDo sapateiro ósseo.

Commentaire de Chacón: *Gallus, familia Ossa, sutoris filius* (Francês, familia de Ossa, filho dum sapateiro).

Jetan XXII (7 août 1316 — 4 décembre 1334) — Jacques d'Uèse (de Ossa) né à Cahors, élu à Lyon, fixé à Avignon. La devise joue sur le nom de famille; elle suppose aussi la légende qui faisait de ce pape le fils d'un pauvre savetier. Panvini l'acceptait, mais les recherches critiques ont définitivement montré que c'est une fable, mais notre pseudo-prophète s'en est inspiré.

36. *Corvus schismaticus* — O corvo cismático (Ver grav. 1 e 2).

Commentaire de Chacón: *Qui vocabatur Frater Petrus de*

Corbario, contra Joannem XXII antipapa, minorita (chamava-se Pr. Pedro de Gorbário; foi antipapa comitna João XXII; da Ordem dos Frades Menores).

Ici le compilateur distingue l'antipape par l'épithète *cismático*; *Corvus* est un jeu de mot sur le nom du personnage, Pierre de Corbara, antipape soutenu par l'empereur Louis de Bavière dans son conflit avec Jean XXII.

37. *Frigidus abbas* — O abade frio.

Commentaire de Chacón: *Abbas monasterii Fontis frigidi* (abade do mosteiro de Fontfrède).

Benoît XII (20 décembre 1334—25 avril 1342)—Jacques Fournier, né à Saverdun (Ariège), moine de l'ordre de Cîteaux, abbé de Fontfrède, en Languedoc; dans le nom de l'abbaye, il y a l'adjectif *frigidus*, sur lequel joue le compilateur.

38. *Ex rosa Atrebatensi*—(Da rosa de Arras.

Commentaire de Chacón: *Episcopus Atrebatensis, cujus insignia rosae* (Bispo de Arras, 'levava rosas no brasão).

Clément VI (7 mai 1342 — 6 décembre 1352)—Pierre Roger, né au château de Maumont dans le village de Rosier d'Egleton, en Limousin, fut d'abord abbé de Fécamp, puis évêque d'Arras, archevêque de Sens, archevêque de Rouen. Son blason porte en effet des roses. Le compilateur joue sur ce trait, sur le nom du village d'origine, sur le nom de famille même (Roger). Pourquoi die toutes les dignités successivement occupées par ce pontife avant son élection, le compilateur choisit-il l'évêché d'Arras? Peut être simplement parcequ'il n'a pas lu plus avant.

(Página deixada propositadamente em branco)

36. Corvus schismaticus. O corvo cismático.

Commentaire de Chacon: Qui vocabatur Frater Petrus de Corbario,

contra Joannem XXII antipapa, minorita. (Se chamava Fr. Pedro de

~~Corbario~~ Corbario,; foi antipapa contra João XXII; do Ordem dos Frades Menores.)

Ici le compilateur distingue l' antipape par l' épithète cismático; Corvus est un jeu de mot sur le nom du personnage, Pierre de Corbara, antipape soutenu par l' empereur Louis de Bavière dans son conflit avec Jean XXII.

37. Firgidus abbs. O abade frio.

Commentaire de Chacón: Abbas monasterii Fontis frigidis (abade de mosteiro de Fonfrède).

Benoit XII (20 décembre 1334- 25 avril 1342). Jacques Fournier, né à Saverdun en Languedoc, moine de l' ordre de Citeaux, abbé de Froidmont, et non de Fontfrède. Mais dans le nom de l' abbaye, il y a toujours l' ~~adjectif~~ adjectif frigidus, sur lequel joue le compilateur.

38. Ex rosa Atrebatensi - Da rosa de Arras.

Commentaire de Chacón: Episcopus Atrebatensis, cujus insignia rosae. (Bispo de Arras, havia rosas no brasão).

Clément VI (7 mai ~~1342~~ 1342- 6 décembre 1352) . Pierre Roger, né au château de Maumont dans le village de Rosier d' Egleton, en Limousin, fut d' abord abbé de Fécamp, puis évêque d' Arras, archevêque de Sens, archevêque de Rouen. Son blason porte en fait des roses. Le compilateur joue sur ce trait, sur le nom du village d' origine, sur le nom de famille même (Roger); pourquoy de toutes les dignités successivement occupées par ce pontife avant son élection, le compilateur choisit-il l' évêché d' ~~Arras~~ Arras ? Peut être simplement parcequ' il n' a pas lu plus avant.

39. De montibus Pammachii. Dos montes de Pammachio.

Commentaire de Chacón: Cardinalis Sancti Joannis et Pauli, cujus insignia sex montes erant. (Cardeal do título dos Santos João e Paulo, havia seis montes no seu brasão).

Innocent VI (18 décembre 1352- 12 septembre 1362) - Etienne Aubert, né en Limousin, évêque de Noyon, puis de Clermont, cardinal du titre des SS. Jean et Paul, qui s' appela autrefois titulus Pammachii. Aucune montagne ne figure dans son blason, mais l' église S. Jean et Paul est dans le quartier romain des Monts.

40. Gallus viccomes. O visconde Gaulês.

Commentaire de Chacón: Nuntius apostolicus ad Vicecomites Mediolanenses (foi nuncio na corte dos Visconti de Milano).

Urbain V (28 septembre 1362- 19 décembre 1370) . Guillaume Grimoard, de Grisac, au diocèse de Mende; j' incline à croire que le titre de vicecomes que lui attribue la devise fait allusion à un titre de sa famille; cependant Poyvini met en relief sa légation auprès des Visconti, cependant il était, au moment de son élection, légat à Milan auprès des Visconti; et Poyvini met ce trait en relief.

Grav. 2 — Profecia de Malaquias.

(Cópia dactilografada com emendas e aditamentos autógrafos de Pierre David).

(Página deixada propositadamente em branco)

39. *De montibm Pammachii*— Dois imantas de Faimmiachio.

Comimenttaire de Chacón: *Cardinalis Sancti Joannis et Pauli, cujus insignia sex montes erant* ('Cardeal do título dos Santos João e Paulo; levava seis montes no seu 'brasão).

Innocent VI (18 décembre 1352 — 12 septembre 1362)—iEtienne Aubert, né en (Limousin, évêque de Noyon, puis de Clermont, cardinal du titre des SS. Jean et Paul, qui s'appelait autrefois *titulus Pammachii*. Aucune montagne oe figure en réalité dans ses armes, mais l'église des Saints-Jean-et-iPaul est dans le quartier romain des *Monti*.

40. *Gallus vicecomes* — O visconde 'Gaulês.

Commentaire de 'Chacón: *Nuntius apostolicus ad Vicecomites Mediolanenses* (-Núncio na corte dos Visconti de Milão).

Urbain V (28 septembre 1362 —19 decembre 1370) — Guillaume Grimoard, de Grisac, au diocèse de Mende. Quant il fut élu, iil n'était pas présent au conclave, retenu en Lombardie par sa légation auprès des Visconti (viscondes); Panvini -met ce trait en relief. /Est-ce de là que le pseudo-Malachie tire ce titre de vicomte? ou bien croyiai't'il que les Grimoatrd avaient droit à ce 'titre ?

41. *Novus de virgine iorti* —Novo da virgem forte.

Commentaire de Chacón: *Qui vocabatur Petrus Bel fortis, cardinalis Santae Mariae Novae* (chamava-se Pedro de Beaufort; cardeal do título de 'Santa Maria a Nova).

Grégoire XI (30 décembre 1370—27 mars 1378)—Pierre Roger de Beaufort, neveu de Clément VI, quitta Avignon pour Rome où il mourut bientôt. L'élection, de son successeur ouvrit le Grand Schisme d'Occident. Le compilateur fait allusion dans cette devise au nom, Beaufort, et au titre cardinalice. La rédaction originale est peut-être: *Nova de Virgine fortis*.

Arrivant aux papes du Grand Schisme, iFanviiiini place ceux d'Avignon avant ceux de Rome, bien qu'Urbain VI ait été élu plusieurs mois avant Clément VIII. Nous ne lui reprocherons pas d'avoir mêlié ici les antipapes aux papes legitimes, car, pas plus que les contemporains, les historiens modernes ne sont en état de se prononcer sur la légitimité des pontifes antagonistes. Comme pour les antipapes de Frédéric Barberousse, Panvini et le pseudo ^Ma lachie placent leurs adversaires avant les papes romains.

42. *De cruce apostólica* — IDa cruz apostólica.

Commentaire de Chacón: *Qui fuit presbyter cardinalis SS. XII*

Apostolorum, cujus insignia crux (Foi cardeal do título presbiteral dos Santos Apóstolos; no seu brasão há aima cruz).

Clément VII (élu à Fondi le 20 septembre 1378 — mort à Avignon le 16 septembre 1394) — Robert, de la famille des comtes de Genève, qui a pour armoiries une croix, comme les autres branches de la maison de Savoie. Il avait 'été en effet cardinal-prêtre du titre des Saints Apôtres. Une aussi belle devise ne laisse guère supposer que le compilateur fût Clément VII pour uin «antipape.

43. *Luna Cosmedina*—Lua de Cosmedin.

Commentaire de 'Chacón: *Antea Petrus de Luna, diaconus*

cardinalis S. Mariae in Cosmedin < (Chamava-is e Pedro de (Luna, e foi cardeal-diacono de Santa Maria in Cosmedin).

(Benoît Xtl'Iil «(élu à Avignon le 27 septembre 1378, déposé au Concile de Constance 'le 26 juillet 1417, mort à Peniscola, en Catalogne, en septembre 1424) —Pierre de Luina, dit le cardinal d'Aragon. La devise unit son nom et son titre cardinalice.

44. *Schisma Barcinonicum* — O cisma de Barcelona.

Commentaire de Chacón: *Antipapa, qui fuit canonicus Barcinonensis* (Antipapa, que foi cónego de Barcelona).

A la suite de Panvini, le compilateur n'hésite pas à insérer dans sa liste, mais en le qualifiant de sdhismatique, ce Gil Sánchez Muñoz, chanoine de Barcelone, qui sous la pression du roi d'Aragon, se laisse élire pape par deux cardinaux survivants du parti de Benoît XIII, et qui prit le nom de Clément XIII. Il abdique le 27 juillet 1429 et mourut 'évêque de Mallorca.

45. *De inferno praegnante* — IDo inferno grávido.

Commentaire de Chacón: *Neapolitanus Pregnanus, natus in*

loco qui dicitur infernus (IPregnano, de (Nápoles, miascido em lugar chamado o ;Inferno).

Urbain VI (8 avril 1378—15 octobre 1389)—Barthélemy de Prignano, archevêque de Bari; napolitain selon les¹ sources les plus dignes de foi, originaire de Pise selon certains historiens.

On sait que le peuple romain exigea par T'émeut l'élection d'un Romain ou du moins d'om Italien, dans l'a crainte de voir le nouveau

pontife retourner sur les 'bords du Rhône. 'Lia liberté des électeurs fut évidemment violentée sinon annihilée par les menaces à main armée auxquelles se livra la foule romaine qui avait forcé les portes du conclave. Les cardinaux procédèrent quelques mois plus tard à une autre élection, après avoir pris soin de se soustraire par la fuite au péril d'une mouvemente, qui n'aurait pas manqué d'éclater plus terrible encore, s'ils avaient fait mime de mettre en doute la légitimité d'Urbain. Leur acte fut certainement fatal aux intérêts de la chrétienté. On ne peut dire qu'il ait été juridiquement invalide.

Urbain VI devint très vite impopulaire, «même dans sa propre obédience, par ses maladresses et ses violences. Ce qu'il est important de noter ici, c'est qu'il fut en butte à la haine des visionnaires et des prophètes qui attendaient depuis plus de cent ans l'avènement du pape «spirituel», celui que l'on avait cru posséder en la personne de Célestin V, celui qui devait transformer l'Église et inaugurer sa troisième période, celle du Saint Esprit. Nous avons encore les vaticinations d'un prétendu prophète de cette époque, Télesphore de Cosenza (29). (Pour lui Urbain VI est l'Antechrist issu de l'enfer.

(A cette lumière, la devise que notre compilateur attribue à ce pontife prend un sens nouveau. Wion la transcrit sous la forme: *De inferna P re gnard*: ce serait (la seule fois que le compilateur mettrait en clair le nom/ de son personnage au lieu de le dissimuler sous une énigme plus ou moins transparente. Il y a plus; Claude Menestrier donne deux fois la devise sous cette forme, mais il la donne aussi une fois sous la forme: *De inferno prægante* (30).

/Pour expliquer le mot *inferno*, on rapporte une historiette connue de Panvini et refusé par Ciaconius dans son grand ouvrage: Barthélémy serait né dans la banlieue de Naples tout près d'un lieu de débauche (*taberna meritoria*, prostíbulo) connue sous le nom de l'Enfer. C'est là le type des anecdotes malveillantes dont

(29) Cette 'étrange prophétie, sur laquelle nous reviendrons, se conserve dans un grand nombre de manuscrits du XV^e et du XVI^e siècles; la Bibliothèque Municipale de Porto en conserve un, provenant de Saint Croix de Ombre, «où» le numéro 834. Ce manuscrit contient d'autres (prophéties de la même farine, très en faveur auprès des Sébastianistes.

(30) P. 178 de l'édition de 1751, *Recueil de Pièces*, t. IV de *l'Histoire des pratiques superstitieuses* de P. Le Brun.

les sectaires salissent la vie et le berceau même de ceux qu'ils poursuivent de leur haine; mais il faut observer que cette histoire suppose presque certainement l'existence antérieure de «la formule *De inferno* appliquée à Urbain VI, dont de nom de Pregnano aura suggéré en outre le terme *prægnante*. L'anecdote fut inventé d'après la formule.

Je considère donc comme extrêmement probable l'hypothèse suivante: la devise *De inferno prænante* circulait depuis longtemps sur le compte d'Urbain VI dans les cercles de visionnaires et sectaires. Par voie orale ou écrite elle aura atteint le compilateur de nos devises; Arnould Wion l'aura mal lue et transcrite comme il l'a fait; mais le véritable sens n'aura pas été complètement oublié. Cette devise garde, donc, au milieu des autres de la même série, une signification exceptionnelle. Avec la devise suivante nous retombons dans la routine des charades héraldiques.

46. *Cubus de mixtione*—O cubo de mistura.

Commentaire de Chacón: *Familia Tomacella, a Genua Liguria orta cujus insignia cubi* (Familia dos Tomacelli, oriunda de Génova de Ligúria; no seu brasão há cubos).

Boniface IX successeur d'Urbain VI (2 novembre 1389—1^{er} octobre 1404) — Pedro Tomacelli, de Naples. La pièce principale de ses armoiries est une fasce échiquetée d'azur et d'or; c'est dire que l'on y voit des cubes de ces deux couleurs. Tel est exactement le sens de la devise, où l'on a voulu voir une allusion à la confusion, *mixtio*, où le schisme plongea la chrétienté. *Mixtio* est un terme de blason. Les hiéraldistes espagnol appelaient *mixtion* la couleur dite pourpre (vioiolet), car ils la tenaient pour produite par le mélangé des quatre couleurs fondamentales du blason. En Italie, on appela aussi *mixtio* le rapprochement alterné de deux couleurs dans les subdivisions d'une pièce héraldique; telle la fasce des Tomacelli, formée de carrés alternativement bleus et jaunes.

47. *De meliore sidere* — Do melhor astro.

Commentaire de Chacón: *Vocatus Cosmatus de Melioratis, Sulmonensis, cujus insignia sidus* (Chamava-se Cosme dei Migliorati, de Sulmona; no seu brasão há um astro).

Innocent VII, successeur de Boniface IX (17 octobre 1404 — 6 novembre 1406) — Cosme de Migliorati, archevêque de Ravenne,

on voit dans ses armes une comète. La devise fait allusion au nom et aux armes du pontife.

48. *Nauta de Ponte Nigro*—O nauta de Negropointo.

Commentaire de Chacón: *Venetus, commendatarius ecclesiae*

Nigropontis (Oriundo de Veneza, comendatário da igreja de Negroponto).

Grégoire XII, successeur d'Innocent VII (élu le 30 novembre 1406, déposé par le concile de IPise en 1409, se démit le 15 juin 1415 entre les mains du concile de Constance). Mort le 18 septembre 1417, cardinal-évêque de Porto (romano)—Angelo Correr, de Venise (d'où nauta), patriarche de Constantinople, tenait en commande l'évêché de Chalcis en Eubée, autrement dit Négrepont.

Les deux devises 49 et 50 s'appliquent aux papes issus du concile de Pise, dont l'effort d'un if ica tico n'aboutit qu'à créer un troisième pape antagoniste des deux autres.

49. *Flagellum solis* — O flagelo do sol.

Commentaire de Chacón: *Graecus, archiepiscopus Mediolanensis, cujus insignia sol* (Grego, arcebispo de Miilão, imo seu brasão vê-se o sol).

Alexandre V (élu à iPise le 26 juin 1409 —mort le 3 maii 1410) — Pierre iPhialarghi, d'origine crétoise. Sa devise s'explique par ses armes; on a beaucoup spéculé autour du mot *flagellum*, imaginé par exemple que soin court pontificat aurait 'été -désolé par la peste et la famine. C'est encore le blason qui fournit l'explication; on y voit un soleil duquel sortent huit raios en forme de lame flamboyante; ce qui est appelé flagelo en- langue 'héraldique.

50. *Cervus sirenae* — O gamo da sereia.

Commentaire de Chacón: *Diaconus cardinalis S. Eustachii qui cum cervo depingitur, Bononiae legatus, Neapolitanus* (Cardeal- diácono de Santo Eustaquio, o qual santo se pinta com un gamo; foi legado a Bolonha, era oriundo de Nápoles).

Jean XXIII, successeur d'Alexandre V, élu le 17 mai 1410, déposé le 29 mai 1415 par le concile de Constance, reçut la dignité d'archevêque de Florence. Le cerf désigne en effet le titre cardinalice de Saint-Eustache, et la sirène la ville de Naples.

51. *'Columna veli aurei* — A colluina/ do véu de ouro i(ou melhor d o Velabro)*

'Commentaire de Chaicdn: *Familia Colonna, diaconus cardinalis S. Georgii ad velum aureum* (¡Familia Colonna; cardeal-diácono de S. Jorge ao Véu de ouro).

¡Martin V ('élu le 11 novembre 1417 par Ile concile de Constance, moit le 20 février 1431)—Otto Colonna, de Genazzano, en la persoinne de qui ise fit la reunion de l'Église latine. La devise evoque son nom de famille et son titre cardinalice, ¡Saint Georges au Velabre, appelé au moyen âge *ad velum aureum*, par fausse étymologie de *Velabrum*.

52. *Lupa celestina* — Loba celestina (ou melhor: loba azul).

Commentaire de Chacón: *Venetus, canonicus ante regularis celestinus et episcopus Senensis* (Oriundo de Veneza, cónego reglante azul, e ibiispo de Siena-).

/Eugène IV (3 mars 1431 — 23 février 1447)—Gabriel Condullmer, de Venise, fondateur des Chanoines réguliers de Saint-Georges in Alga daims cette ville. Ces chanoines portaient un habit bleu, comme les chanoines réguliers de Saint Jean l'Évangéliste (Loios) au Portugal, affiliés à cette congrégation vénitienne. De là le mot celestina, qui exprime la couleur bleue. On évitera de confondre cette congrégation de chanoines réguliers avec la famille érémitique des Célestins, qui suivait la règle de Saint Benoît. Lupa évoque la ville de Sienlme, dont l'emblème était la louve.

53. *Amator Crucis* — Amante da cruz.

Commentaire de 'Chacón»: *Qui vocabatur Amedaeus, dux Sabaudiae, cujus insignia crux i* (chamava-se Amadeu», duque de Sabóia, que tem a cruz como brasão).

Encore un antipape, le dernier, Arnédée VIII de Savoie, élu sous le nom de Fdlix V, contre Eugène IV, par le concile de Constance en 1439. Cette belle devise est formée avec le miom d'Aimédée et la croix, emblème héraldique de la maison de Savoie.

54. *De modici tate lunæ* — Da pequenez da lua.

Commentaire de Chacón: *Lunensis de Sarzana, humilibus parentibus natus* (De ¡Sarzana, em Lunigiana, de pais humildes).

Nicolas V (6 mars 1447 — 24 mars 1455) — Thomas Paren-

tucelli, de Sarzaua, archevêque de Bologne. Je ne crois pas que la devise fasse allusion à l'humilité de la famille de ce pape; le cornjpillateur doit ta/vair songé uniquement au vocable géographique: *Lunigiana*, (compris comme un diminutif de *luna*).

55. *Bos pascens* — O boi pastando.

Commentaire de 'Chacón: *Hispanus, cujus insignia bos pascens* (Españhol, cujo brasão é um boi pastando).

íCallixte (III (8 avril 1455 — 6 août 1458) —(Alphonse de Borja, de Xativa, archevêque de Valence. La devise est fondée sur F emblème du blason, un -boeuf paissant.

56. *De capra et albergo* — Da cabra et do albergue.

Commentaire de Chacón: *Senensis qui fuit a secretis cardinalibus Capranica et Albergati* (Oriundo de Siena, foi secretário dos Cardeais Capranica et Albergati).

Pie II (19 août 1458 —15 août 1464)—Aeneas Silvius Piccolomini, (l'humaniste fameux. La devise est un froid calembour sur les noms de ses deux premiers protecteurs.

57. *De cervo et leone*—Do gamo e do leão.

Commentaire de Chacón: *Venetus, qui fuit commendatarius*

ecclesiae Cerviensis, cardinalis tituli sancti Marci (oriundo de Veneza, teve em comenda o bispado de Cervi; foi cardeal do título de São Marcos).

Paul II (30 août 1464 — 26 juillet 1471)—Paul Barbo, de Venise, neveu d'Eugène IV. Le lion de la devise évoque le lion de Saint Marc, emblème de Venise, et (Saint Marc lui-même patron du titre de ce nom. Le cerf est le calembour habituel sur le nom de l'église de Cervi.

58. *Piscator minorita* — O pescador franciscano ((da Ordem dos Frades Menores).

Commentaire de Chacón: *Piscatoris filius, Franciscanus*.

Sixte IV (9 août 1471 —12 août 1484) —François délia Rovere, nè a 'Celle près de Savon isur 'lia 'côte lli'gure. Il (était bien- franciscain, *minorita*, mais certes point fils d'un pêcheur: *Piscator* est une «Illusion 'à son lieu de naissance.

59. *Praecursor Siciliae* — O precursor da Sicília.

Commentaire de Chacón: *Qui vocabatur Joarmes Baptista, et vixit in curia Alphonsi regis Siciliae* (chamava-se João Baptista e viveu na corte de Afonso rei da Sicília).

Innocent VIII (29 août 1448 — 25 juillet 1492)—Jean (Baptiste Oibo, de Gênes. 'Son Séjour auprès des tous lairagoninains des Deux-Sicules Alphonse et Ferdinand marque dans sa carrière. La devise est faite de cette particularité et de son nom.

60. *Bos albanus in Portu* — O boi de Albainio no Porto.

Commentaire de Chacón: *Episcopus cardinalis Albanus et Portuensis, cujus Insignia bos* (Gardeal-lbispo de Albano e de Porto, cujo brasão é o 'boi).

Alexandre VI (10 août 1492 — 18 août 1503) — Rodrigo Llanzol, neveu de Caiixte TBI, qui lui donna son nom et ses armes, le boeuf des Borja; avec ce blason et ses titres cardinalices, le compilateur a construit la devise.

61. *De parvo homine* — Do homem pequeno.

Commentaire de Chacón: *Senensis, familia Piccolominea* (Oriundo de Slen'a, da familia Piccolomini).

'Pie III (22 septembre —18 octobre 1503) —Un Piccolomini de Sienne, neveu de Pie II. La devise est une calembour sur ce nom de famille.

62. *Fructus jovis juvabit* — O fruto de Júpiter ajudará (ou agradará).

Commentaire de Chacón: *Ligur; ejus insignia quercus, Jovis arbor* (Oriundo de Ligúria; o seu brasão tem um carvalho, árvore de Júpiter).

Jules 'II (31 octobre 1503 — 21 février 1513)—Julien delia Rovere, neveu de Sixte IV. Rovere est un nom italien du chêne (*robur*).

63. *De craticula politiana* —iDa grelha de Policiano.

Commentaire de Chacón: *Filius Laurentii Medicei et scholaris Angeli Politiani* (Filho de Lourenço de Médicis, discipulo de Angelo Policiano).

Léon X (11 imiars 1513 — 1^{er} décembre 1521)—Jean de Médicis, fils de Laurent, — d'où l'allusion au gril de saint Laurent — et élève d'Ainge Pblitien.

64. *Leo Florentius* — Leqjo Florêmcio.

Commentaire de Chacón: *Florentii filius, cujus insignia leo* (Filho de Florencio, tem um leão como brasão).

Hadrien VI (9 janvier 1522 — 14 septembre 1523)—Hadrien Dedel, fils de Floris (Florisoone), nè à Utrecht; il adopta le lion comme emblème de blason.

65. *Flos pilarum* — Flor das pélas.

Commentaire de 'Chacón: *Florentinus de domo Medicea; ejus insignia pilae et lilia* (Oriundo de Floreinça, da família dos Médico's ; leva no brasão pélas e lírios).

Il y a divergence de lecture: *Flo_s pilei ægri* que «l'on (trouve dans Wion, n'a pas de sens et d'ailleurs ne correspond pas au commentaire de Chacón: *ilos pilae, flos pilulae*, inest pas satisfaisant. Dans les autres devises qui font allusion aux armoiries des Médicis, le compilateur emploie *pilae, pilarum*. Ce blason porte six besanits, en français tourteaux, en italien palle, rendu par le latin *pilae*, pélas, arruelas; la plus haute de ces pélas porte trois fleurs de lis. C'est l'explication de la devise.

Clément VIH (18 novembre 1523 — 25 septembre 1534)—Jules de Médicas, 'auparavant archevêque de Florence.

66. *Hiacinthus medicorum* — O jacinto dos médicos.

Commentaire de Chacón: *Farnesius, qui lilia pro insignibus gestat, et cardinalis fuit SS. Cosmae et Damiani* (Da família Farnèse, que teim lírios inio braisão; foi cardeal do tí tullo dos Santos Cosme et Damião).

Il faut 'écarter la leçon: *Hiacinthus medico*.

Paul I'III (13 octobre 1534—10 novembre 1549) —Alexandre Farnèse, auparavant évêque de 'Parme et cardinal du titre des SS. Cosme et Damien. On interprétait les fleurs de son blason comme des jacinthes; *medicorum* est une alluissid om aux saints táfufliàares, paîtrons des médecins, donnés comme médecins eux mêmes.

67. *De corona montana* — Da coroa dos montes.

Coimimembaiire de Chacón: *Antea vocatus Joarm&s Maria de Monte* (lAinibeis chamava-se João Miará 'do Monlte).

Monte. -((Ante9 chamava-se João Maria do Monte).

Jules lili (8 février 1550— 15 maris 1555)—Jean Marie Ciochi dee<l Monte, évêque de Pavie, legat au concile de Trente. Ses armoiries ont pour pièces principales des couronnes d'olivier; l'écu est traversé d'une fasce chargée de trois montagnes.

68. *Fruentum floccidum* — Trigo felpudo.

Commentaire de Chacón: *Cujus insignia cervus et frumentum, ideo floccidum quod pauco tempore vixit in papatu* (Teve por brasão un gamo e trigo, dito murcho, porque viveu pouco tempo no papado).

'Chacón, qui a pourtant lu exactement *floccidum* (felpudo), interprète comme 's'il y avait *flaccidum* (murtho); ce contresens a passé faux commentateurs postérieurs. L'examein du blason explique la ileçon *floccidum*: on y voit 'des épis 'barbus '(felpudas)-

Marcel ;III (9 avril—1.^{er} mai 1555). Marcel Cervini, légat au oonioille de Trente.

69. *De fide Petri*—(Da fé de (Pedro.

Commentaire de Chacón : *Antea vocatus Joannes Petrus Caraffa* (Aintes chaimava-se João IPedro Caraffa).

Paul HV (23 mai 1555 —18 août 1559) —Jea)n Pierre Caraffa, fanldaiteur des Théaltiins. La devise iinlberprète ile nom de Caraffa comme s'jl signifiait Caíra fé et fait allknsion au nom, Pierre, du pontife

*

* *

À partir du pontificalt suivant, .le comipiiateur in'a plus pour le guider l'ouvrage de iPanviini; il iconsitruuit lui-même ces devises d'après la même recette, utilliisialnit lia iconiniaiaissanaie personnelle qu'il a des noms, titres et armoiries de ces cinq pontifes.

70. *Esculapii pharmacum*: Madicialm'anlto de Esculápio.

Commentaire de Chacón: *Antea dictus Joannes Angelus Medicis* (AInltes Chamava-'se João lAinj o de Médicis).

Pie IV (23 décembre 1559 — 9 décembre 1565)—Jeain Ange Médiicis, de Moliam. Le compilateur joue >sur son mom, *medicina*, remède d'Esculape.

71. *Angelus nemorosus* — Anjo dos bosques.

Commieintaire de Chacón: *Michæl vocatus, natus in oppido Boschi* i(iD'e marne 'Miguel, imasido ma al'diaïè 'de Boischi).

(Saint Pie V (8 janvier 1566 — 1^{er} mai 1572)—Michel Ghislieri, né à Boschi, près d'Allexamdrie. Jeu de imoit 'sur île nom et le «lieu de naissance.

72. *Medium corpus pilarum* — Meio corpo das pélas.

Commonbairre de Chacón : *Cujus insignia medius draco, cardinalis creatus a Pio IV, qui pilas in armis gestabat* (No seu brasão levía imeio dragão; foi momeado icardetal por P_ço 'IV, cujo brasão levía via pélas).

Grégoire XM (15 imai 1572 — 10 avril 1585)—Ugo Buoincompagni : cette fiaille est mouvetlie isur le siège pontifical ; ses armoiries frappèrent (par lleuir étrangeté: un dragon vclainlt coupé à imi-ccaps. D'autre part Ugo Buotcompagni 'était incoirement un protégé de Pie il'V, un Miédicis, dointl le symbole héraldique sont les six pélias.

73. *Axis in medietate signi* — Eixo mo imieio do signo.

Commentaire de Chacón: *Qui axem in medio leonis in armis gestat* (Leva mas armas um leão atravessado por um eixo).

Sixte V (24 avril 1585 — 27 'août 1590) —Felix Paretti, franciscain. On voit daims ises armes une bain die représentant ðle zodiaque (*axis*) eit couvtainlt le imillieu du corps d'un lion, qui est l'emblème principal de l'écu, et aussi Un signe du zodiaque. ⁷⁴

74. *De rore cæli* — Do orvalho do céu.

Commentaire de Chacón: *qui fuit archiepiscopus Rossanensis in Calabria, ubi manna colligitur* (Foi arcebispo de Rossamo ma Calábria, onde se recolhe a mamá).

Urbain VII (15-27 septembre 1590) —Jean Baptiste Castagna, archevêque de Rossamo. Le compilateur écarte le jeu de mot facile sur le nom et le blason (châtaine) de ce pontife; il préfère jouer sur le nom de Rossano; quoi qu'il en soit de la manne à laquelle fait

allusion Chacón, il suffit, pour comprendre la devise, de remarquer que dans Rossano, il y a *ros*.

Arrivés au terme de cette série, admettons un instant l'authenticité de la prophétie; l'Esprit de Dieu a déroulé devant Malachie l'avenir de l'Église et de la papauté: Alexandre 'III et Innocent III, Alexandre VI et Jules TI, et Saint Plie V et Sixte V ont paisié sous les yeux diu voyant; la dernière victoire du Sacerdoce suit l'Empire, l'apogée de la Chrétienté médiévale, lia floraiüsoa franciscain, le sch-sme d'Ocdideinite, robe ©ans icoubure diéch.rée pair -le proitesibaintisime, Ha Renaissance, la Réforme, la Contre-réforme et le concile de Trente, Malachie a vu tous ces tableaux tour à tour glorieux et déplorables. Qu'en a-t-il retenu ? Des images de blason, des syllabes torturées à plaisir, tirées de noms d'hommes, de villes, d'églises ? Qu'en a-t-il fait ? Des énigmes puérides. À défaut du sens Chrétien, le sens commun se révolte.

Mais le sens critique nous a vite éclairés. Tous les éléments- de ses devises, le pauvre esprit qui s'est diverti à les combiner les emprunte, erreurs 'comprises, 'à ll'hiistoire des papes d'Otnofnio Ptanvini. Il s'est livré à ce jeu en octobre ou novembre 1590: nous avons analysé les recettes qu'il applique pour le passé: nous allons voir si du moins une idée le guidera pour l'avenir.

En attendant, nous pouvons déjà reconnaître la justesse du verdict sévère d'Angelo Manrique, le premier qui ait porté un jugement sur ceitebe composition: «apocryphe pour l'hlstoaien, 'puéride pour le (penseur».

III

DE LA SEPTANTE-CINQUIÈME À LA CENTIÈME DEVISE

Commentaire critique.

Urbain VII avait passé comme la rosée du matin: un nouveau conclave s'ouvrit aux premiers jours d'octobre 1590 efit se prolongea jusqu'au 5 décembre. C'est donc pendant cette période fiévreuse que notre compilateur de devises s'engagea sur la route scabreuse -des prévisions de l'avenir. Avait-il un dessein arrêté ? servait-il une politique, un candidat ? Nous verrons que rien n'est moins certain et que -notre homme était pTfUs probablement un

solitaire rêvant au fond d'une cellule. En tout cas, la devise qu'il composa pour celui qu'il pensait voir élire ne laissait rien à désirer pour l'olainté.

75. *Ex antiquitate urbis* — Da ainltiigfuádade da cidade (ou da cidade aintiga).

Le pilus tafnid-en de 'tous les cardtiiniaux, le seul survivant des promotions de Paul IV, était Jérôme Simonecelli, petit neveu de Jules III. Il était donc cardinal depuis plus de trente ans. Cette raison fut-elle la seule qui fixa sur lui l'attention du compilateur ? En tout cas c'est à Simoncelli qu'il pensait en rédigeant sa devise: le vieux cardinal était d'Orvieto, il en avait occupé le siège épiscopal. Or Orvieto, en laitii de l'Égliise, c'eslt *Urbs vetus*, la vieillie villie, la ville antique. Pour qui a l'expérience des recettes employées à la composition de nos devises, la pensée de leur auteur me peut être douteuse.

Or -l'élú fut le Milanais Nicolau Sfondrati, cardinal-prêtre du titre de Sainte-Cécile, qui devait son chapeau à Grégoire XIII; il prit le nom de Grégoire XIV et n'occupa que dix mois le siège de Pierre, -étant mort lie 15 octobre 1591. Ceux qui veulent lui appliquer lia devise observent que M.'iliain est une ville assez ainicietnine; moins, à coup sûr, que tant d'autres villes italiennes.

Dès le début de cette nouvelle série on est obligé de constater que les devises ine trouvent plus ces applications simples, précises, et, répétons le, un peu enfaintiinies -auxquelles nous sommes habitués, et ne sont plus tirées de ces traits précis de nom, d'origine, de titres e»t d'armes. ^{76*}

76. *Pia civitas in bello*. — A piia cidade em guerra.

Le pape auquel cette devise, je ne dis pas s'applique, mais correspond dans le temps est Innocent IX, Jean Antoine Facchinetti, de Bologne, qui ne fit, lui aussi, que passer sur le siège apostolique (29 octobre — 30 décembre 1591).

Mais le compilateur avait porté son regard au delà du conclave d'octobre-décembre 1590: il avait envisagé les *papabili* pour plusieurs conclaves futurs. Qui lui avait inspiré cette devise ? On pourrait penser à Marc Sdlttich, plus connu sous le nom de cardinal d'Àltaemps, du -titre de Sainte Marie au Transtévère; fils d'un baron tyrolien et d'une Médicis de Millan, donc parent de Pie IV.

Il avait d'abord suivi la carrière des armes; il eut divers ordres, il s'était vu «confier par Pie IV la défense de Trente pendant le concile; ce même pontife lui donna le chapeau. Il mourut en 1595, âgé de 62 ans. Ses armoiries ne présentent rien qui puisse expliquer la devise; mais elle pourrait faire allusion à ces traits de sa vie.

J'incline cependant à croire que la devise fut composée pour le cardinal Giulio Santori, du titre de Saint Barthélemy en nie. Il portait dans ses armes une croix entourée d'une couronne de lauriers, ce qui peut suggérer l'idée de guerre sainte. On y voyait aussi le pélican. L'image de cet Oiseau symbolique évoque inévitablement, chez un homme d'Église, l'épithète *pius* (pie, pelicane). Santori était très engagé dans la politique de Philippe II à l'égard de la France, pour la Ligue et contre Henri de Navarre, au risque parfois d'irriter Sixte V lui-même. Il était au premier rang des cardinaux considérés comme papables, il lui manque bien peu de voix pour succéder à Innocent IX en 1591. Si le compilateur pensait à lui, il s'en fallut de peu qu'il n'ait vu juste.

77. *Cruz Romuela* — A cruz de Rómulo.

Rien dans cette devise ne s'applique à Clément VIII (30 janvier 1592 — 5 mars 1605), ni du chef de son blason, ni de son origine, car il n'était pas romain.

Ici d'ailleurs il n'y a pas d'équivoque possible: le compilateur pensait au cardinal Scipio Lamcelotti. Celui-ci avait dans son blason une croix formée de cinq étoiles; il était romain et son nom de Scipion «évoquait les gloires anciennes de Rome. Vincent Retardo dans son panégyrique de Sixte V, cité par Ciaccotinius (t. IV, p. 102) écrivait à l'adresse de ce cardinal:

Scipio Romulidae majorum cognite civi

Stemmate... (Cipião, famoso por ter brasão antigo na cidade de Rómulo).^{78 **}

78. *Vir undosus* — Hom/ em date of nlds.

Les croyants à l'authenticité de la prophétie ont ici une explication toute prête: il s'agirait de Léon XI, Alexandre de Médicis, élu le premier avril 1605, mort le 17 du même mois, il passa comme une onde.

Nous savons que dans la langue du compilateur, comme les

péla® représentent ileis Miédaiciis, îles ondes désignent les Oaëtiatni, comme on Ta vu par la devise de Boniface VII, *ex undarum benedictione*>. Or parmi les cardinaux déjà en vue en 1590, bien que reilaitiivemienit jeune, figurait Enrico Oaetani, qui rentrait de France où il avait accompli, au temps de la Ldjgue, une importante 'légation. Il sfiétait d'aiUlleurg montré, au gré ide ;Sixte V, trop favorable à la politique de Philippe II, trait qui le rapproche du cardinal Santori: on pourrait en induire que notre prophète n'approuvait pas lia politique qui faisait confiance à Henri de Navarre. Cardinal depuis 1585, Enrico Caetani était assez jeune pour être considéré comme papable pour le troisième conclave à venir, après celui qui était en cours.

Comme on le voit, le compilateur étendait ses vues au delà du moment présent; pour cette raison je doute que sa liste ait été fabriquée précisément en vue d'une manoeuvre électorale pour augmenter les chances de Simoncelli. Je le considère plutôt comme un rêveur isolé, dointl l'imiaigiiniattliotti, imiise en 'brainlle pair ce l'oing conclave, spéculait sur l'avenir e>t choisissait déjà les quatre futurs papes, plutôt que comme un partisan s'employant à une propagande immédiate.

•Il n'alla pas au delà du quatrième; les devises suivantes n'ont plus d'attache avec la réalité.

79. *Gens perversa* — A traça perversa.

>Le pape qui vient à ce rang est Paul V (16 mai 1605 — 28 janvier 1621). Il portait dans ses armes (l'aigle et le dragon: mais quel hérauld'ste consentirait a appeler race perverse ces bêtes si honorables dans le blason ? Que n'est pas dans ces termes qu'en parlent, quand elles le® rencontrent, les devises de la première série.

80. *In tribulatione pacis* — Na atribulação da paz.

A ce rainig vient Grégoire XV (9 février 1621 — 8 juillet 1623). Aucune ex<égèse me (Saunait montrer la ccmveinnmce de cette devise 'à ce ipomltife.⁸¹

81. *Lilium et rosa* — ;Lirio e rosa.

(Correspond dans le temps à Urbain VIII (6 août 1623 — 29 juillet 1644). On connaît assez le blason des Barberini, famille de ce pape: les trois abeilles. Se (tiendra-t-on pour satisfait de savoir

que ces bêtes butinent aussi sur le lis et la rose ? Les autres explications ne valent pas même celle-là.

82. *Jucunditas crucis* — A alegria da Cruz.

Nous arrivons à Innocent X (15 septembre 1644 — 7 janvier 1655)—le moment Jean Baptiste Pamphili. Ici encore les plus ingénieuses tentatives sont infructueuses. Si -du moins il eût été élu le 14 septembre, jour de l'Exaltation de la Sainte Croix ! mais il s'en faut d'un jour.

83. *Montium custos* — O guardião do montes.

Fabio Chigi, élu sous le nom d'Alexandre VIII (7 avril 1655 — 22 mai 1667), avait dans ses armes, rencontre heureuse, une montagne à six monticules. (Mais tant de blasons portent cet emblème, que la coïncidence n'a rien de merveilleux.

84. *Sidus olorum* — O astro dos c James.

Clément IX (Jules Rospigliosi), élu le 20 juin 1667 — mort le 9 décembre 1669. On assure que le sort avait attribué au cardinal Rospigliosi, pendant le conclave, une cellule appelée chambre des cygnes et qu'il en sortit comme un astre. Ce qui serait à considérer, si quelque relation du conclave confirmait cette rencontre.

85. *De lumine magno* — do rio grande.

Clément X¹ (Emilio Altieri) élu le 29 avril 1670, mort le 22 juillet 1676. On a la ressource de dire qu'un grand fleuve, passe à Rome, encore qu'il y en ait de plus grands; mais on ajoute que le Tibre était en crue le jour où naquit le futur pape !

86. *Bellua insatiabilis* — A fera insaciável.

Benoît Odescalchi, élu le 21 septembre 1676, prit le nom d'innocent XI; il mourut le 11 août 1689. Le champ de ses armoiries portait un lion et le chef un aigle. Les passionnés du temps avancèrent que le pape méritait ce titre parce qu'il aimait beaucoup le cardinal Cibo. On comprendra cette agréable plaisanterie, si l'on se rappelle que Cibo signifie comida...

87. *Poenitenda gloriosa* — Penitência gloriosa.

Aucune explication plausible ne permet d'appliquer avec un

semblant de vraisemblance -cette devise à Pedro Ottoboni, élu le 6 octobre 1689 sous (le nom d'Alexandre VIII, -mort le 1^{er} février 1691.

88. *Rastrum in porta* — O airocinlho nia porta.

Application non moins impossible à Antonio Pignatelli, Innocent XII (12 juifil'et 1691 — 27 septembre 1700). En désespoir de cause on lui a attribué une maison appelée *Rastello*, aux portes de Naples.

89. *Flores oircundati* — Plores eau redor.

Application impossible à Jean François Albani, Clément XI (23 novembre 1700—19 mars 1721). Les beaux esprits du temps assurèrent que les fleurs de l'éloquence abondaient dans ses discours.

90. *De bona religione* — Da boa reláiçiã.

Innocent XIII (8 mai 1721 — 7 mars 1724) mérite -cette qualité ni plus ni moins, grâce à Dieu, que tant d'autres papes.

91. *Miles in bello* — Soldado etm guerra.

(Benoît XIII '(27 mai 1724 — 21 février 1730)—Vincent Orsini se distinguia prédiSémient par uin esprit pacifique jusqu'à la faiblesse, que lui reprochèrent ses contemporains.

92. *Columna excelsa* — Colluma elevada.

L'ingéniosité 'des commentateurs eslt réduite au silence, quand il s'agit de justifier (l'application de cette devise à Laurent Corsini, Clément XII (12 juillet 1730 — 8 février 1740).

93. *Animale rurale* — Animal rural.

-C'est une plaisante rencontre que cette devise coïncide avec le pontificat 'du savant et spirituel Benoát XIV (17 août 1740 — 3 mai 1758), le plus remarquable des papes du XVIII^e siècle.

94. *Rosa Utnbria* — A rosa» da Umbria.

Le pape Clément XIII, Carlo Rezzonico (6 juillet 1758 — 2 février 1769) a vécu plus que ne vivent les roses; il m'était ni franciscain, ni Ombrien, mais Vénitien, et n'avait pas de rose dans ses armes.

95. *Ursus velox* — Urso veloz.

Dira-t-on que le pape Gaingainelli, Qilément XIV (28 mai 1769 — 22 septembre 1774) mérite cette appellation pour avoir supprimé la Compagnie de Jésus ?

96. *Peregrinus apostolicus* — O peiregrino apostólico.

Pie VI (Angelo Braschi), élu le 15 février 1775, mort captif à Valence le 29 août 1799.

Avec cette devise et la suivante, les croyants de la prophétie prennent courage: Pie VI a fait le voyage de Vienne; il a été tainé en- exil par les Français. Mais que de papes ont fait de plus longs exiles ! ©t .lia «captivité in'est pas uin pélédinge.

97. *Aquila rapax* — A águia raípaice.

Pie VH (14 mars 1800 — 20 août 1823). «La devise trouve une justification frappante, à condition d'être appliquée .non au pontife, mais à Napoléon. Selon ce système on dira que la devise *Bellua insatiabilis* s'applique au Grand Tuirc qui filt (assiéger Vienne et menaçait tout l'Occident sous le pontificat d'innocent XI.

98. *Canis et coluber* — Cão e cobra.

Annibal delia Genga, Léon XII (28 septembre 1823 — 10 février 1829). Aucune justification possible, car il serait insuffisant de dire que ce pape fut fidèle et prudent.

99. *Vir religiosus* — O (homem religioso).

Pie VIII (François Xavier Castiglione), élu le 31 mars 1829, mort le 1^{er} décembre 1830. Le prophète se répète; cette devise n'est pas plus caractéristique que *De bona religione*.

100. *De balneis Etrurlæ* — Dos bambos de ©trúxiia.

'Grégoire XVI (Mauro Capellán, Camaldule vénitien) élu le 2 février 1831, mioit le 1^{er} juin 1846. Devise pour le 'coup diainge-reusement précise, et piar là inapplicable à ce pape, à imoi/nis de prétendre que c'est une allusion à la découverte de tombeaux étrusques sous ce pontificat.

Un coup d'œil d'ensemble sur cette seconde série révèle la différence radicale qui la distingue de la première.

Mettons à part les devises 75-78, construites, comme celles de la première série, sur des données concrètes s'appliquant à des personnalités bien déterminées; encore que l'auteur se soit entièrement trompé dans ses prévisions, car ceux auxquels il pensait ne sont pas montés sur l'île siège de Pierre. Notre valet maître a cherché à construire les suivantes, jusqu'à la centième, d'après une formule -analogue. Dans la première Série, les devises sont exactement applicables aux personnages correspondants tels que Painvilni les présente; ■elles sortent du texte de iPanviini, elle ne s'expliquent pas -en dehors de ce texte, mais s'expliquent totalement par lui. *Inimicus expulsus* traduit le nom Caccianemici; *rosa composita* exprime en termes strictement 'héraldiques de blason -des Orsùni ; *Frigidus abbas* fait allusion à l'abbaye de Fontfrède, et ainsi du reste.

A partir de la devise 79, nous n'avons plus que des formules vagues, que l'on peut interpréter en sens divers: *In tribulationibus pacis*; *De bona religione, Jucunditas crucis*, etc.; on ne peut concevoir un pape à qui elles ne sont pas applicables sous quelque point de vue. 'Celles qui paraissent plus concrètes et semblent évoquer un blason ne coïncident pas, ou si elles coïncident dans un ou deux cas heureux, c'est que les -armoiries du temps et du milieu ne présentent qu'un petit nombre d'attributs reparaisant constamment sous des formes à peine distinctes. *Gens perversa*; *Bellua insatiabilis*, ou *Lilium et rosa* peuvent avoir un sens héraldique, mais, à défaut -d'origine certaine de ce genre, on n'est pas embarrassé pour tourner les formules au sens moral ou allégorique. Une devise comme *Aquila rapax* paraît d'abord impressionnante, mais elle aurait paru aussi précise, si le pape correspondant avait eu l'aigle dans ses armes, ou s'il était né à Aquila.

Malgré tant d'ingéniosité, les devises -de la série résistent 'donc à toute tentative de justification sérieuse.

il est d'ailleurs intéressant de constater que plus on avance dans le cours du XVII^e siècle, plus on trouve d'allusions, graves ou plaisantes, à la prophétie, alors qu'auparavant on n'en rencontre pas trace. Au moment des conclaves le pseudo-Malachie fournit, depuis le 1^e XV^e siècle, des thèmes à la spéculation sur les *papabili*; ce qui ne veut pas dire qu'elle influence les votes des cardinaux. Une fois l'élection acquise, les -uns trouvent dans la devise correspondante l'occasion de lancer des quolibets et des mots d'esprit;

d'autres recherchent anxieusement, et au besoin inventent, les particularités qui pourraient en justifier vaille que vaille l'application. Cette iconte-icépreiwe mon!tire 'donc laüissi que il'a psieu'do-prophétie, inconnue avant 1595, ne circule dans le public que depuis le XVII^e siècle.

Les considérations précédentes peuvent être résumées par le passage suivant emprunté à un livre paru en 1703: «Ce qu'il y a de vrai c'est que toutes ses prophéties jusqu'à Grégoire XIV sont très claires... En effet il est faoille d'être prophète après coup. Mais il n'-en va pas de même à l'égaird des prophéties suivantes. Il faut les tirer; il faut les forcer; et après des explications empruntées de fort loin, et dont on sent bien le peu de justesse, on est obligé de reconnaître que la plupart de ces prophéties ne conviennent pas plus au Pape auquel on tes applique qu'au dernier Clerc de Rome. Le hazard qui fait quelquefois des coups de maître en fait de jeux, a produit en quelques occasions comme dans l'élection) d'Alexandre VII •(*Montium custos*) des rencontres... qui aident merveilleusement à nourrir dans certains esprits faciles la bonne opinion qu'ils ont pour tout ce qui a l'air de prophétie» (31).

IV

LES DOUZE (DERNIÈRES DEVICES)

Cette dernière série comprend deux devises, lia cent quatrième *Religio depopulata*, et la cent sixième, *Pastor angelicus*, qui rendent un son familier aux oreilles de ceux qui ont exploré le vaste territoire de l'eschatologie médiévale: le seul fait de rencontrer ces formules averti le travailleur spécialisé en cette matière qu'il ne se trouve plus sur le terrain de la fantaisie individuelle, mais sur celui d'une 'ancienne tradition eschatoüogiquei(32).

I(31) (L^'aibbé de Vallemont, *Éléments de VHistoire*, t. III, Paris, 1703, p. 201. IAO lado desta citação Pierre David escreveu a lápis: «*Não traduzir*».

I(32) De mot eschatologie désigne les croyances et les traditions sur les derniers temps de l'humanité, lia fin du monde et le jugement. On distinguera soigneusement, en cette matière, renseignement autorisé de l'Église d'unie part, de l'autre un immense courant d'imagerie et d'opinions que l'Église ne garantit en aucune façon et dont elle frappe de suspicion ou même de •condamnation formelle tous les éléments qui lui paraissent dangereux .pour la foi ou qui portent la marque d'un esprit de secte.

Il ne saurait être question, dans ce modeste travail, de tenter un exposé complet de toute cette tradition eschatologique il y faudrait plusieurs volumes. Il est cependant possible et nécessaire d'en donner les lignes générales, dont la connaissance est indispensable pour comprendre cette dernière partie du pseudo-Malachie. On ne remontera pas aux opinions qui ont eu cours dans les premiers siècles chrétiens et qui sont connues sous le nom de millénarisme; notre exposé rapide débutera au moyen âge, vers le X^e siècle.

Le cadre commun de ces descriptions, qui prétendent représenter les derniers temps du monde, les divise en trois périodes. La première est marquée par des épreuves et des souffrances réservées aux croyants, des catastrophes, des signes célestes; la seconde est une phase de bonheur, de justice, de ferveur et de paix, un royaume de Dieu sur la terre, qui sera inauguré par un pape prédestiné; la troisième période amènera les grandes* douleurs et les catastrophes cosmiques et se terminera par le jugement dernier. Le grand antagoniste du Christ, l'Antéchrist, paraîtra, selon la plupart, à la première période et sera vaincu avant la période de paix; on distingue parfois deux Antéchrists, le mondain et le spirituel; on reconnaît aussi, à la première période, des précurseurs de l'Antéchrist.

Ce tableau reproduit, en partie, des traits empruntés aux Livres saints, particulièrement à l'Apocalypse. Sur ces points l'Église a un enseignement autorisé; elle a aussi des opinions communes et vénérables; mais l'exégèse la plus orthodoxe des prophéties canoniques enseigne à distinguer entre la substance doctrinale et les images traditionnelles qui servent de véhicule à cette doctrine. Les tenants de la pseudo-prophétie se distinguent ou contrairement par le littéralisme excessif qu'ils appliquent à l'interprétation de ces passages. De plus ils puisent largement dans les apocalypses apocryphes d'origine juive ou chrétienne, contre lesquelles l'enseignement autorisé de l'Église n'a jamais négligé de «mettre les fidèles en garde».

Ce n'est pas tout; la pseudo-prophétie eschatologique s'alimente à un courant vaudevillesque qui ne cesse jamais de circuler, et qui apparaît en surface particulièrement aux heures de crise spirituelle. Ce courant est lui-même constamment grossi par des rêveries, des spéculations insérées au sein de groupes plus ou moins sectaires et fanatiques, de pseudo-révélation qui se copient mutuellement, qui se prêtent et empruntent toujours des éléments fondamentalement identiques,

à petite colorés par l'imagination du visionnaire ou les synchronicités du temps où il vit. Il est si facile qu'il est utile de dresser un catalogue des divers éléments qui forment le fonds commun de la pseudo-prophétie eschatologique: thème des villes incendiées ou englouties; thème des imaisaies de clercs et de religieux; thème des ténèbres, thème du grand monarque; thème du pape angélique, thème de la conversion de peuples infidèles, et tant d'autres que l'on reconnaît et que l'on identifie à mesure qu'on dépouille l'inépuisable littérature du sujet, de la plus antique à la plus moderne (33).

Mais venons aux thèmes caractéristiques qui nous permettront de mettre dans sa vraie lumière la dernière partie du pseudo-Malachie.

• Sur le personnage qui présidera à la période intermédiaire de triomphe par la Chrétienté, on distingue deux conceptions. L'une, la plus ancienne, discernable dès les X^e et XI^e siècles, fait de ce personnage un empereur, un grand roi, de la famille de Charlemagne; il unifiera le monde sous la loi du Christ, convertissant certaines nations infidèles, annéantissant les autres; il partira d'Occident pour reconquerir l'Orient, et déposera sa couronne à Jérusalem. Un des plus anciens textes qui exprime ce courant d'idées est le petit traité sur l'Antéchrist, de l'abbé Adson de Montierender adressé vers 950 à Gerberge, femme du roi de France Louis d'Outremer (34). Cette grande espérance n'a jamais entièrement disparu, circulant comme un courant souterrain, toujours prête à affleurer à certaines heures, entretenue par des cercles de visionnaires. (En France et en Italie, on a attendu le rejeton de Charlemagne ou (de Saint Louis; en Allemagne on a espéré le réveil de Frédéric Barbetrouisise. Cette (même espérance esit au fond des rêveries portugaises et espagnoles sur l'Encoberto; dans la France du XIX^e siècle, on a, dans les milieux de visionnaires, attendu l'avènement d'un rejeton des Bourbons de la branche aînée, ou même un descendant de Louis XVI, soit Louis XVII survivant, soit son fils. Après 1814, après 1870, surgirent de toute part des prophéties annonçant le Grand roi aux blanches enseignes.

(33) J'ai étudié pour mon compte près d'un millier de textes, brochures, livres, périodiques sur cette matière, et ma collection est loin d'être complète.

(34) *Patrologia latina*, t. OI, cols. 1289-1298.

Vers la fin du XII^e siècle, une fois l'Église dégagée de l'Empire, une nouvelle conception se fait jour, sans toutefois abolir la première: l'ouvrier du triomphe de l'Esprit sera un pape.

Le nom qui domine et explique en partie ce courant est celui de Joachim de Flore⁽³⁵⁾. Né en «Calabre, dans un (milieu pénétré d'influences byzantines, Joachim entra d'abord dans l'ordre de Cîteaux; il s'en sépara bientôt pour fonder une nouvelle congrégation «d'ascètes, celle de Flore. Nous exposerons sommairement ici celles de ses doctrines qui nous intéressent. Il divise l'histoire religieuse du monde en trois périodes, dont chacune est dominée par une des personnes de la Sainte Trinité: l'Ancien Testament est la période du Père; la deuxième période, celle du Fils incarné, correspond à l'Église, pourvue de tous les moyens de salut, foyers et sacrements, mais encore trop engagée «dans le monde; la troisième période, l'économie terrestre parfaite, sera celle du Saint Esprit, dans laquelle l'Église sera toute spirituelle, sans ride et sans tache. Un pape inaugurerait cette dernière phase, aidé par un nouvel ordre de prédicateurs, pauvres et tout spirituels, les apôtres des derniers temps.

Joachim mourut en 1202 et fut vénéré comme un saint. Dans les cinquante années qui suivent, ses idées et ses tendances s'affirment et se développent. Vers 1225, au plus tard, on annonce, on attend le pape pur, le pape spirituel, sous lequel les Grecs rentreront dans l'unité de l'Église, les Tartares se convertiront, l'empire musulman sera détruit, le monde ne sera plus régi par le Droit romain, mais par les lois de Dieu, nouvellement promulguées par le Saint Esprit⁽³⁶⁾.

Les cercles religieux qui vivaient de ce courant joachimite

(ss) Sur Joachim de Flore et les «courants issus de lui, je me bornerai à citer ici (Edouard Jordan, *Joachim de Flore*, «article du «Dictionnaire de Théologie catholique», et Paul Fournier, *Joachim de Flore, sa doctrine et son influence*, «dans la «Revue «des Questions historiques», LVII (1900). Pour une vue plus sommaire, mais «suffisante, voir Albert Dufourcq, *L'Avenir du Christianisme*, t. VII: *Le christianisme et l'organisation féodale*, sixième édition, «principalement aux «pages 364 et ss., 594 et as.

(36) Le texte le plus caractéristique à cet égard est celui du franciscain anglais Roger Bacon qui dédia en 1266 son *Opus majus* à Clément IV; il y est dit que le pape spirituel est «annoncé depuis environ quarante ans. Voir *Opus majus*, édité par Bridges, Oxford, 1897, I, «p. 268; *Opus tertium*, édition Bnewer, Londres, 1899, dans les *Rerum britannicarum mediæ sevi scriptores*, XV.

furent renforcés au cours du XIX^e siècle par de nouveaux éléments, par exemple les disciples d'Amaury de Bène. Nous avons montré dans un travail récent que le mythe originel du Saint Graal s'y rattache étroitement et que la reconquête du saint Vase est comprise comme le rétablissement du nouvel ordre spirituel (37). Mais l'apport le plus décisif fut celui de certains Franciscains révoltés contre les aliteratiomis infligées, selon eux, par les supérieurs et la papauté à l'esprit du Petit Pauvre d'Assise; on les désigna ou plutôt ils se désignèrent sous le nom de Spirituels, qui appartient à tous les disciples de Joachim, disons mieux à tous les néo-joachimites.

L'un de ces Franciscains, Gérard de Bongo San Donmiano, ou peut-être Jean de Parme, publia à Paris en 1254 l'*Évangile Éternel*, qui comprenait des œuvres authentiques de Joachim, imitées par ses disciples, et une introduction (*Liber introductorios*) qui est le manifeste du parti à cette époque. Tous ces ascètes exaspérés attendaient le Pape spirituel, le *Pastor angelicus*. Les condamnations et les poursuites dont ils furent l'objet les poussèrent à spéculer sur les tribulations dont ils seraient victimes, allant jusqu'à prophétiser que le véritable ordre franciscain et spirituel, la *religio*, serait presque détruite, *depopulata*, avant le triomphe du Pape angélique, le dépôt de la vraie doctrine n'étant «conservée que dans un petit groupe de croyants intrépides (*fides intrepida*). C'est bien la succession d'événements que nous trouvons dans les trois devises: *Religio depopulata*, *Fides intrepida*, *Pastor angelicus*.

Il faut ici être très attentif sur l'erreur que l'on commet ordinairement dans la traduction de la devise *Religio depopulata*. Si *religio* peut signifier la vertu de religion, ce mot ne doit jamais être pris dans le sens de peuple chrétien, ou de chrétienté ou général. Quand *religio* s'applique à un groupe d'hommes, il a le sens d'ordre religieux; on dit la religion bénédictine, ou la religion franciscaine, même la religion du Temple ou la religion d'Avis; passer d'une *religio* à une autre, c'était changer d'ordre religieux. *Religio depopulata* ne signifie donc pas un massacre qui décime la chrétienté, le peuple chrétien en général, mais la persécution infligée à une corporation de moines ou de moines. Dans la pensée des visionnaires, parmi lesquels s'est développée cette prophétie eschatologique, la *religio* était le groupe des Spirituels, Franciscains en ma jo- li

(37) Pierre David, *Sentiers dans la forêt du Saint Graal*, Coimbra, 1943.

riité- *Fides intrepida*, dans «la même perspective, s'applique au groupe qui subsiste après ces persécutions et qui garde envers et contre tous le dépôt de ce que les Spirituels considèrent comme la vraie doctrine, comme le principe même de l'Ua perfection chrétienne.

La *Practica inquisitionis* du dominicain Bernard Guy, écrit au début du XIV^e siècle, nous faut connaître avec plus de précision les doctrines eschatologiques de deux groupes de Spirituels, les disciples de Gérard Segarelli en Italie, les disciples de Jean Pierre Olieu (OLvi) dans le sud de la France (38). Les premiers tiennent que l'Église est en décadence depuis le palpe Sylvestre, car il a accepté de Consibainbin la puissance mondiale ; seul Célestín V, Termite un moment porté au trône pontifical, a tenté d'établir le règne de l'Esprit. Le treizième siècle est une période de prévarication qui se terminera par le massacre presque complet des clercs et des moines (*religio depopulata*); mais un petit groupe de spirituels garde la foi. Le pape spirituel va venir; l'Esprit régnera jusqu'à la fin prochaine du monde. Ces sectaires plaçaient les événements vers 1300-1310.

Les Spirituels de Narbonne, sectateur® de Pierre Jean. Olieu, adoptent des vues très analogues, en particulier sur le massacre des clercs et des moines et sur la préservation de la foi par une poignée de Spirituels, douze seulement peut-être. Le pape spirituel paraîtra alors et l'Esprit régnera pendant environ cent ans; puis viendra le temps des dernières épreuves et le jugement. L'Antéchrist mondain, précurseur de l'Anbédhrisít spirituel, devait périr vers 1330, et le monde finirait au milieu du XIV^e siècle.

Le monde grec fit un large crédit à une prophétie sur la succession des empereurs, attribuée au balsileus byzantin Léon le Sage (mort en 912); selon certains elle était même l'oeuvre du prophète Daniel, et Léon n'aurait fait que la découvrir dans son tombeau à Babylone (39). Chaque empereur était désigné par un

(38) Bomardi Guidons, O. P., *Practica Inquisitionis*, édition de Guillaume Molat, Paris 1926, t. I, pp. 88 «et iss., t. III, pp. 80 et «s.

(39) Soit la prophétie de Léon le Sage, voir un article de *Romania*, Janvier 1932, p. 52.

'Ce qu'on vient de lire sur le papalisít est un très bref résumé de recherches personnelles.

O l'Autour joint une suite de notes à l'apais: «Manque ici le Téléphore de

dessein symbolique, accompagné d'une notice sybilline. Cette prophétie pénétra en Occident par l'Italie méridionale byzantine, où les Joachimites en prirent connaissance.

Au début du XIII^e siècle, probablement à Pérouse après la mort de (Benoît XI, un franciscain spirituel composa sur ce modèle une prophétie sur les papes, commençant à Nicolas III, considéré comme le premier destructeur de l'esprit de saint François; elle contenait une douzaine de notices et se terminait par le schéma habituel, destruction des ordres religieux, pape spirituel, règne de l'Esprit, fin du monde. Les événements ayant démenti ces prévisions, du moins quant au temps de leur réalisation, une nouvelle version en fut composée, dans les mêmes milieux, vers 1350. Elle est plus longue, les emblèmes sont quelque peu différents et les dates reportées à une période plus éloignée vers la fin du siècle. Ces pièces comprennent l'une et l'autre une partie concernant les papes du passé depuis Nicolas III jusqu'à l'époque de la composition, une partie sur les papes de l'avenir selon les idées de la secte. Le monde s'obstinant à durer et le Pasteur angélique à se faire attendre, on mit bout à bout les deux versions; ainsi se constitua la prophétie connue au XV^e siècle sous le nom de *papaliste*, contenant trent à quarante noms. Vers la fin de ce siècle il devint évident que les temps annoncés 'étaient révolus sans avoir apporté le grand renouveau; le papaldisme tomba dans l'oubli.

Mais il avait survécu dans la poussière des bibliothèques; un exemplaire en est tombé entre les mains d'un visionnaire de notre temps qui, sans en savoir l'origine ni le sens, a pensé y (trouver une prophétie applicable à nos jours et à la fin du monde tenue pour imminente, et l'a publié avec des commentaires de son crû.

Le dernier quart du XIV^e siècle fut aussi une de ces époques d'espoir et d'inquiétude propices à la floraison de la pseudo-prophétie. *Le songe du vieil pèlerin* de Philippe de Mézières traduit ce désir anxieux de la paix universelle entre les princes chrétiens, qui réuniront leurs forces, convoqueront un concile général, pour reprendre Jérusalem, chasser le Turc, convertir Tartares, Sarrasins et Juifs. La croisade franco-bourguignonne qui aboutit au désastre

de Nicopolis (1396) fut une tentative de réaliser ce grand dessein, dont ridée n'a pas 'été étrangère à l'âme de Jeanne d'iArc.

(Le schisme de 1378, vu dans cette perspective, fut le grand scaindale de la conscience chrétienne et parut comme l'oeuvre de l'Antéchrist <⁴⁰> 'C'est -alors, vers 1386, que commence à circuler la prophétie attribuée -à un mystérieux ermite connu sous le nom de Téléspore de Cosanza, dont nous (avons déjà dit un mot à propos de la devise pseudo-malachienne d'Urbain Vil, *De inferno praegnante*. L'auteur se réfère à Merlin, aux livres de la Sybille, à l'ermite Cyrille, à Joachim de Flore. On a vu que pour lui Urbain VI est l'Antéchrist spirituel, précurseur de l'Antéchrist impérial dont la venue est donnée comme imminente et qui s'appellera Frédéric III. Sous sa domination sanguinaire, moines et clercs seront décimés; les villes pécheresses, particulièrement Florence et Rome, seront -livrées 'aux flammes. Baraiilssent ia/lors à leur tour le Pape spirituel et le Grand monarque, comme dans Adson de Moniti'érender, ce monarque sera de la maison de France et portera le nom de Charles; le pseudo-Téléspore pensait évidemment à Charles VI sur lequel se fondèrent tant d'espoirs avant qu'il ne sombrât dans la folie. 'Charles fera la paix avec l'Angleterre et l'union de tous les royaumes européens; il prendra la tête des armées chrétiennes, conquerra la Chald'ée, porbera au Caudaise les frontières de la chrétienté; dans Jérusalem reconquise, sur le Mont des Oliviers, le iFa-steur angélique -couronnera d'une couronne d'épines le Grand monarque, qui, son oeuvre accomplie, mourra à l'âge de trente et un an.

Ce texte, dans lequel se fondent les deux traditions messianiques, l'impériale, et -lia pontificale, présente le plus grand intérêt pour l'interprétation du mouvemant spirituel au déclin du moyen âge; d'autre part il a exercé une profonde influence sur la pseudo-prophétie des âges postérieurs, à laquelle il a transmis de -nombreux thèmes.

Les deux derniers papes qui paîtront avant le jugement les ouailles du Christ ont fait l'object de spéculations particulièrement actives. On leur a appliqué le texte du prophète Zacharie, -chapi-

l⁽⁴⁰⁾ Faute d'une bonne étudie qui rechercherait la trace de cette idée dans i'hi-stoire et -la 'littérature -de cette période, cxn trouvera quelques indicationis dans J. IHUSZINGA, *Le déclin du moyen âge*, (édition (française, Paris, 1932, partioulièremenit au Chapitre IV.

itre IV, sur les deux oliviers qui se dresseront, aux jours du Messie, de part et d'autre du grand candélabre d'or.

Saint Pierre lui-même reviendrait du ciel pour monter de nouveau sur son siège terrestre et clore l'histoire de l'Église comme il l'a inaugurée. A la lumière de cette idée, on donnera tout son sens à la dernière formule du pseudo-Malachie, sur le *Petrus romanus* qui paîtra ses brebis au milieu des tribulations avant la manifestation du Juge redoutable.

Pour certains Spirituels de tradition franciscaine et particulièrement pour les disciples de Pierre Jean Olivi, l'avant dernier pape serait également un bienheureux ressuscité: Saint François selon les uns, ou Pierre Jean lui même selon d'autres; à ce dernier, on appliquait, en jouant sur son nom, un texte messianique du prophète Osée, chapitre XIV, verset 7: *et erit quasi oliva gloria ejus*. Ce verset est évidemment la source de la cent onzième devise malachienne: *de gloria olivae* ⁽⁴¹⁾.

Relisons maintenant, à la lumière de ces indications sur le messianisme 'latinn des Spirituels', les douze dernières devises de notre texte.

On a voulu les entendre des papes nos contemporains, jusqu'au Pontife régnant à qui l'ordre des temps assigne la fameuse devise *Pastor angelicus*.

101. *Crux de cruce*—A cruz da cruz., ou cruz après cruz, s'appliquerait à Pie IX, privé du pouvoir pontifical par la maison de Savoie, qui porte la croix blanche dans ses armoiries. Il ne faut pas oublier que ce pontificat a vu aussi le plus grand triomphe de la papauté, la proclamation de l'infaillibilité pontificale; l'histoire sans doute attachera beaucoup plus d'importance à ceci qu'à cela.

102. *Lumen in coelo* — Luz inio céu, désignerait Léon XXI, dont les armes portaient, entre autres attributs, une 'étoile, et dont les enseignements laisseront une trace lumineuse.

⁽⁴¹⁾ On trouvera ici l'indication de quelques uns des livres vraiment scientifiques, les (plus importants sur la pseudo -prophétie au Moyen-Âge: Ignaz von Dollinger, *Beitrage zur Sektengeschichte*, deux volumes, le second de documents. — Du même, *Der prophetische Geist und die Prophetien im christliche Zeitalter*. — O Holder-Egger, *Italienische Prophetien des XIII Jahrhunderts*. — Fr. Balthgen, *Der Engelspapst (ou ipapa angélico)*. — (Paul Alphandéry, *Le messianisme latin*, (Pari®), 1912.

103. *Ignis ardens* — Fogo ardente, s'appliquerait à Pie X, et l'on n'a que rembaras du choix pour justifier cette vue; le zèle ardent du pontife et sa vigilance doctrinale par exemple; il est vrai que *Fides intrepida* lui conviendrait aussi parfaitement. D'autres pensent à l'incendie de la guerre, qui éclata aux derniers jours de son pontificat; mais alors que dira-t-on de Pie XI^e?

104. *Religio depopulata* — a refligião 'despovoada, oatiadm-seirait lugubrement le bref pontificoalt de (Benoit XV, presque tout entier occupé par la guerre mondiale. Cette considération était plus frappante avant 1939, mais depuis... D'ailleurs on a dit plus haut en quel sans il faut entendre cette devise, communément mal traduite.

105. *Fides intrepida* — Fé intrépida, serait la devise désignant Pie XI; il n'est point douteux que la formule convient à son caractère et à son oeuvre; elle s'appliquerait aussi heureusement à plus d'un autre pontife.

106. *Pastor angelicus* — O pastor angélico, c'est le pontife régnant. Son nom, où l'on trouve le mot *Pace* ⁽⁴²⁾ — paz, ses armes, la colombe de la paix, paraissent la promettre à la pauvre humanité, déchirée par la plus effroyable guerre de l'histoire.

Mais toutes ces considérations paraîtront bien vagues et oratoires, en regard de la parfaite correspondance que l'on constate quand on compare les devises dans leur ordre au tableau que nous avons tracé des derniers temps du monde d'après la pseudo-iproipbétie eischtologiqu'e.

De la devise 101 à la devise 105, le vaticiniateur a voulu décrire la période des premières épreuves:

Les douleurs et les persecutionis, *crux de cruce*; les signes célestes, *lumen in caelo*, les catastrophes terrestres, dévastations et incendies, *ignis ardens*; le massacre de religieux et de clercs, *religio depopulata*, illa persévérance et le triomphe du petit Itraïupeaiu des croyants fidèles, *fides intrepida*.

(42) ^o |p# opierre David refere-oe a ;Pi© XTI, (Eugênio 'PaicdMi, que rtfina va quando «lie redigiu este trabalho.

Leis devises 106-108 annoncent la piéride die païx ieit de ferveur, le règne «de Dieu et de l'Esprit inauguré par le *Pastor angelicus* tant attendu, si sauvent annoncé. La tradition 'de »la pseudo - prophétie affirmait que cette période, encore qu'assez courte, verrait plusieurs pontifes; mais elle ne leur donnait pas le même relief qu'au Pasteur jangélique. Notre vaticinat eur plaide trois ipaïpes à cette époque. Après le *Pastor angelicus*, il propose deux devises de bon augure: *Pastor et nauta*, jtitres qui expriment le rôle du parfait pontife, paissant ses ouailles et guidant la nef de l'Église; *Flos florum*, la fleur des fleurs, suprême épanouissement de la ferveur avant la fin.

Avec les devises 109 et 110, s'annoncent les grandes catastrophes cosmiques: «le soleil sera obscurci, la lune ne donnera plus sa lumière, les puissances du ciels seront ébranlées». Dans les prophéties canoniques des livre® saints, du prophète Joël à l'Apocalypse de Jean, ce bouleversement de la lune et du soleil apparaît constamment comme le signe de l'imminence du jugement.

L'Église, gairdielnmie et interprète des Écritures, recueillie ces textes avec toute leur richesse expressive, sans imposer aux fidèles aucune interprétation -littérale: Mali® tou® le® visionnaire® s'y sont arrêtés et les out pris lau sens le plus matériel.

De *medietate lunae* — la lune réduite de moitié; *de labore solis* — le soleil dans les tranes, telles sont les formules qui dans le pseudo-Malaidhie dénotent fimmilnience de la consomrnatian des siècles.

Aux deux derniers pontifes, revenu® du ciel en terre, correspondent le® deux 'dernière® devise®, *De gloria olivæ* et *Petrus romanus*, avec la destruction de la ville aux septcollnes.

La clef des douze devises finales du pseudo-Malachie se trouve donc bien dans les vue® eschatologiques de® jSpirituel®.

CONCLUSION

Nous jarrumas désormais en possession. 'des jéléments qui nous permettent d'apprécier le caractère et la valeur de la prophétie attribuée à jSaint Mailiaichie, et même de nous représenter le® conditions de sa genèse.

La circonstance historique qui a mis en branle l'imagination

de l'auteur, c'est le second conclave de l'année 1590. Les délibérations se prolongent; le jeu des *papabili* bat son plein. Dans une cellule de quelque couvent romain, quelqu'un s'attend à voir élire le vieux candimail Simomadji ; peut-être serait-il heureux de faire son possible pour assurer cette élection. Par la même occasion, il pense aux futurs conclaves, aux cardinaux qui lui paraissent aussi appelés à porter la tiare, Jules Santori, Scipio Lancelotti, Enrico Oetani. Ces pronostics immédiats, il les pense dans le cadre -traditionnel d'une vision des derniers temps du monde.

Notre homme connaît sans doute une vieille liste prophétique dans laquelle trente ou quarante papes étaient caractérisés par une emblème figuré et un texte sibyllin, qui prétendait s'étendre jusqu'au Jugement dernier. Il connaît aussi la devise effrayante qui avait circulé sur le compte d'Urbain VII au temps du schisme. En tout cas, le titre du Pasteur angélique, personnage principal des spéculations eschatologiques sur le grand remouveau spirituel de la fin des temps, hante son imagination. Sa pensée est imprégnée des idées qui, dans les anciens cercles religieux, restent en circulation depuis la profonde agitation soulevée au XI^e -et XIV^e siècles par les Spirituels, béniétiens et interprètes de la prophétie joachimite. -Cette prophétie s'exprime-t-elle déjà en douze formules symboliques résumant les trois phases des derniers temps ? Ou bien est-ce le rêveur de 1590 qui les a lui-même réduites à ce nombre, qui est celui des douze apôtres ? En tout cas, autour du Pasteur angélique, s'ordonnent les épreuves, les signes célestes, les grands remouvements spirituels qui aboutissent, avant le Jugement, aux deux personnages revenus du ciel pour être les derniers vicaires du Christ.

Sur le modèle de ces devises traditionnelles, sont conçues et formulées celles par lesquelles sont désignés les papes qui soutiendront des prochains conclaves. Il faut combler l'intervalle entre cette fin de 1590 et le début des derniers temps. Les visionnaires de cette sorte, y compris ceux de notre époque, tiennent pour certain que notre monde n'a plus devant lui un long avenir. Le nôtre est généreux en lui accordant encore deux siècles ou un peu plus. Par un calcul simple il a remarqué que la durée moyenne des pontificats est de six ans environ. Les douze papes des derniers temps représentent donc le nombre symbolique de soixante douze ans.

Entre 1590 et de moment où s'inaugurera la période finale, notre

vaticimateur estime que vingt-six pontifes suffiront à remplir l'intervalle, soit environ cent soixante ans. Il place donc la fin des temps vers 1820, en tout cas avant 1850. Il est intéressant de noter que telle était aussi la supputation des pseudo-prophètes du XVIII^e siècle; c'est une des raisons pour lesquelles, dans ces milieux, on a réommu l'Anftédhriiste -en Napoléon.

•Mais le pseudo-Malachie, comme ses confrères en prophétie, devait accréditer ses pronostics en remontant dans le passé pour fournir une série imposante d'annonces dont l'exactitude fût vérifiable: résultat qu'il a obtenu en calquant, pour le passé, ses devises sur l'histoire de Panvini. Il s'est arrêté, on ne l'a pas remarqué, au chiffre rond de *cent* devises, en dehors des douze que l'eschatologie des Spirituels lui fournissait pour la fin des temps. Cent devises, dont vingt-six pour des papes postérieurs à 1590, donc septante-quatre pour des papes antérieurs à cette date.

•Il remonte donc le cours du siècle®, son Panvini à la «main, sans premier illa peine, sauf pour deux ica®, de distinguer le® papes des antipapes; il arrive ainsi au pape Célestin II; on comprend mieux dès lors pourquoi il commence avec ce pape éphémère qui a si peu marqué dans l'histoire de l'Église. (Mais il a remarqué que Célestin II était le contemporain d'un saint personnage, bien connu de la tradition cistercienne, rattaché à Clervaux par les notices des martyrologes, saint Malachie; cette même tradition cistercienne attribuait au saint évêque le don de prévoir l'avenir, puisqu'il avait annoncé le lieu et le temps de sa mort; par surcroît ce saint homme portait le nom d'un prophète de l'Amicieu Testament.

Magnifique opportunité de s'abriter derrière un moine suggestif et vénérable !

Ainsi a pris naissance, dans la cellule de quelque rêveur pénétré de l'eschatologie des Spirituels, -et dans l'atmosphère romaine d'un conclave difficile, la prophétie dite de saint Malachie sur la succession des papes.

(Mais restons, si on le préfère, sur le terrain des faits positivement établis, et sans scruter les intentions précises de l'auteur, examinons le seul document dans son objectivité.

Voici les constatations positives qui s'en dégagent. Cette pièce a été composée en octobre ou novembre 1590. (Des trois parties dont elle est constituée, la première est une prophétie *post eventum* fabriquée à l'aide du livre de Panvini, dont elle reprend le® faute®

et des erreurs; la seconde est une pronosticaibion aventureuse qui me rejoimit mille paît le réel; te troisième es urne vue apocalyptique sur les demi ers temps du mande, ®dan la tradition eschatologique des Spirituels (J³)-

III — Trabalhos publicados

Além dos estudos publicados em seu nome, Pierre David prestou valiosa colaboração a obras de diversos autores, como Essai sur la musique religieuse portugaise au Moyen Âge de Solange Corbin, aos nossos Fragmentos preciosos de códices medievais e a O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga, e a outras, segundo se comprova pela correspondência de vários escritores.

Como era de esperar da sua vasta bibliograiaa, alguns trabalhos de Pierre David provocaram reacção. O autor era avesso a polémicas, mas defendia os seus modos de ver, quando reconhecia estar na verdade.

(⁴³) P. Carrière, religieux conventuel, *Historia chronologies Pontificum romanorum cum praesignatione futurorum ex sancto Malachia*, Lugduni, 1662, 1663.

iMenesbrier, *Recueil de pièces*, «t. IV, led. Le Brun., s. d. «(1689); et à part *Réfutation des prophéties faussement attribuées a saint Malachie*. Paris s. d. (1689 circa).

Bute, *The prophecies of Malachy*, «Dublin iReview», octobre 1885, contre (Ad. Harnack, *Ueber Verfasser und Zweck des Prophétie Malachiae* Zietschrift fur Kirchengeschichte, ilil, clç» 319.

«F. Oucherat, *La prophétie de la sucession des papes depuis le XII^e siècle jusqu'à la tin du monde, son auteur, son authenticité et son explication*, Grenoble, in 8°, XX-304 p.

L'abbé Joseph (Maitre, *La prophétie des papes attribuée à saint Malachie*, Paris, 1901, 880 p.

Id. *Les papes et la Papauté d'après la prophétie attribuée à S. Malachie*, Paris, 1902, 778 p.

H. Thurs«ton, *The so called prophecy of Saint Malachie dans The War and the prophets*, Londres, 1915, pp. 120-161.

E. V«acandiart, *Etudes de critique et d'histoire religieuse*, IV^e série, Paris, 1923: La prophétie de 'Maflaehie sur ffla succession des «pages, pp. 42-63. Sur le «papaliste Gi-rolamo Giovanmom voir «dans *Etudes*, 20 «février 1922, pp. 408-419.

Como exemplo da sua maneira de reagir, transcrevemos em nota ⁽⁴⁴⁾ uma carta que enviou a L. M. J. Délaissé por causa da critica injusta que este iez ao seu trabalho

(44) Coimbra, 19 mai 1953

Monsieur

C'est seulement il y a quelques semaines que j'ai pu parcourir les années l'VII die *Scriptorium*, je n'ai pu besoin de vous dire avec quel intérêt.

Au tome UH, je trouve votre étude (*Les remaniements d'un légendier...*) consacrée au 'manuscrit latin 755 de la B. N. de Paris. Vous y mentionnez à plusieurs reprises mon étude, parue en 1936: *Un légendier romain du temps d'innocent III et d'Urbain IV*. Il apparaît que vous n'avez pas eu entre mains ce modeste travail, dont vous ne donnez pas de titre exact.

J'ai étudié le manuscrit B. N. 755 pendant l'été de 1931; à ce moment je n'avais à ma disposition que la notice du *Catalogus Cod. hagiogr. Bibl. nat. Parisiensis*. V. Leroquais n'avait pas encore donné son opinion sur ce manuscrit.

(Mon étude a paru dans les *Collectanea theologica* de Lwów, dans de volume d'hommage au professeur Fijalek. Je comprends bien que vous ayez eu difficulté à vous procurer ce périodique; mais, précisément en raison de l'importance que me paraissent avoir des textes de l'office du 'Saint Sacrement, j'ai fait tirer à part deux cents exemplaires, dont j'ai distribué les uns, ailleurs que d'autres ont été en vente chez IA. (Picard, à Paris. Du reste j'avais — et j'ai encore — assez d'amis en Belgique, particulièrement à Louvain dans la rédaction de la R. H. E., pour que mon adresse ait été accessible.

Je tiens donc à vous faire observer que j'ai été le premier à rattacher le légendier en question à Saint-Pierre du Vatican (et non à la Chapelle papale).

Vous affirmez que, hypnotisé par mon intérêt pour le culte de saint Stanislas, je m'ai vu, dans ce manuscrit, que l'addition consacrée à ce saint au cahier XXXI; vous expliquez même, avec sagacité, que j'ai été amené à considérer avec plus d'attention ces folios «simplement parce que le calendrier porte s. (Stanislas en surcharge».

Voilà un cas bien remarquable, non d'hypothèse, mais d'affirmation formelle, fondée uniquement sur le fait que vous n'aviez pas lu mon étude. Si elle avait eu le privilège de tomber entre vos mains, vous y auriez vu que je parie assez longuement des folios 367-382, et que je marque assez fortement leur importance pour l'histoire de l'office du Saint Sacrement. Et j'en parle même avant de passer à la *legenda* de s. Stanislas. (Voir les pages 13-17 du tiré à part de Paris).

(Faites-moi, Monsieur, la grâce de croire que je ne me sens point froissé; je suis trop vieux pour cela; mais je voudrais vous mettre en garde contre le danger de raisonner sur des textes sans les avoir lus.

Veillez lire à l'assurément de toute ma considération.

P. DAVID

Un Légendier Romain no estudo que, sob o título Les remaniements d'un Légendier témoins de l'évolution de la Liturgie romaine au XIII^o S., publicou em «Scriptorum» (III, 1949, pp. 26-44).

Não é possível inventariar toda a sua vasta bibliografia, porque Pierre David no seu curriculum vitae para sócio de mérito da Academia Portuguesa da Historia (1949) e para o doutoramento honoris causa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1951) se limitou a mencionar alguns trabalhos, acrescentando: «Je ne cite pas les titres de plusieurs autres articles parus dans des revues polonaises et françaises» (45).

Na carta referida na p. LUI diz-se: «votre collaboration si hautement appréciée à la R H E et au D H G E», o que leva a concluir ter sido frequente e valiosa a colaboração tanto na Revue d'Histoire Ecclésiastique como no Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques.

Neste encontramos, de facto, 146 artigos da sua autoria, alguns dos quais, v. g. Bohême e Coïmbre, são autênticos tratados. Da R H E citamos apenas Un Credo cathare? (t. XXXV, 1939), por não ter sido possível consultar os volumes anteriores.

Também não conhecemos nenhuma das recensões críticas que escreveu antes de vir para Portugal, e deviam ser várias e de muito merecimento, a julgar pelas que publicou no nosso país. Dentre estas últimas merece particular referência o longo e profundo estudo que publicou no Bul. des Études Françaises (XV, 1951, pp. 207-216) sobre Martini episcopi Bmcarensis opera omnia, ed. de Claude W. Barlow.

i(15) *Biblos*, XXVII, 1951, pp. 456-457 « 470-471. Cfr. *Rev. Port. Hist.*, II, 1943, pp. 585-597 e *Biblos*, XXIV, pp. 539-540.

Da carta do moné Dom J. Leclerq, O. S. B., que transcrevemos em nota ⁽⁴⁰⁾, por ser muito honrosa para P. David, deduz-se que este tinha colaborado numa publicação cisterciense: «J'espère vous envoyer dans peu de temps un tiré à part où votre supplément d'informations sur les monastères cisterciens du Portuéal sera en bonne place».

Omitimos este trabalho na biblióeraiia, por o não conhecermos.

Em carta de 4 de Maio de 1954, Dom Bonifácio Luykx

i⁽⁴⁶⁾ Oervaux, ie 20-111-1952

Monsieur le Chanoine

Permettez-moi d'avoir, une fois -encore, recours à votre compétence et à votre serviabilité. J'espère vous envoyer -dans ipeu de temps un tiré à part où votre supplément d'infotrmations sur les monastères cisterctiens du Portugal sera en bonne place. Mais aujourd'hui, c'est au spécialiste de l'histoire polonaise que j'ai recours, et toujours à cause de ce grand «européen» que fut saint Bernard.

J'ai transcrit à Paris dans un ms. de iFleury la lettre ci-jointe. J'ai cherché en vain à en identifier iTexpedliteur parmi tous les 'Guillaume et les Gui (possibles. Et je me demande s'il ne s'agirait pas de Wladiisilais II Wygmaciec, qui était, par sa mère, fille diu grand duc de Kiev, proche parent de Louis VII. Pour élucider ce problème, j'ai fait venir vos *Sources de Vhistoire de Pologne*. (Mais j'avoue que je me perds dans ce monde de sources si difficiles d'accès, parfois écrites en Polonais. J'ai pensé qu'il valait mieux recourir à la source des Sources...

Voudriez-vous me dire votre avis sur ce texte, et comment l'éclairer ? Il m<e paraît inédit, bien que le ms où il est soit connu; mais il se peut que la difficulté d'identifier ce personnage ait induit au silence ceux qui ont rencontré le texte. Naturellement, si vous désiriez publier ce texte et le commenter, je vous 'le donne volontiers.

S. Bernard progresse lentement, mais de façon intéressante.

Il y a deux ans exactement que j'étais au Portugal avec non compagnon. Nous ne l'avons pas oublié, ni votre bon accueil de 'Coïmbre.

Merci encore, Monsieur le Chanoine. Et croyez moi respectueusement vôtre.

J. LECLERCQ, O. S. B.

[P. S.] Et grand merci aussi «pour les tirés à part que vous m'avez envoyés. Ils «ont précieux parce qu'ils viennent de vous, et parce qu'ils viennent de publications que nous ne recevons pas.

da Abadia de Postei, por indicação do Abade de Mont-César, pediu a Pierre David um artigo sobre o rito bra-careense para um Dictionnaire de Liturgie, que estava em preparação: «Nous cherchons un spécialiste pour l'article sur le rite de Braga. C'est pourquoi je me suis permis de vous demander de bien vouloir le taire».

Não sabemos se Pierre David o chegou a redigir.

Estes e outros tact os ajudam a desculpar as omissões que se notam na bibliografia, que, para melhor sistematização, subdividimos em 3 rubricas: Nota Bibliográfica; Colaboração no D H G E e Recensões críticas.

1) NOTA BIBLIOGRÁFICA

Fragments inédits de l'évangile selon S. Mathieu en dialecte moyen-égyptien. Extoraliti die la «Revue ;Biblique», Paris, Janvier, 1910.

L'Église de Sainte-Marie-Antique. Étude liturgique et hagiographique, colaboração «na obra monumental de W. de Grünelrsien, Sainte-Marie-Antique (Roma, 1911), ipp. 449-563.

St. François de Sales, 1622-1922. 'Conférence iprotnotncée a Gracovie le 9 Février 1923. «les ;Geotenaires Français» (deuxième partie). Tirage à part du compte-rendu de Tannée 1922.

L'ame de la France et la Renaissance du XII siècle. Grenoble, 1923. Extrait de 'la «Revue de Pologne».*

Laval Saint-Etienne. La chapelle des Allemans et la Vierge au manteau. Grenoble, 1923.

Les éclaircissements de Saint Athanase sur les iPsalmes. Fragments d'une traduction en copte sahidique. Extrait de la «Revue de TOrient Chrétien», 3.ª série, t. IV, n.º 1-2, ;Paris, 1924.

Les monastères de la province viennoise du VI.º au VIII siècle. 1924.*

Les routes de l'art roman. Notes sur la sculpture chrétienne au XII siècle dans la vallée du Rhône. ;Grenoble, 1924.*

Amanee en Franche-Comté d'après des documents recueillis par l'Abbé P.-L. Eberlé, curé d'Amanee. Paris, 1926.

Essai sur les légendes épiques de Pologne. 'Grenoble, 1926.

Études Historiques et Littéraires sur la Pologne Médiévale:

I — La Pologne et l'évangélisation de la Poméranie aux XI* et XII* siècles. Paris, 1928.

II — L'Épitaphe de Boleslas Schrobry. Paris, 1928.

III—*La date et Vauteur de la chronique de Grande Pologne*. Paris, 1929.

IV — *La prétendue chronique hongaro-polonaise*. Paris, 1931.

V — *Casimir le Moine et Boleslas le Pénitent*. Paris, 1932.

VI — *Bolelals le Pieux dans les légendes épiques polonaises et Scandinaves*. Paris, 1932.

VII—*Histoire poétique de Boleslas Bouchetorse*. Paris, 1932.

VIII — *Le Roman de Gautier de Tyniec*. Paris, 1933.

IX — *Richilde de Pologne en Espagne, en Provence et en Languedoc, 1152-1176*. Paris, 1933.

Dame Riche de Pologne impératrice des Espagnes, comtesse de Provence et de Toulouse. Grenoble. Extrait du «*Petit Courrier de France et de Pologne*», Février-(Avril, 1929).

Etudiants Polonais dans les Universités Françaises du Moyen-Age (XIII.^e-XV.^e siècles). Grenoble, 1929.

Études d'Histoire et d'Archéologie Dauphinoises :

I — *L'Archevêque Rostaing. Un conflit entre Vienne et Romains au X.^e siècle*. Grenoble, 1929.

II—*Saint Fer jus, Évêque de Grenoble au VI.^e siècle*. Grenoble, 1930.

III — *Les monastères du diocèse de Grenoble à l'époque mérovingienne. Saint-Laurent de Grenoble et Notre-Dame de Vizille*. Grenoble, 1930.

IV — *L'Oratoire mérovingien de Saint Oyand. Lettre à M. le Curé de Saint-Laurent de Grenoble*. Grenoble, 1931.

V — *Autour de Saint-Laurent*. Grenoble, 1936.

VI — *Vie de Saint Oyand, suivie de notes sur l'abbaye de Saint-Oyand de Joux et ses relations avec les diocèses de Vienne et de Grenoble*. Grenoble, 1936.

VII — *L'Église de Champagne. Notes sur l'origine des Dauphins de Viennois et sur la frontière rhodanienne de l'Empire et du Royaume au XII.^e siècle*. Grenoble, 1937.

VIII—*Vie de Saint Aimé (565-629)*. Grenoble, 1937

Kochanowski et la tradition médiévale. In «*Petit Courrier de France et de Pologne*», 2.^e année, n.^{os} 6-7, 1930.

Les sanglantes journées de Cracovie en 1461 et 1462 In «*Petit Courrier de France et de Pologne*», 2.^e année, n.^{os} 8-9, 1930.

Recherches sur l'armalistique polonaise du XI.^e au XVI.^e siècle. Bordeaux, 1932. Extrait de la «*Revue des Questions Historiques*». (Avril 1932).

Recherches sur l'Histoire de la Poméranie Polonaise. Extrait de la «*Revue des Questions Historiques*», Bordeaux, Avril 1932.

Sator Arepo. A propos de l'inscription de Valbonnais. Extrait du journal «*Le Dauphiné*», Grenoble, 1932.

Un disciple d'Yves de Chartres en Pologne— Galon de Paris et le Droit Canonique. In «*La Pologne au VII.^e Congrès International de Sciences Historiques*», Varsovie, 1933.

Etat du Château de Montlleury avant la donation aux Religieuses (1343) et notes sur le plan de Montlleury (1700). Grenoble, 1933.

Przepisy Archidiacona krakowskiego Bartłomieja Gadkowskiego (1546-1548). «CoHlietanea Theologica», 1933.

Les sources de l'Histoire de Pologne à l'époque des Piasts (963-1386). Paris, 1934.

Johannis de Lukôw, archidiaconi Gneznensis Monita ad parochos (1488). Kraków, 1936.

Un Légendier romain du temps d'innocent IV et d'Urbain IV, publicado primeiro 'in «Colectamea Theologica», XVII, Lwów (Pologne), 1936, colec - tânea de trabalhos dedicada ao cónego Prof. J. Fijalek. Oom certos aditamentos foi reimpresso em Paris, A. Picard, 1936.

Pologne. In «Grand Memento Encyclopédique Larousse» (Géographie, Histoire...), 1936, ipp. 410-415.

Russie. Ibidem, pp. 418-424.

Le Légit Gilles de Tusculum et l'organisation de l'Église de Pologne sous Calixto II. Varsóvia, 1937.

La noblesse polonaise. In «Bulletin de l'IAJSS. de la Noblesse Française», IV e V, 1936-1937.

Un recueil de conférences monastiques irlandaises du VIIP siècle. Notes sur le manuscrit 43 de la Bibliothèque du Chapitre de Cracovie. Extrait de la «Revue (Bénédictine)», janvier-mars 1937.

L'Église et la Collégiale de Saint-André de Grenoble. Notes d'Histoire et d'Archéologie. Grenoble, 1938.

L'Église de Saint-Laurent de Grenoble et l'oratoire de Saint-Oyand. 1938.

Gilon de Toucy, cardinal-évêque de Tusculum et sa légation en Pologne. «Studiów hisfor. ku krej stanisława kutrzeby», t. II, Kraków, 1938.

Saint Fer jus, Évêque de Grenoble et martyr. (La Tronche, 1938.

L'Architecture cistercienne en Petite-Pologne. Paris, 1939.

Les Bénédictins et l'Ordre de Cluny dans la Pologne Médiévale. (Publications du Centre Franco-Polonais de Recherches Historiques de Cracovie, Tome I, fase. 1). Paris, 1939.

La Cathédrale de Grenoble du IX^e au XVI^e siècle. Paris, 1939.

Un (Credo cathare?). In «Revue d'Histoire Ecclésiastique», t. XXXV, fase. 4, Louvain, 1939.

La Pologne dans l'Obituaire de Saint-Gilles en Languedoc au XII^e siècle. In «Revue des Études Slaves», t. XIX, fases. 3-4, Paris, 1939.

*La date et les sources de la chanson provençale de Sainte Foi, lição proferida por Pierre David na Faculdade de Letras de Coimbra, a 24 de Abril de 1941, na inauguração do curso de Língua e Literatura provençais na Idade Média. No «Boletim do Instituto de Estudos Franceses», I (Coimbra, 1940-1941) pp. 41-58, e em separata, foi publicada a versão portuguesa feita por Maria da Graça Mimoso de Sousa, sob o título *As tontes e a data do poema provençal de Santa Fé.**

La France, fille ainée de l'Église. In «Correio de Coimbra» de 1 de Junho de 1941.

O Espírito e a alma de Pascal, in «Estudos», XIX, Coimbra 1942, fases. 6 e 7.

La Sé Velha de Coimbra et les dates de sa construction (1140-1180). In «Bulletin des Études (Portugaises et de l'Institut Français au Portugal), Nouvelle série, tome IX, fase. 1, Coimbra, 1942.

Curso de instituições eclesiásticas medievais. In «Revista Portuguesa de História», t. dl, Coimbra, 1943.

Français du Midi dans les évêchés portugais (1279-1390). In «Bul. des Études Port.», IX, fase. 2, Coimbra, 1943.

L'hagiotoponymie science auxiliaire de l'Histoire. In «IV Congresso Loiso-Espanhol», «tomo VIII», Porto, 1943.

La légende épique de Gautier. Étude sur le Waltharius et le Moniage Gautier. In «Biblos», vol. XVIII, t. II, Coimbra, 1943.

Note critique sur le «cursus» dans la donation de Leiria au monastère de Sainte-Croix de Coimbra. In «Rev. Port. Hist.», t. II, Coimbra, 1943.

Les Saints Patrons d'églises entre Minho et Mondego jusqu'à la fin du XI^e siècle. In «Rev. Port. Hist.», II, Coimbra, 1943.

Sentiers dans la forêt du Saint Graal. In «Boletim do Instituto de Estudos Franceses», III (Coimbra, 1945), pp. 37-160, e em separata, 1943.

A Sé Velha de Coimbra das origens ao século XV. Porto, 1943.

Sur une histoire de la littérature portugaise médiévale (A propos de la réédition du livre de Rodrigues Lapa). In «Bul. des Études Port.» IX, fase. 2, Coimbra, 1943.

Louange de la Sainte Croix. In «Estudos», ano XXI, 1944, fase. 3-4.

Cursos de francês e provençal antigos; de latim medieval e de instituições medievais. In «Biblos», vol. XX, Coimbra, 1945.

Le Missel de Mateus. Notes historiques et liturgiques. In «Biblos», XX, Coimbra, 1945.

Notes sur deux motifs introduits par Gil Vicente dans V«Auto da Embarcação da Glória». In «Bul. des Études Port.», X, fase. I, Coimbra, 1945, e in «Ajuda de moralidade da embarcação do inferno», por Paulo Quintela, Coimbra, 1946.

Études sur le Livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte II — Le manuscrit de Compostelle et le manuscrit d'Alcobaça; II — Les livres liturgiques et le livre des miracles; III — Le Pseudo-Turpin et le Guide du Pèlerin; IV — Révision et conclusion. In «Bul. des Études Port.» X, XI, XII e XIII, Coimbra, 1945-1949.

Annales Portugalenses Veteres. In «Rev. Port. Hist.», III, Coimbra, 1947.

Um Breviário Benedictino na Biblioteca Municipal do Porto. In «Liturgia», I, Singeverga, 1947.

Cursos regidos pelo Prof. Doutor Pierre David. I — Latim medieval; II — Fontes latinas da história da Península Ibérica; III — Instituições eclesiásticas. In «Rev. Port. Hist.», III, Coimbra, 1947.

A diocese de Lisboa seguiu o costume litúrgico de Saísbury? In «Liturgia», I, Singeverga, 1947.

Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle. Coimbra, 1947.

Note sur la fausse lettre du Pape Lucius en faveur de l'Évêque de Coimbra. In «Rev. Port. Hist.», III, Coimbra, 1947.

O Pontifical de Braga no séc. XII, com notas sobre um Pontifical de Santa Cruz de Coimbra, da mesma data. In «Liturgia», I, Singe verga, 1947.

Regula Sancti Augustini. In «iRev. Port. Hist.», IUI, Coimbra, 1947.

Sur la relation de la prise de Lisbonne (1147) r ddig e par un clerc anglo-normand. In «Dnl. des études Port.», XI, Coimbra, 1947.

Varna et Guimar es. In «Rev. Port. Hist.», jIII, Coimbra, 1947.

Liber Aniversariorum Ecclesie Cathedralis Colimabriensis (Livro das Kalendas). (De colabora o com o Prof. Torquato die Sousa Soares). Vois. I e il, Coimbra, 1947-1948.

Arcipiada. In «Bul. des  tudies Port.» XIIIil, iQoimbra, 1948.

L'Auto de la Cananéenne de Gil Vicente et sa place dans l'année liturgique. *Ibidem*, XII, Coimbra, 1948.

Le pacte successoral entre Raymond de Galice et Henri de Portugal.

In «Bulletin Hispanique», t. !L, n.^o 3-4, Bordeaux, 1948.

O Brevi rio de D. Jo o Soares, Bispo de Coimbra (1555). In «Liturgia», vol. II, Porto, 1949.

La métropole ecclésiastique de Galice du VIII.^o au XI.^o siècle. Braga et Lugo. In «Rev. Port. Hiisit.», TV, Coimbra, 1949.

Grégoire VII, Cluny et Alphonse VI, 1073-1081. Un «Las Ciencias», 'A o XV, n.^o 1, iMadrid, 1950.

Saint Martin de IBraga est-il l'auteur d'un traif  de comput pascal ? In «Bul. des  tude9 Port.», XIV, Coimbra, 1950.

The church in Poland, from its origin to 1250. In «The Cambridge History of (Poland from the 'originis to Sobieski (to 1696)», cap. IV, pp. 60-84, 'Cambridge, 1950.

Notes compostellanes. In «Bull. des études Port.», XV, Coimbra, 1951.

Un traif  priscillianiste de comput pascal. Coimbra, 1951.

La première campagne d'Abou Yousof al Mansour contre Silves (1190). In «Bul. des études Port.», XVI, Coimbra, 1952.

Virgo Mater et Ecclesia Mater. Notre I>ame et l' glise dans la Symbolique et l'Iconographie Chrétiennes. In «Actas» do ;Segundo Congresso Mariano, Braga, 1954, pp. 726-729.

L'organisation ecclésiastique du Royaume su ve au temps de Saint Martin. In «Bracara ;Augusta», VITI, Braga, 1957, pp. 31-33.

Estados publicados ou inéditos?

Entre os originais dos trabalhos impressos de Pierre David encontram-se os dois seguintes que não sabemos se chegaram, de tacto, a ser publicados:

Die Krakavter Uni versi tôt ihre Entwicklung und Bedeutung.

Missions bénédictines de l'an mil entre la Baltique et la Mer Noire.

2) COOUABORIAÇÃO no DICTIONNAIRE D'HISTOIRE ET DE GÉOGRAPHIE ECCLÉSIASTIQUES»

Conjunto de 146 artigos, alguns dos quais, v. g., Bohême e Coïmbre, são estudos desenvolvidos e de muito valor (47).

TOMO um

ANOUA, martyr à Féluse sous Dioclétien. ANOUB, martyr. (ANOUB, moine et anachorète. A N THÉ ON, évêque d'Arsinoé. ANTOINE, évêque de Tamouieh. ANTOINE, évêque d'Athê, martyr sous Dioclétien. ANTOINE, évêque de Bana, martyr sous Diodoïcien. ANTOINE, évêque de Thèbes ('(VDI® siècle). ANTOINE, évêque de Sdoût ou Assioût (XI^e siècle). ANTOINE 'FLAIFEL, évêque de Girgeih. APOLI, martyr égyptien. APOLLINAIRE IH, patriarche orthodoxe d'Alexandrie. «APOLLO, fondateur et abbé de Baouît, IV^e siècle (Cols. 1000-1004). APOLLO, moine de Nitrie. APOLLO, disciple de Pakhome (IV siècle). APOLLO, moine et évêque au IV^e siècle. APOLLO, évêque d'Eleairchiæ, vers 400. APOLLO, évêque égyptien au V^e siècle. APOLLO, abbé du monastère d'Tsaac, près de Hnès '(VI^e siècle). APOLLO, moine, au couvent de Kalamon (VII^e siècle). APOLLONIUS, moine de Nitrie (IV^e siècle). APOLLONIUS, abbé de Temouschôns. APOLLONOPOLIS (MAGNA, évêché égyptien (?). APOLLONOPOLIS PARVA, évêché égyptien. AQFAHS, village d'Égypte dans 'la province de Minieh.

TOMO IIV

ARI, prêtre et martyr d'Égypte sous Diocléioien. ARISTOBULE, évêque de Thmuis, V^e siècle. ARISTON, évêque en Égypte au IV^e siècle. ARIUS, évêque de iSethroïtês, au 'IV^e siècle. ARIUS, évêque de Famopolis, au IV^e siècle. ARRIANUS ((Satrius), gouverneur de 'la Thébaïde, sous Dioclécien. IARSELIDES, anachorète. ARSÈNE, anachorète en Égypte i(IV^e-V^es.). (Gdls. 745-747). ARSÈNE, martyr '(XIV^e s.). ARSÈNE, patriarche melkiite d'Alexandrie (fin du X^e siècle). ARSÈNE, 'évêque d'Hypsêlê '(IV siècle). (Cols. 753-755). ARSÈNE (Saint), évêque de TWER ((Russie). ARSÈNE et son compagnon Lucius, martyrs (IV^e siècle). (ARSINOITE '(Nome). ((Cols. 760-762). ARSINTHIUS, évêque de Terenouth'i en Égypte (fin du IV^e siècle). ARTEMIDORE, martyr. (ARTEMIDORE, évêque de Panopolis, Akhmim, au V^e siècle. ARWAT, évêché d'Égypte dans le Delta. ASBAH, martyr d'Égypte '(IV* siècle). ASCHMOUN, évêché égyptien sur la Mer Rouge. ASCHMOUN ER ROMAN, évêché d'Égypte (Delta). ASCHMOUNEIN, évêché de la Haute-Égypte. ASCHNIN, évêché de la Haute-Égypte. 'ASCLAS, martyr égyptien. ASFAHT, évêché en Haute-Égypte. Asi, anachorète et martyr (IV^e siècle). ASSOUAN, évêché de la Haute-Égypte (Odis. 1143-1145). ATHA-

I(47) Nos artigos mais longos indica-se, entre paréntesis, o número de coluna3 que abrangem.

N ASE et sa soeur Irène, martyrs (IV^o Siècle). (ATHANASE (.111 ?), patriarche jacobite d'Alexandrie (XIII^e siècle). ATHANASE (III^e ?), patriarche melkite d'Alexandrie (début du XIV^e siècle). ATHANASE, évêque d'Athribis en Égypte (V^e siècle). ATHANASE, évêque de Bourlos en Égypte (V^e siècle). ATHANASE, évêque de BUSIRIS en Égypte (V^e siècle). ATHANASE de QLYSMA, martyr. ATHANASE, évêque de Qous, en Égypte (XII^e Siècle). ATHANASE, évêque de THOU en Égypte (V^e Siècle). ATHANASE, évêque 'de Xoïs en Égypte (V^e siècle). ATHAS, évêque de Schedia, en Égypte (IV^e Siècle).

TOMO V

ATHENODORE, évêque égyptien (IV^e siècle). ATHRÉ, anæho-rète égyptien (IV^e siècle). ATHRIBDS, évêché égyptien du 'Delta. ATRIFE, village de 'la Haute-Égypte. AUGUSTAMNIQUE, Province d'Égypte. AUSONE, évêque de Sebennytiis, en Égypte (V^o siècle). AVENTIN, prétendu martyr égyptien.

TOMO VI

BAGAOUAT (EU)¹, ilooaili'té, située à cinq kilomètres au N. de la capitale de ToaSis égyptienne d'El Kargeh. 'BAHNASA, ou *Behnesa*, évêché de la Haute-Égypte. *BAHURA*, *BASURA* et leur mère *ABNIRA*, martyrs en Égypte. BALAMON, évêché die Basse-Égypte. *BALIANA*, *Belianeh*, ou *El Bellianeh*, évêché de la Haute-Égypte. BANA, évêché die 'la Basse-Égypte. Biana, en copte *Panaou*. BANAWAN, évêché de la Basse-Égypte. BAOUT, monastère de la Haute-Égypte. BARMA ou *Berma*, évêché de la Basse-Égypte. BARSANUPHE, *Bar sanou phi*, martyr au 'Carre sous les musulmans. BARSAUMA Le Nu, 'ascète égyptien, XIV^e siècle. BASCHOUR, région du nord de irÉgypte. BASILE, THEODORE et TIMOTHEE, martyrs à Alexandrie, XII^e Siècle. BASILE évêque ¿'OXYRHYNCHUS, VI^e Siècle (?). BASILIDE, *Basilidès* (¿IV^e Siècle). BASSUS, et ses compagnons, martyrs à Alexandrie (lili® siècle). BASTAMMON, évêque égyptien, IV^e siècle. BATATZUNUS, iprétendu moine 'éthiopien.

TOMO VII

BAZALETTA, prétendue salinité d'Éthiopie. BEGOSCH, martyr égyptien (IV^e siècle). IBEHAIRA (El), Eil Beheireh, région d'Égypte 'au nord-ouest du Delta. BELBEIS, évêchié de la Basse-Égypte. BELQA, ville et évêché de la Basse-Égypte. BELQAS, ville et peut-être évêché de la Basse-Égypte. BENJAMIN, moline 'de Nfitrie (IV^e siècle).

TOMO VIII

BERNARD, archevêque latin de HALICZ, en OaliCie (1384-1391). 'BESA, soldat martyr à Alexandrie ((III^e siècle).. BESA, moine et abbé en haute Égypte, au V^e siècle. BESCHAI, soldat martyr à Alexandrie (III^e ou IV^e siècle). BESCHROUT (El) évêchié «égyptien du Delta. BESIA, évêché de la Basse Égypte

(Cals. 1172-1174). BETREFESCH, prétendu évêché égyptien du Delta. BIDA, prétendu évêché d'Égypte. ©(IFAMON, ou *Bitam*, martyr on Égypte au V^m siècle.

TOMO IX

BODZANTA, évêque de CRACOVIE (1348-1366). BODZANTA, archevêque de GNIEZNO <XI^e 'Siècle). BODZANTA «archevêque de 'GNIEZNO (1382-1388). (Cols. 346-347). «BOGUFAL, évêque de POZNAN I(?-1146). BOGUFAL /II, évêque de POZNAN (1240-1253). BOGUFAL III, évêque de POZNAN (1254-1263). BOGUMIL (Bienheureux) '(XII^e «siècle?). (Cols. 415-417). BOGUMIL, archevêque «de Gniezno '(XI^e «Siècle); BOHÊME (Col®. 418-480). BOLBYTHIS, ville et évêché de l'Égypte du 'Nord. BOLESLAS 11^{er}, surnommé *Chrobry* '(le Pieux, le Vaillant). ('Cols. 604-607). BOLESLAS II, dit *Smiary* «(le Hardi). (Cols. 607-608). BOLESLAS III, dit *Krzywousty*(*Bcmdhetorse*). «(Cols. 608-610). BOLESLAS IV, dit *Kendzierzaway* '(le Frisé). BOLESLAS, dit *Wysoki* («le Hong). BOLESLAS, dit *Lysy* '(le Chauve), ou *iRogatka*. BOLESLAS, dit *Pobożny* (le Pieux). BOLESLAS, dit *Wstydlivi* '(le Chaste). BORISLAS, archevêque de Gniezno (1314-1317). BOSSÁT, évêché de la Basse-Égypte. BOUFIS, «évêché de la Haute-Égypte.

TOMO X

BOURLLOS, évêché de la Basse-Égypte. BOUSCHIM, évêché de la Basse-Égypte. BOUTO, évêché de la Basse-Égypte (Cols. 271-272). BRONISLAWA (Bienheureuse) (XIII^e siècle). BRZESKO, abbaye de prémontrés en Pologne. BUSK, couvent de Chanoinesses de Prémontré en Pologne. BYSZEWO, abbaye cistercienne en Pologne.

TOMO XI

CALIXTINS, OU *utraquistes*, faction «modérée des hussites de Bohême. (Cols. 401-406). CASIMIR (Saint), (prince de la dynastie des Jagellons (1458-84). (Cai9. 1283-1284). CASIMIR, duc de CUYAVIE i(PoHogne) (1211-68). CASEMIR, duc d'OppEiN en Sillésie (1178-1229). 'CASIMIR *le Rénovateur*, duc de POLOGNE (1016-68). (Colis. 1285-1287). CASIMIR II *le Juste*, duc «die POLOGNE <1138?-1194). '(Cols. 1287-1289). CASIMIR *le Grand*, roi «de Pologne (1310-1370). (Cols. 1289-1294). «CASIMIR IV *Jagellon*, roi de POLOGNE <1427-92). (Cols. 1294-1298). CASIMIR, duc de ISETTIN en (Poméranie »(1345-77). CASLAS, évêque de Cracovie (1101-03).

TOMO XII

CESLAS (Bienheureux), frère prêcheur (fl242).

TOMO XIII

COÏMBRE: I — Ville: 1.° Conimbriga et IAemindum; 2.° cathédrale et églises; 3.° Établissements religieux. II—Le Diocese, III — L'Université (cols. 204-212). CRESCONIUS, «évêque de Coïmbre (1088-98).

3) RECENSÕES CRÍTICAS

— *Livro Verde da Universidade de Coimbra* OGarulário do século XV). Leitura, 'revisão e 'prefácio d'e Aintómio Gomes da iRocha 'Mada h il. iCoimbra, 1940. Io «Buli. dos Études IPort.» (1941), ipp. 129-130.

— 'GARL ERDMANN— *Maurício Burdino* -(Gregório VMI), Coimbra, 1940. *Ibidem*, ipp. 130-132.

— *Revista Portuguesa de História*, Tome I. 'Coimbra, 1941. *Ibidem*, pp. 144-146.

— A. DE IMAGALHÃES BASTO — *Fernão Lopes. Suas crónicas perdidas e a crónica geral do Reino*. A iproipósito dumia crónica quatrocentista inédita dos cinco primeiras reis de 'Portugal. 1943. *Ibidem*, Odimbra, 1943, pp. 182-183.

— *Coimbra*. 'Collectanea de estudos organizada pello Instituto de Coimbra e dedicada à memória do seu consócio honorário 'Dr. Augusto (Mendes Simões de Castro. Coimbra, 1943. *Ibidem*, pp. 183-186.

— PEDRO (ALVARES -NOGUEIRA — *Livro das vidas dos bispos da Sé de Coimbra*, dido, prefaciado e publicado por António 'Gomes da Rocha 'Madaihil. Coimbra, 1942. *Ibidem*, pp. 186-189.

— AUGUSTO MAGNE — *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro, 1944. 3 vols.. *Ibidem*, Coimbra, 1945, pp. 235-239.

— HENRIQUE DA GAMA BARROS — *História da Administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*. 2.^a edição dirigida por Torquato de Sousa Soares. Tomos I e II. *Ibidem*, pp. 239-242.

— LOURENÇO CHAVES DE AILMEIDA — *Os túmulos de Alcobaca e os artistas de Coimbra*. Lisboa, 1944. *Ibidem*, pp. 243.

— *Oppidum Romano de Conimbriga. Boletim da Direcção Geral dos edificios e monumentos nacionais*. ;LIT-LIII, 1948. *Ibidem*, 1950, pp. 321-324.

— *Martini episcopi Bracarensis opera omnia* edidit CLAUDE W. BARLOW. London, Oxfor University Press, 1950. *Papers and monographs of the American Academy in Rome*, volume XII. *Ibidem*, Coimbra, 1951, pp. 207-216.

— ALFREDO FERNANDES MARTINS — *A Porta do Sol, contribuição para o estudo da cerca medieval*. '9ep. de *Biblos*, vol. XXVIII, Coimbra, 1952. *Ibidem*, pp. 216-217.

Q. S. FL. TERTULLIANI, *De Anima*, edited with introduction and oommentary by J. H. Waskànk. Amsterdam, 1947. In «Humanitas» Vol. II, (Coimbra, 1948-1949), pp. 478-479)..

JAQUES (PERRET, *Siris, Recherches critiques sur Vhistoire de la Siritide avant 433/2*—CoMecotion d'études anciennes publiées sous ile patronage de l'Association G. Budé. 'Paris, 1941. *Ibidem*, pp. 519-520.

J. 'MARTÍNEZ .SANTA-OLALLA, *Esquema paleontológico de la Peninsula Hispánica*. Madrid, 1946. *Ibidem*, Vol. III (1950-51), pp. fQXXIIILi-iCXXV.

Q. S. Fl. *Tertulliani Opera*, em «*Corpus Latinorum*». Tumholt (Bélgica), 1953. *Ibidem*, Vois. V-VI '(1952-1954), pp. LU.

ERIK WISTRAND, *Konstantins Kirche am heiligen Grab in Jérusalem nach den älte&ten literarischen Zeugnissen*. Gotemburgo, 1952. *Ibidem*, p. LIII.

ANDOLF, SVBN, «*Floovant*», *chanson de geste du XII^e siècle*, publié avec

introduction, notes et glossaire. Uipsáilia, 1941. In «Revista Portuguesa de Filologias I (Coimbra, 1948); pp. 522-524.

•SUWE, INGEARD, *La Vida de Sant Honorat, poème provençal de Reinsond Feraud*, publié d'après tous les manuscrits. Uipsáilia, 1943. *Ibidem*, (pp. 524-527).

WESTBERG, KRIK, *La Vie de Saint Jean VÉvangéliste, poème religieux du XIII^e siècle*, publié d'après tous les manuscrits. Uipsáilia, 1943. *Ibidem*, pp. 527-528.

'MAHIEU LE VILAIN, *Les Metheores d'Aristote*. Traduction diu XIII^e siècle publiée pour la primlière fois ipar Rolf Edgrem. Upsáilia, 1945.

Ibidem, Vol. III, pp. 293-295.

IP. GROULT ET V. EMOND, *Anthologie de la littérature française du moyen âge, des origines à la fin du XIII^e siècle. I — Textes; II — Notes et glossaire. Gembloux (Belgica), 1949.*

Ibidem, Vol. DU (iCoimbra, 1949-1950), pp. 297-298.